

**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA**



Instituto Superior de Ciências  
do Trabalho e da Empresa

**INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA**



**Relatório de pós-doutoramento**

**SERVIÇO SOCIAL**

Volume I

Ricardo Manuel das Neves Vieira

Orientador:  
Professor Doutor Juan Mozzicafreddo

Dezembro de 2008



**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA**



Instituto Superior de Ciências  
do Trabalho e da Empresa

**INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA**



**PÓS-DOCTORAMENTO EM SERVIÇO SOCIAL**

**Relatório Final**

de

Ricardo Manuel das Neves Vieira

Volume I

Orientador:

Professor Doutor Juan Mozzicafreddo

Dezembro de 2008

## Índice Geral

<b>Volume I</b>	Pág
I Parte	
<i>Relatório geral</i>	
Introdução	1
Relatório geral	5
Serviço Social e Interdisciplinaridade	25
II Parte	31
<i>Cabelos Brancos e Rugas, Conhecimento e Sofrimento: um estudo etnobiográfico sobre subjectividades e projecto de vida de idosos</i>	
Introdução	32
O envelhecimento demográfico	32
A problemática do envelhecimento	36
Velhice, fenómeno social e individual	47
Velhice e políticas sociais	51
Estudo sobre idosos em contextos diferenciados	58
1.º caso – aposentado com 60 anos	58
2.º caso – Viver não custa. Custa é saber viver	69
3.º caso – O apoio domiciliário na perspectiva do idoso	85
4.º caso – A dependência do idoso	88
Notas conclusivas	96
Bibliografia	99
Webgrafia	108
III Parte	
<i>Anexos</i>	109
<b>Volume II</b>	
IV Parte	
<i>Publicações</i>	
Índice de Publicações	
Publicações	

## **Introdução**

O Presente Relatório dá conta das actividades desenvolvidas num pós doutoramento em serviço social, no ISCTE, departamento de sociologia, orientado pelo Professor Doutor Juan Mozzicafreddo ao longo dos anos lectivos de 2006/07 e 2007/2008.

O pós doutoramento surge na sequência dos contactos estabelecidos com o ISCTE e, em particular, com o Professor Doutor Juan Mozzicafreddo, desde Março de 2006, após a minha defesa da Agregação em Antropologia no ISCTE, e no seguimento da abertura do 1.º doutoramento em Serviço Social, em Portugal, em instituições públicas, numa parceria do ISCTE com o Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa, apoiado na aplicação/reconversão da minha pesquisa em Antropologia e Sociologia para a área do Serviço Social.

Este interesse decorre do meu envolvimento nesta área de investigação, e de acção, que culminou com a proposta e aprovação da licenciatura em Serviço Social para a Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Leiria, em 2002, primeira em instituições públicas em Portugal Continental.

Fui o primeiro Director dessa Licenciatura em Serviço, na ESE-IPL. O Presidente do Instituto Politécnico de Leiria, Professor Doutor Luciano de Almeida, havia estimulado os doutores a fazerem alguma reconversão científica por forma a sustentarem os novos cursos emergentes no IPL.

Em 2002, portanto, a Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Leiria (ESE-IPL), entretanto transformada em Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS), tornou-se a única instituição pública em Portugal Continental a leccionar a Licenciatura em Serviço Social. A criação desta

licenciatura fundamentou-se na necessidade de formar técnicos de serviço social para intervir em todo o país e, em particular, na região centro e na região de Leiria.

O trabalho de docência neste curso de Serviço Social tem-se fundamentado numa concepção de intervenção social que abarca não só a visão tecnicista do serviço social mas, também, a da flexibilidade profissional dentro do âmbito do serviço e políticas sociais.

Com o curso de Serviço Social, o IPL tem pretendido formar técnicos que deverão possuir conhecimentos tão vastos quanto possível no domínio das Ciências Sociais, sem perder a objectividade e a particularidade do Serviço Social, o que lhes permitirá actuar nas mais diversas organizações.

De uma forma genérica, estes técnicos deverão também assegurar a pesquisa, a recolha e tratamento de informação e deverão estar aptos a intervir em contextos sociais problemáticos.

Hoje em dia, as políticas sociais constituem parte integrante das modernas políticas de gestão e visam o bem-estar dos cidadãos, das famílias, dos grupos, das empresas e da sociedade em geral. São indissociáveis do Estado de Direito democrático e do desenvolvimento das comunidades. E o Instituto Politécnico de Leiria quer-se como um motor desse desenvolvimento sustentável.

Paralelamente ao ensino do Serviço Social, o IPL, através do CIID – Centro de Investigação Identidade(s) e Diversidade(s), acreditado na FCT - tem desenvolvido investigação na área da caracterização social, económica, demográfica e cultural da região de Leiria, através de projectos vários. Em curso estão vários produtos finais em multimédia e em formato de texto que dão conta da compreensão destas realidades e das políticas sociais adequadas à intervenção social em cada uma delas.

Neste contexto, apresentei, então, a 23 de Fevereiro de 2006, um pedido (Anexo I) e projecto ao Prof. Doutor Juan Mozzicafredo, Professor Catedrático do ISCTE, para ser meu orientador de pós doutoramento no ISCTE, a iniciar em

Setembro de 2006, que incluía, grosso modo, um aprofundar das minhas pesquisas realizadas a propósito das Identidades Pessoais e Profissionais, aplicadas agora à identidade de imigrantes e a idosos. O Professor Juan Mozzicafredo, a quem agradeço toda a atenção e orientação prestadas, aceitou a orientação e a proposta de projecto a 1 de Março de 2006 (Anexo II).

Embora o pós doutoramento só tenha vindo a ser aprovado formalmente em 9 de Novembro de 2007 (Anexo III), por ofício do Presidente do ISCTE, Professor Doutor Luís Antero Reto, ao abrigo do protocolo estabelecido entre o ISCTE e o IPL, em 6 de Julho de 2004, em termos de doutoramentos, Agregações e pós doutoramentos, o meu trabalho de pós doutoramento ultrapassa o período de 2 anos lectivos, 2006/2007 e 2007/2008, pois terminou no mês de Dezembro de 2008.

A par da(s) pesquisa(s) realizada(s) com a identidade, quer com imigrantes quer com idosos, e que se traduz na participação em diversos encontros nacionais e internacionais e na publicação de vários artigos, houve uma grande aposta na Internacionalização como se pode observar no capítulo relativo ao relatório Geral.

Este Relatório de pós doutoramento em serviço social é constituído por dois volumes e por 4 partes depois da presente introdução à qual se segue uma pequena reflexão sobre a interdisciplinaridade no Serviço Social:

a primeira parte que enumera sumariamente as actividades desenvolvidas nesse período, incluindo Investigações, Comunicações em Congressos Nacionais e Internacionais, publicações nacionais e internacionais e coordenações científicas; a segunda parte que apresenta um estudo etnobiográfico com idosos em contextos diferenciados e que continua em curso com vista a uma publicação no ano de 2009;

a terceira parte, que contém os anexos referenciados no presente texto.

a quarta parte que constitui o 2.º volume do relatório e que encerra todos os textos de artigos, comunicações, livros e estudos realizados neste período e que

se integram, de alguma forma, no trabalho do Serviço Social enquanto domínio multidisciplinar de intervenção e investigação, quer sejam mais próximos da problemática da imigração, das idosos ou da educação e diversidade cultural. Em todos eles há uma opção metodológica pelo trabalho biográfico, etnobiográfico, histórias de vida, compreensão e interpretação dos dados.

## **Pós-Doutoramento em Serviço Social**

**De:** Ricardo Vieira – [rvieira@esel.ipleiria.pt](mailto:rvieira@esel.ipleiria.pt)

**Orientador:** Prof. Doutor Juan Mozzicafredo

**ISCTE** – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa

### **Relatório Geral de Actividades**

Anos lectivos 2006-07 e 2007-08

## **1. FORMAÇÃO ACADÉMICA**

**2007-2008** Diploma de *posgrado* em “Dirección Estratégica de Universidades”, com uma duração de 136 horas. Diplomado pela Universidade Politécnica da Catalunha, Cátedra da Unesco, em 26 de Março de 2008.

## **2. ACTIVIDADES PEDAGÓGICAS**

### **DOCÊNCIA E ELABORAÇÃO DE PROGRAMAS**

#### **DOCTORAMENTOS**

---

#### DOCÊNCIA

**2007-2008** Docência da unidade curricular de “identidades, multiculturalidade e profissionalidade” do doutoramento em ciências da educação, Universidade Lusófona de Lisboa.

Seminário para os alunos do curso de doutoramento em Serviço Social, Coordenado pelo Professor Doutor Juan Mozzicafredo, protocolo ISCTE/ISSS/Lusíada, “Cidadãos entre margens e identidades reconfiguradas: o trabalho social com imigrantes”, 23 de Maio de 2008.

## MESTRADOS E PÓS-GRADUAÇÕES

---

### DOCÊNCIA

- 2008/2009** Animador de 2 seminários do Mestrado em Ciências da Educação, especialidade de Educação e Diversidade Cultural, Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, 21 e 27 de Dezembro de 2008.
- 2005/2008** Colaborador da Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Mestrado em Ciências da Educação, especialidade de Educação e Diversidade Cultural.
- 2007** Animador dum seminário do Mestrado em Ciências da Educação na FCSH-UNL – dirigido pelo Prof. Doutor António Candeias, 10 de Janeiro de 2007.

### ELABORAÇÃO DE PROGRAMAS

- 2007-2008** Identidades, Multiculturalidade e Profissionalidade, Módulo do doutoramento em Ciências da Educação, Universidade Lusófona de Lisboa.
- 2005-2007** Questões Aprofundadas de Socioantropologia da Educação e Seminário de Acompanhamento, Plano de Estudos do Mestrado em Ciências da Educação, especialidade em Educação e Diversidade Cultural, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto.

## 3. Cargos de Gestão

- 2006-2007** Presidente, por eleição, do Conselho Científico da E.S.E.L. - Escola Superior de Educação do I.P.L. – Instituto Politécnico de Leiria, 7 de Setembro de 2006 a 06 de Setembro de 2007.
- 2005-2008** Co-Coordenador do Mestrado em Ciências da Educação, especialidade de Educação e Diversidade Cultural, parceria entre a E.S.E.L. – Escola Superior de Educação do I.P.L. – Instituto Politécnico de Leiria e a F.P.C.E. - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da U.P. - Universidade do Porto.

## 4. ACTIVIDADES CIENTÍFICAS

### 4.1 Cargos de Coordenação Científica

- 2008/2009** Membro cooptado da Comissão de Reconhecimento de Graus Académicos, DGES – Direcção Geral de Ensino Superior, Decreto-Lei 341/2007.
- 2007/2008** Promotor Nacional de Bolonha ([www.dges.mctes.pt](http://www.dges.mctes.pt)) inserido nos membros do Grupo Nacional de Peritos de Bolonha, juntamente com os Professores Doutores António de Brito Ferrari (U. Aveiro), Jorge Carvalhal (ISG–APESP), José Luís Cardoso (ICS–U. Lisboa), Sebastião Feyo de Azevedo (FEUP), Ventura de Mello-Sampayo (INUAF–APESP) e o estudante Natanael José Carvalho da Vinha (FAIRE).
- 2007-?** Coordenador científico do CIID - Centro de Investigação Identidades e Diversidades, unidade de investigação do Instituto Politécnico de Leiria, aprovada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- 2005-2007** Coordenador científico da equipa portuguesa do projecto internacional GET-IN! (<http://www.get-in.info>), aprovado pela Comissão Europeia, em parceria com a Holanda, Inglaterra, Suécia, Hungria, Turquia, Portugal, França e Alemanha, que pretendeu fomentar a cidadania europeia, combater a discriminação e exclusão sociais e incentivar a participação e envolvimento dos alunos, em especial do sexo feminino, em projectos internacionais nas temáticas da comunidade europeia.
- 2005/2007** Coordenador do CET - Curso de Especialização Tecnológica em Serviço Social e Desenvolvimento Comunitário, FOR.CET - I.P.L. - Instituto Politécnico de Leiria.

### 4.2. Investigação

- 2006-2009** “Partir, chegar, voltar: Brasileiros em Portugal”, videograma sobre a reconstrução identitária de imigrantes brasileiros em Portugal, CIID-IPL.
- 2006-2008** Pós doutoramento em Serviço Social, com uma pesquisa intitulada “Cabelos brancos e rugas, conhecimento e sofrimento: um estudo etnobiográfico sobre subjectividades e projecto de vida de idosos”, Lisboa: ISCTE.
- 2006** Constituição da Unidade de Investigação CIID – Centro de Investigação Identidade(s) e Diversidade(s), no âmbito do INDEA – Instituto de Investigação, Desenvolvimento e Estudos Avançados, do I.P.L. – Instituto Politécnico de Leiria, apresentada à FCT.

### 4.3 Publicações

#### LIVROS

---

- 2009** *Diferenças, Desigualdades, Exclusões e Inclusões*, Porto: Edições Afrontamento (Org. e co-autor) (no prelo).  
*Património e Identidade*, Porto: Editora Profedições (Org. e co-autor) (no prelo).  
*Identidades Pessoais: interações, campos de possibilidade e metamorfoses culturais*, Porto: Editora Afrontamento (no prelo).  
*Educação e Diversidade Cultural: propostas para uma antropologia da educação*, Porto: Edições Papiro (no prelo).
- 2008** *(Auto)Biografia: formação, territórios e saberes*, Natal /RN: EDUFRN e Paulus (co-autor).  
*Vozes da Educação: memórias, histórias e formação de professores*, Rio de Janeiro: DP et Alii Editora Lda. e UERJ (co-autor).
- 2007** “Prefácio” ao livro de Américo Oliveira, *O Maravilhoso Mundo das Adivinhas Moçambicanas*, Porto: Profedições.

- 2006 “Da Construção Identitária do Professor”, in SHUCK, R.; MUNHOZ, A.; FELDMAN, D. (Org.). *Aproximações sobre o sujeito moderno: traçando algumas linhas...*, Lajeado: UNIVATES.

## ARTIGOS CIENTÍFICOS

---

- 2009 Trajectórias Sociais e Identidades Pessoais: Imigrantes Brasileiros em Portugal” in VIEIRA, R. e MAGALHÃES, F. (Org.) *Património e Identidade*, Porto: Profedições. (no prelo).
- “Reconfigurações Identitárias De Imigrantes Em Portugal” in *Actas do X Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, Universidade do Minho.
- “A Terra e o Mar – Os Camponeses” in VIEIRA, R. e MAGALHÃES, F. (Org.) *Património e Identidade*, Porto: Profedições. (no prelo).
- VIEIRA, R *et all.* (2009). “ Envelhecimento e Autonomia: a importância do projecto de vida” In VIEIRA, R.; MARGARIDO, C.; e MENDES M. (Org.) *Diferenças, Desigualdades, Exclusões e Inclusões*, Porto: Edições Afrontamento. (no prelo).
- “To become a teacher is a metaphor. Metamorphoses in teachers’ identity”, in *Anthropology and Education Quarterly*, EUA. (no prelo).
- 2008 “As histórias de vida como instrumento de investigação e (auto)formação de professores, imigrantes e idosos”, in PASSEGGI, M.C. e SOUZA, E. (Org.) (2008). *(Auto)Biografia: Formação, Territórios e Saberes*, Natal /RN: EDUFRN e Paulus.
- “Identidades, histórias de vida e culturas escolares: contribuições e desafios para a formação de professores” in BRAGENÇA, Inês *et all.* (Orgs.). *Vozes da Educação: memórias, histórias e formação de professores*, Rio de Janeiro: DP et Alii Editora Lda. e UERJ.
- “Migration, Culture and Identity in Portugal”, com José Trindade, in *Language and Intercultural Communication* Vol. 8, No. 1.
- “Etnia Cigana e Educação Especial: representações e práticas da Escola”, com COSTA, José Paulo in CRUZ, Fernando (Org.) *Actas do III Congresso Internacional de Etnografia*, Cabeceiras de Basto: AGIR, DVD – ISBN 978-989-8170-00-2.

“A entrevista biográfica na (re)construção de cinco histórias de ser e se tornar idoso(a)”, com COZINHEIRO, Sofia in CRUZ, Fernando (Org.) *Actas do III Congresso Internacional de Etnografia*, Cabeceiras de Basto: AGIR, DVD – ISBN 978-989-8170-00-2.

“As elites e a construção das regiões em Portugal: A entrevista como modo de entendimento dos seus discursos”, com MAGALHÃES Fernando in CRUZ, Fernando (Org.) *Actas do III Congresso Internacional de Etnografia*, Cabeceiras de Basto: AGIR, DVD – ISBN 978-989-8170-00-2.

“Trajectórias Pessoais e Identidade(s) Profissionais: o caso dos Assistentes Sociais”, com MARGARIDO, Cristóvão, Fernando (Org.) *Actas do III Congresso Internacional de Etnografia*, Cabeceiras de Basto: AGIR, DVD – ISBN 978-989-8170-00-2.

“Mulheres em diáspora: margens culturais e busca de sentidos através da entrevista etnobiográfica”, com MENDES, Maura in CRUZ, Fernando (Org.) *Actas do III Congresso Internacional de Etnografia*, Cabeceiras de Basto: AGIR, DVD – ISBN 978-989-8170-00-2.

“Dizem-nos Iguais ...Inventamo-nos Diferentes! A Narrativa de Si como estratégia de construção da diferença na generalidade”, com MIRANDA, Isabel in CRUZ, Fernando (Org.) *Actas do III Congresso Internacional de Etnografia*, Cabeceiras de Basto: AGIR, DVD – ISBN 978-989-8170-00-2.

“A entrevista em Grupo: formas de desocultar representações e práticas de ser mediador escolar”, com VIEIRA, Ana in CRUZ, Fernando (Org.) *Actas do III Congresso Internacional de Etnografia*, Cabeceiras de Basto: AGIR, DVD – ISBN 978-989-8170-00-2.

**2007** “A reconstrução de si: percursos de educação/formação em contextos de acentuada diversidade”, in *Políticas de Educação/Formação: Estratégias e Práticas*, Lisboa: CNE.

**2006** “Processo Educativo e contextos culturais: notas para uma antropologia da educação”, in revista *Educação*, nº 3, Setembro/Dezembro 2006, ano XXIX, Porto Alegre – RS, pp. 525-535.

**Jornais Nacionais de Educação Sociedade e Cultura**

- 2008**      [“Quem és? Donde és? Onde vives? O Gerúndio do viver”](#) in *Jornal "a Página"*, ano 17, nº 184, Dezembro 2008, p. 17.
- [“A educação e os media”](#), com Ana Vieira, in *Jornal "a Página"*, ano 17, nº 183, Novembro 2008, p. 17.
- [“O pão suado mata a fome”](#) in *Jornal "a Página"*, ano 17, nº 182, Outubro 2008, p. 17.
- [“Da \(in\)comunicação nos sistemas de ensino: breve apontamento”](#), com Ana Vieira in *Jornal "a Página"*, ano 17, nº 181, Agosto/Setembro 2008, p. 17.
- [“Educação, escola, aprendizagem e ensino”](#) in *Jornal "a Página"*, ano 17, nº 180, Julho 2008, p. 17.
- [“Dar e Receber: conteúdo, forma e mudança na vida dos professores”](#) in *A Página da Educação*, ano 17, nº 179, Junho 2008, p. 17.
- 
- 2007**      “O Gaiato que amava a escola e o sentido de justiça”, in *A Página da Educação*, ano 16, nº 167, Maio 2007, p. 24.
- “Antes e depois de Bolonha, ser professor: Ciência, Arte e Estatuto”, in *A Página da Educação*, ano 16, nº 166, Abril 2007, p. 24.
- 
- 2006**      “Escola, Educação e Ensino: incursões reflexivas a propósito da adequação ao processo de Bolonha” com Ana Vieira, in *A Página da Educação*, ano 15, nº 162, Dezembro, p. 17.
- “Educação e Trabalho Social na Escola”, in *A Página da Educação*, ano 15, nº 157, Junho, p. 17.
- “Ser Voluntário...”, in *A Página da Educação*, ano 15, nº 156, Maio, p. 17.
- “Ser Professor: Ensino e aprendizagem da profissão?”, in *Jornal da Fenprof*, nº 209, Maio, p. 26.

- 2000-2008** Coordenador da Rúbrica “E Agora Professor” do Jornal “A Página da Educação”, Jornal de Educação, Sociedades e Culturas, mensário online e em papel, [www.apagina.pt](http://www.apagina.pt).
- 2003-2007** Membro do Conselho Editorial da “Educação Sociedade e Culturas”, revista da Associação de Sociologia e Antropologia da Educação.

## PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS

---

- 2006- 2009** “*Partir, Chegar, Voltar - Brasileiros em Portugal, Portugueses no Brasil – reconfigurações identitárias*”, documentário em DVD, 60 minutos, em co-autoria. (em curso).

### 4.4 Prémios

- 2006** Troféu António Serrano, categoria CULTURA 2006, Jornal O ECO, Pombal, 24 de Novembro.

### 4.5 Participação em Júris

## ARGUÊNCIA DE TESES - DOUTORAMENTO

---

- 2008** Júri de doutoramento de Teresa Seabra, em Sociologia, Especialidade em Sociologia da Comunicação, da Cultura e da Educação, com tese intitulada “Desempenho Escolar, Desigualdades Sociais e Etnicidade: os descendentes de imigrantes indianos e cabo-verdianos no ensino básico em Portugal”, defendida a 19 de Dezembro, no ISCTE, sendo o júri constituído pelo Professor Doutor José Manuel Viegas (Presidente), Professor Doutor Fernando Luís Machado (orientador), Professora Doutora Maria Manuel Vieira (arguente), Professor Doutor Ricardo Vieira (arguente), Professor Doutor Rui Pena Pires (arguente), Professor Doutor José Manuel Resende (arguente).

Júri de doutoramento de Eva Aparecida da Silva, Área Científica de Ciências Humanas e Sociais, Educação, UNICAMP – Brasil, com tese intitulada “Professora Negra e prática docente com a questão étnico-racial: a “visão” de ex-alunos” defendida a 19 de Junho de 2008, sendo o júri constituído pelos Professores Doutores Neusa Maria Mendes de Gusmão (Orientador(a)) – FE/UNICAMP, Wivian Jany Weller (Membro Titular) – UNB, Olga Rodrigues de Moraes Von Simson (Membro Titular) – FE/UNICAMP, Débora Mazza (Membro Titular) – FE/UNICAMP e Ricardo Manuel das Neves Vieira (Membro Titular)–CIID-IPL/Portugal.

**2007** Júri de doutoramento de Susana Heriques, em Sociologia da Comunicação, com tese intitulada “Cultura e Educação, Imagem Mediática dos Consumos: Mediação do Jornalismo de Mercado na Construção Social dos Estilos de Vida”, defendida a 12 de Julho, no ISCTE, sendo o júri constituído pelo Professor Doutor José Manuel Viegas (Presidente), Professor Doutor António Firmino da Costa (orientador), Professor Doutor Ricardo Vieira (arguente), Professora Doutora Cristina Ponte (arguente) e Professor Doutor Paquete de Oliveira. (arguente).

Júri de doutoramento de José Francisco de Resende Carreiro, Área Científica de Ciências Humanas e Sociais, com tese intitulada “A Religião nos contextos de formação: uma abordagem intercultural”, defendida a 20 de Julho, na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, sendo o júri constituído pelo Reitor da UTAD (presidente), Professor Doutor Manuel Rosa Gama, Professora Doutora Maria Conceição Costa Azevedo, Professor Doutor Américo Nunes Peres (orientador), Professor Doutor Ricardo Manuel das Neves Vieira (arguente), Professor Doutor Carlos Fernandes Maia (arguente), Professor Doutor Joaquim José Jacinto Escola (arguente), Professor Doutor José Rui da Costa Pinto (Arguente Principal) e Professor Doutor Manuel da Silva Rodrigues Linda. (arguente).

**2006** Júri de doutoramento de Ana Lúcia Gomes de Moraes, em Ciências da Educação, com tese intitulada “Construções de Sentidos e Práticas de Avaliação: um estudo etnográfico em escolas públicas e particulares da cidade do Recife”, defendida a 15 de Dezembro, na Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, sendo o júri constituído por: Professor Doutor José Alberto Correia; Professora Doutora Luíza Cortesão; Professor Doutor Ricardo Manuel das Neves Vieira (arguente); Professora Doutora Teresa Vasconcelos

(arguente).

## ARGUÊNCIA DE TESES - MESTRADO

---

**2008** Júri de Lina Carla Mendes Nicolau em Ciências da Educação, em Ciências da Educação, especialidade de educação e diversidade cultural , com tese intitulada “Da escola atribuída à escola reclamada: o lugar da escola na construção das identidades pessoais dos jovens”, defendida a 21 de Janeiro de 2008, na FPCE-UP, sendo o júri constituído por Professor Doutor Ricardo Vieira (presidente), Professor Doutor António Magalhães (orientador) e Professor Doutor José Alberto Correia. (arguente).

Júri de Hélia Maria Matos Santos, em Ciências da Educação, com tese intitulada “Olhar de Professor face à diversidade cultural na prática escolar do ensino fundamental: um estudo de caso”, defendida a 13 de Fevereiro de 2008, na Universidade Lusófona de Lisboa, sendo o júri constituído por Professor Doutor António Teodoro (presidente), Professor Doutor Otávio Mendonça (orientador); Professor Doutor Ricardo Manuel das Neves Vieira (arguente).

Júri de Orlanda Maria de Oliveira Rodrigues, em Antropologia – Especialidade em Educação, com tese intitulada “O melhor do mundo são as crianças” ou o valor de uma criança”, defendida a 29 de Julho no ISCTE, sendo o júri presidido por: Professor Doutor Brian O’Neill (Presidente); Professor Doutor Raúl Iturra (Orientador); Professor Doutor Ricardo Manuel das Neves Vieira (arguente).

Júri de Cristina Pais, em Ciências da Educação, especialidade de educação e diversidade cultural , com tese intitulada “As relações pluriétnicas entre crianças com origens culturais diversas – portuguesa, russa, cabo-verdiana e cigana – num jardim de infância”, defendida a 5 de Dezembro de 2008, na FPCE-UP, sendo o júri constituído por, Professor Doutor António Magalhães (Presidente), Professora Doutora Manuela Ferreira. (Orientadora) e Professor Doutor Ricardo Vieira (arguente).

**2007** Júri de Geovani de Jesus Silva, em Ciências da Educação, com tese intitulada “A Dança das Identidades: dinâmicas e desafios no cotidiano dos jovens da periferia”, defendida a 10 de Janeiro, na

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, sendo o júri constituído por: Professor Doutor António Fernando dos Santos Neves; Professor Doutor António Teodoro; Professor Doutor Ricardo Manuel das Neves Vieira (arguente).

Júri de Rita Maria Ribeiro Fernandes Gonzalez, em Ciências da Educação, especialidade de Educação Diversidade Cultural “- Contra canhões, batatas e feijões... a invisibilidade dos corpos de crianças de idade escolar no quotidiano de um ATL”, (arguente), Porto – FPCE-UP, 30 de Julho.

Júri de José António Nogueira Souto Amaro Pereira, “A estrutura dos serviços aduaneiros nacionais no contexto da união europeia: uma abordagem contingencial”, (arguente), Universidade de Aveiro, 20 de Julho.

Júri de Maria Cristina Alçada, em Ciências da Educação, especialidade de Educação e Diversidade Cultural, “Índios de Pardilhó – Um estudo de caso num TEIP”, (arguente), Universidade do Porto, FPCE-UP, 12 de Outubro.

**2006**

Júri de Vitória Livovna Mirotshnik, em Ciências da Educação, com tese intitulada “Integração e escola em populações imigrantes da ex-URSS (parte europeia)”, defendida a 19 de Outubro, na Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, sendo o júri constituído por: Professora Doutora Maria Fernanda Alegre Marcelo; Professor Doutor António Candeias; Professor Doutor Ricardo Manuel das Neves Vieira (arguente).

Júri de Maria Rita Brito Monteiro, em Ciências da Educação, especialidade em Educação, Comunicação e Linguagem, com tese intitulada “Histórias de vida de adultos com percursos formativos não tradicionais: impactos da tomada de decisão de ingressar no Ensino Superior”, defendida a 12 de Julho, na Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, sendo o júri constituído por: Professor Doutor Luís Bernardes; Professora Doutora Maria Alcina Lajes; o Professor Doutor Ricardo Manuel das Neves Vieira (arguente).

## PROVAS PÚBLICAS DE APTIDÃO CIENTÍFICO-PEDAGÓGICA

**2008**

Vogal do Júri do Concurso de Provas Públicas para Professor Coordenador da ESAD-IPL, área de Estudos Culturais e

Património, nos dias 3, 4 e 5 de Novembro de 2008. O júri foi composto pelas Professoras Doutoradas Magda Pinheiro, Professora Catedrática do ISCTE e Amélia Andrade, Professora Associada com Agregação da FCSH-UNL. A vaga de Professor Coordenador foi ocupada pelo Dr. João Bonifácio Serra.

Vogal do Júri do Concurso de Provas Públicas para Professor Coordenador para a Área Científica de Línguas e Ciências Sociais, grupo disciplinar de Ciências Sociais, com incidência em Antropologia Cultural e Social, do quadro de pessoal do ensino politécnico da Universidade do Algarve, aberto pelo edital publicado no Diário da República, 2.ª Série, n.º 196, de 12-10-2005, conjuntamente com os Doutores: Francisco Ramos, Professor Catedrático com Agregação da Universidade de Évora; José Eduardo Capa Horta Correia, Professor Catedrático da Universidade do Algarve; Nuno Gonçalo Viana Pereira Ferreira Bicho, Professor Associado com Agregação da Universidade do Algarve, 9 e 10 de Julho de 2008. A vaga de Professor Coordenador foi ocupada pela Doutora Aurízia Anica.

## OUTROS JÚRIS

---

- 2008** Vogal do Júri do concurso público para Professor Adjunto para a área científica de Serviço Social da ESE-IPLeia, 1 de Abril.
- Presidente do Júri do concurso público para Professor Adjunto para a área científica de Sociologia do Desenvolvimento da ESE/IPCoimbra, 10 de Março.

## 4.6 Orientação de Teses e Dissertações

### DOCTORAMENTO

---

#### Teses em Curso

- 2008/2011** Adriano Dias Pedro, Ciências da Educação, “Identities Profissionais de Enfermeiros”, Universidade Lusófona de Lisboa (co-orientação em curso).
- 2007/2010** Cristóvão Adelino Ribeiro Margarido, Serviço Social, “Assistentes Sociais: Trajectórias Pessoais, (Re)construção Identitária, Representações e Práticas Profissionais”, Universidade Católica (orientação em curso).
- 2005/2009** Fernando Magalhães, Antropologia, Museologia e Património, “Património, Espaço, e Identidade: o caso da região de Leiria”,

ISCTE (co-orientação em curso).

- 2008/2011** Sara Mónico, Antropologia da Educação, “Os desencantos e encantos do saber escolar para jovens e adultos”, ISCTE (co-orientação em curso).
- 2008/2011** Adélia Lopes, Ciências da Educação, “A liderança em escolas do ensino Básico”, FPCE-UP (co-orientação em curso).
- 2008/2011** Maria Aparecida Cabral Tavares de Santana, Saúde Pública ISC/UFBA - Instituto de Saúde Colectiva/ Universidade Federal da Bahia, Brasil (co-orientação em curso).

## MESTRADO

---

### Teses em curso

**2008**

Cristina Valentim, Mestrado em Antropologia Social e Cultural, *Mediação Cultural e Conflitualidade no Mundo Contemporâneo, “Identidades em situação de diáspora”* Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Departamento de Antropologia.

Paula Patrício, Ciências da Educação, especialidade em Educação e Diversidade Cultural, com tema sobre a construção da identidade sexual dos jovens, Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.

Elisabete Neto, Ciências da Educação, especialidade em Educação e Diversidade Cultural, com tema sobre o sucesso escolar de crianças oriundas de meios desfavorecidos, Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.

### Teses Terminadas

**2008**

Kleber Rocha, Ciências da Educação, especialidade em Educação e Diversidade Cultural, com tese intitulada “A Formação Identitária pelo Discurso Militarizado”, Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. (Defendida em 27/11/2008).

Maura Mendes, Ciências da Educação, especialidade em Educação e Diversidade Cultural, com tese intitulada “Mulheres

em Diáspora: Narrativas Identitárias de Mulheres Imigrantes em Portugal”, Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. (Defendida em 14/11/2008).

Rosa Pedro, Administração Pública, com tese intitulada “Estado Novo e a Acção Social no Ensino Superior”, Universidade do Minho, Escola de Economia e Gestão (Defendida em 23/10/2008).

## 2007

José Paulo Costa, Ciências da Educação, especialidade em Educação e Diversidade Cultural, com tema sobre apoios educativos aos alunos ciganos, Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (defendida em 10 de Julho).

Sofia Cozinheiro, Ciências da Educação, especialidade em Educação e Diversidade Cultural, com tese intitulada “Cabelos brancos e rugas: Fonte de conhecimento ou sofrimento”, Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (defendida em 1 de Junho de 2007).

Maria Augusta Pereria Torcato, Ciências da Educação, especialidade em Teoria e Desenvolvimento Curricular, com tese intitulada “Olhar e Ver o Caminho: como mudar atitudes? Um estudo de caso numa escola secundária”, Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (defendida a 29 de Janeiro de 2007).

## 2006

Isabel Maria Miranda Antunes, Ciências da Educação, especialidade em Educação e Diversidade Cultural, com tese intitulada “Dizem-nos Iguais... Inventamo-nos Diferentes: Estratégias de construção da diferença na gemelaridade”, Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (defendida a 22 de Dezembro).

Elsa Cristina Pimparel de Almeida, Ciências da Educação, especialidade em Educação e Diversidade Cultural, com tese intitulada “A Formação Contínua de Professores: do discurso oficial às escolhas efectivas na formação de matemática”, Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (defendida a 15 de Dezembro).

Nelson Artur Lopes, Ciências da Educação, especialidade em Educação e Diversidade Cultural, com tese intitulada “A desterritorialização das identidades juvenis: efeitos dos media e da Internet – um estudo de caso numa escola secundária em

Caldas da Rainha”, Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (defendida a 12 de Dezembro).

Luís Filipe Ricardo, Administração e Planificação da Educação, com tese intitulada “A participação Obrigatória na Escola: Perspectiva do Professor Não Efectivo”, Universidade Portucalense (defendida a 29 de Setembro).

## 4.7 Comunicações

### ENCONTROS INTERNACIONAIS

---

**2008** “As Histórias de Vida como instrumento de investigação e (auto) formação de professores, Imigrantes e Idosos”, in mesa redonda *Pesquisa autobiográfica: formação, territórios e saberes* composta por Michel Fabre – Université de Nantes; Marília Claret Geraes Duran – UESP e Ricardo Vieira –CIID/IPL, III CIPA - III Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto) Biográfica, 14 a 17 de Setembro, UFRN – Universidade Federal Rio Grande do Norte, Brasil.

“Velhices (re)vividas: a auto e a hetero-construção de si”, comunicação apresentada na *19ª Conferência Mundial de Serviço Social - O desafio de concretizar direitos em uma sociedade globalizada e desigual - Federação Internacional de Trabalhadores Sociais*, Salvador, Brasil, de 16 a 19 de Agosto.

“ Identidades, diversidades e culturas escolares: contribuições e desafios para a formação de professores” Comunicação integrada na mesa coordenada intitulada “Percurso e movimentos: dez anos do vozes da educação em São Gonçalo”, Rio de Janeiro, VII Congresso Luso –Brasileiro de História da Educação, Universidade do Porto, Portugal, 22 de Junho de 2008.

“Reconfigurações identitárias de imigrantes brasileiros em Portugal”, comunicação apresentada in na Mesa Redonda (Coordenação de Neusa Gusmão), *Imigração, diversidade e educação, Desafios antropológicos da diáspora africana e brasileira em Portugal e no Brasil*, 26ª Reunião Brasileira de Antropologia - Dilemas da (Des)Igualdade na Diversidade, 1 a 4 de Junho, Porto Seguro, Brasil.

“O Ensino da Antropologia em Portugal: textos e contextos”, comunicação apresentada na Mesa Redonda ( Coordenação de

Heloísa Pontes), *O ensino da antropologia em diferentes contextos nacionais*, 26ª Reunião Brasileira de Antropologia - Dilemas da (Des)Igualdade na Diversidade, 1 a 4 de Junho, Porto Seguro, Brasil.

“Antropologia, Sociologia e Educação: um campo teórico em desenvolvimento”, comunicação apresentada no *Seminário Internacional Decise – Diálogos Cruzados: Antropologia, Sociologia e Educação.*, na Mesa Redonda com Professora Doutora Neusa Gusmão (coordenadora); Professora Doutora Ana Benard da Costa; Doutora Aparecida Neri de Souza (moderadora), 11 de Junho, UNICAMP, São Paulo, Brasil.

“Identidades e Interculturalidade: algumas reflexões a propósito da interação entre escolas, famílias e comunidades”, comunicação apresentada no *Seminário Internacional Decise – Diálogos Cruzados: Antropologia, Sociologia e Educação*, 12 de Junho, UNICAMP, São Paulo, Brasil.

“Histórias de vida e biografias: questões metodológicas em Antropologia da Educação”, comunicação apresentada no *Seminário Internacional Decise – Diálogos Cruzados: Antropologia, Sociologia e Educação*, 16 de Junho, UNICAMP, São Paulo, Brasil.

“Educação, Tradição e Mudança: olhares da Antropologia e da Sociologia”, em *Seminário Internacional Decise – Diálogos Cruzados: Antropologia, Sociologia e Educação*. Mesa redonda com Professora Doutora Neusa Gusmão (coordenadora); Professora Doutora Ana Benard da Costa; Doutora Aparecida Neri de Souza (moderadora), 18 de Junho, UNICAMP, São Paulo, Brasil.

“Educação Intercultural, identidades: o métier de professor”, comunicação apresentada no *Seminário Internacional Decise – Diálogos Cruzados: Antropologia, Sociologia e Educação*, 19 de Junho, UNICAMP, São Paulo, Brasil.

“Competências que se aprendem e que dificilmente se ensinam”, in conferência internacional – educação, globalização e cidadania: novas perspectivas da sociologia da educação ([www.socieduca-inter.org](http://www.socieduca-inter.org)), que decorreu na Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa/Brasil, entre 19 e 22 de fevereiro de 2008, promovida pela International Sociological Association (ISA). Esta Mesa Temática foi coordenada por Ricardo Vieira – CIID – IPEleiria e Neusa Gusmão – UNICAMP- S. Paulo/Brasil. Nesta Mesa temática participaram: Ana Vieira – CIID-IPEleiria, Doutoranda em Educação; Cristóvão Margarido - CIID-IPEleiria, Doutorando em Serviço Social; Maura Mendes – CIID-IPEleiria, Mestranda em Educação e Diversidade Cultural e

Susana Henriques - CIID-IPLeiria, Doutora em Sociologia da Comunicação, Cultura e Educação.

- 2007** “Identidades, histórias de vida e culturas escolares: Contribuições e desafios para a formação de professores”, III Seminário de Educação - memórias, histórias e formação de professores que teve lugar em Rio de Janeiro , nos dias 4 e 5 de Setembro, UERJ.
- 2006** “(Re)Viver a Vida: etnobiografias e produção de novos sentidos”, comunicação apresentada com Ana Vieira, no *II CIPA - Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)biográfica - Tempos Narrativas e Ficções: a invenção de si*, 10 a 14 de Setembro, Salvador, Bahia, Brasil.
- Participação no intercâmbio de mobilidade de professores, no âmbito do Programa Erasmus, no F.I.T. - Frederick Institute of Technology, Nicosia, Chipre, 7 a 13 de Maio, com apresentação de dois seminários:
- Área das Ciências da Educação: “Metamorphoses in Teachers’ Identity”
  - Área de Serviço Social: “Migration, Culture and Identity in Portugal”

## ENCONTROS NACIONAIS

---

- 2008** “Conceito e contexto da Antropologia da Educação em Portugal”, comunicação apresentada numa sessão de apresentação de livros do Professor Doutor Raul Iturra e numa homenagem à sua pessoa e obra, ISCTE, Lisboa, 24 de Outubro de 2008, com os Professores Luís Reto, José Madureira Pinto, Telmo Caria, Luís Souta, Paulo Raposo, Filipe Reis Amélia Raposo e Ricardo Vieira.
- 2007** “Ser Professor: Ciência, Arte e Estatuto”, comunicação apresentada nas XVI Jornadas Pedagógicas de Castelo Branco, 17 Março.
- “Cidadania e Desenvolvimento”, comunicação apresentada no Congresso da Associação para a Cidadania e Desenvolvimento, com o “alto patrocínio” de sua excelência o presidente da república, Abrantes, 19 de Janeiro.

“Metamorfoses das Identidades Pessoais”, comunicação apresentada no Ciclo de seminários do curso de Mestrado de Ciências da Educação coordenados pelo Professor Doutor António Candeias, FCSH-UNL, 10 de Janeiro.

"CIID – Um Caso de Sucesso de um Processo de Transferência de Conhecimento", com Maura Mendes e Alexandre Soares, in Road-Show Empreendedorismo e Design, Escola Superior de Artes e Design do Instituto Politécnico de Leiria, 15 de Março.

“Região de Leiria: das Condições Objectivas Unificadoras à Dinâmica das Identidades”, comunicação apresentada no IV Congresso da ADLEI, *Região de Leiria: Inovação e Oportunidades*, 21 de Abril.

“Ser e estar solidário: modos de agir”, conferência apresentada no Rotary club de Leiria, 25 Setembro.

## 2006

“Região de Leiria: identidades, património e percursos turísticos”, comunicação apresentada com Fernando Magalhães no *Congresso de Turismo Cultural, Territórios e Identidades*, ESE ESEL – Escola Superior de Educação do IPL – Instituto Politécnico de Leiria, 30 de Novembro.

“Entre o particular e o universal: a escola e a construção da cidadania glocal”, comunicação apresentada no *Colóquio Educação Global e Políticas de Cidadania*, em painel composto pelos Professores Doutores: Luíza Cortesão, José Manuel Pureza e Maria Odete Valente, Centro de Investigação em Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, 3 Novembro.

“O percurso biográfico na qualidade de vida do idoso: da objectividade dos factos vividos à construção subjectiva de projectos de vida”, comunicação apresentada com Sofia Cozinheiro no *I Congresso Internacional sobre Gerontologia: Viver Para Sempre*, Odivelas, 23, 24 e 25 de Outubro.

Comentador da mesa “Exclusion educativa y estratificación sociocultural en el modelo migratório español”, do *IV Encontros APS de Sociologia da Educação*, Universidade do Minho, Braga, 17 de Maio.

“A Antropologia da Educação em Portugal: conceito e contexto”, comunicação apresentada no *III Congresso da APA- Associação Portuguesa de Antropologia: Afinidade de Diferença*, em painel temático intitulado Percursos e testemunhos em Antropologia da Educação, composto pelos Professores Doutores: Telmo Caria, Darlinda Moreira, José Filipe e Ricardo

Vieira, Lisboa, 6 a 8 de Abril.

“Percurso de Educação/Formação em contexto de acentuada diversidade”, comunicação apresentada no seminário *Políticas de Educação/Formação: Estratégias e Práticas*, CNE - Conselho Nacional de Educação, 7 de Fevereiro.

Moderação do seminário “Envelhecer em Portugal”, integrado nas comemorações do 25º Aniversário do IPL – Instituto Politécnico de Leiria, 11 de Janeiro.

#### 4.8 Cursos e Reuniões Científicas que organizou ou co-organizou

**2008** Membro da Comissão Organizadora da Conferência “Filhos de África em Portugal: Metodologias de Estudo de Imigrantes”, organizado pelo CIID-IPLLeiria, na Escola Superior de Educação de Leiria, em 14 de Maio.

Membro da Comissão Organizadora da Conferência “Outros velhos”, organizado pelo CIID-IPLLeiria, na Escola Superior de Educação de Leiria, em 15 de Maio.

Membro da Comissão Organizadora do Seminário “Olhares sobre a Intervenção Social”, organizado pelo CIID-IPLLeiria, na Escola Superior de Educação de Leiria, em 9 de Janeiro.

**2007** Membro da Comissão Organizadora e moderador do Seminário “Uma Crítica à Tradição Moderna pelas vias da Hermenêutica Filosófica” com Rogério Schuck da UNIVATES, Brasil, CIID – Instituto Politécnico de Leiria Brasil, 4 de Dezembro.

Membro da Comissão Organizadora do *Encontro Internacional Escolas, Famílias e Lares*, Leiria, CIID – Instituto Politécnico de Leiria, Escola Superior de Educação, 14 de Novembro (<http://www.efl.esel.ipleiria.pt>).

Membro da organização da III Conferência Internacional GET-IN! “Get-in! To International Education”, Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Leiria, 20, 21 e 22 de Setembro ([www.get-in.info](http://www.get-in.info)).

Membro da Comissão Organizadora da “2ª Mostra de Projectos Sociais do Distrito de Leiria” intitulada: “Em busca de caminhos integrados para o desenvolvimento social – experiências do distrito”, organizada pelo CIID e pela REAPN, INDEA – Instituto de Investigação, Desenvolvimento e Estudos

Avançados do Instituto Politécnico de Leiria, em 09 de Maio.

Membro da Comissão Organizadora do Seminário “Trabalho social nas escolas – Prós e contras”, Leiria, CIID – Instituto Politécnico de Leiria, Escola Superior de Educação de Leiria, 23 de Maio.

Membro da Comissão Organizadora do Seminário “Juventude em debate”, CIID – Instituto Politécnico de Leiria, Escola Superior de Educação de Leiria, 06 de Março de 2007.

**2006**

Membro da Organização do Seminário “Dependências” Leiria, CIID – Instituto Politécnico de Leiria e curso de Serviço Social, Escola Superior de Educação de Leiria, 23 de Maio, 4 de Dezembro.

Membro da Organização do Seminário “Mediação Escolar” Leiria, CIID – Instituto Politécnico de Leiria e curso de Serviço Social da Escola Superior de Educação de Leiria, e IAC – Instituto de Apoio à Criança, 6 de Março.

Leiria, 20 de Dezembro de 2008



Ricardo Manuel das Neves Vieira

## Serviço Social e Interdisciplinaridade

Contrariamente à racionalidade instrumental e de cariz altamente especializada e construtora de fronteiras, Boaventura Sousa Santos sugere uma nova postura capaz de superar quer as ideias de totalidade quer as dicotomias mecânicas (Santos, 1992, 1995, 2003). A história do conhecimento, dos saberes e das habilidades técnicas e profissionais, pode ser vista como consequência de concorrência e competição entre saberes, instituições e profissionais. É preciso apurar, contra esse sentido, o que foi esquecido ou negligenciado pelos saberes hegemónicos. Os saberes não hegemónicos ou *contra-hegemónicos* têm vindo a construir história promovendo um outro modo de saber através da *(re)ligação* dos conhecimentos entre as ciências físicas, antropobiossociais e exactas (Morin, 2000).

Na medida em que define uma especificidade, cada profissão diferencia-se com teorias e práticas para garantir as suas verdades e os seus espaços de intervenção. Nas sociedades capitalistas, o que se observa é que o campo da profissionalização dos saberes é marcado também por hierarquizações, o que resulta numa forte competição entre profissionais de uma mesma área e ou diferentes. A interdisciplinaridade no Serviço Social está directamente relacionada com a actuação na profissão (atribuições, responsabilidade e métodos de trabalho) no âmbito institucional. A reivindicação de uma prática interdisciplinar entre os assistentes sociais obriga uma análise da sociologia das profissões, das políticas sociais e institucionais quer seja nos domínios da intervenção na saúde, na educação ou nas questões ligadas à diversidade cultural. O trabalho psico-sócio-cultural com recurso aos saberes da psicologia, da sociologia e da antropologia é vital.

Relativamente às práticas de intervenção social, é assim, cada vez mais, necessário ter uma postura interdisciplinar. A acção social seja ela comunitária, institucional ou governamental, interfere, quase sempre, nas condições materiais de vida duma população. A intervenção social, fruto de uma concepção e *praxis* interdisciplinar, rompe o reducionismo cientifista (Nicolescu, 2001), já que vê a produção do conhecimento como um espaço de complementação entre áreas, saberes empíricos e científicos. O Serviço Social leva a uma intervenção prática que se concretiza através da convergência das várias especializações das ciências humanas. Abordar a área social é reunir saberes para uma interlocução pronta a construir estratégias que não se reduzam aos seus próprios conhecimentos. Como diz Rodrigues, *“a interdisciplinaridade, favorecendo o alargamento e a flexibilização no âmbito do conhecimento, pode significar uma instigante disposição para os horizontes do saber. [...] Penso a interdisciplinaridade, inicialmente, como postura profissional que permite se pôr a transitar o “espaço da diferença” com sentido de busca, de desenvolvimento da pluralidade de ângulos que um determinado objecto investigado é capaz de proporcionar, que uma determinada realidade é capaz de gerar, que diferentes formas de abordar o real podem trazer”* (Rodrigues; 1998: 156).

Basarab Nicolescu, Edgar Morin, Lima de Freitas, entre outros autores ligados avançam mesmo para o conceito de transdisciplinaridade distinguindo-o da pluridisciplinaridade e da interdisciplinaridade como sendo uma “transgressão das fronteiras entre as disciplinas.

Na busca por respostas referentes à falta de unidade do conhecimento, Nicolescu, um Físico (2001) exemplifica como as revoluções quântica e informática ao trazerem o crescimento dos saberes, anularam, de certa forma, o sentido individual e social da existência.

Levando em consideração os chamados postulados fundamentais da ciência moderna (leis universais e suas respectivas descobertas pela ciência, além da reprodução de dados experimentais de maneira ideal), Nicolescu demonstra que o cientismo, em nome da verdade absoluta que o permeava, transformou o

homem em objecto de experiências e explorações, limitando a realidade que o cerca a um único nível. Nesse sentido, a revolução quântica coloca em xeque a noção de realidade em contraponto à abstracção, sendo, em verdade, esta uma dos componentes daquela.

Caminhando no sentido da verificação da lógica na ciência, Nicolescu diz que a lógica é a própria ciência que objectiva o estudo das normas da verdade. E vai além quando indica que “sem norma, não há ordem” e que a regulação social existe em função da lógica que a determina. Essa lógica, portanto, é considerada passível de alterações pelo autor que defende, ainda, a conciliação das chamadas lógica do terceiro incluído e do terceiro excluído.

O Serviço Social, no nosso ponto de vista, está ligado a outras áreas disciplinares e, isto é importantíssimo para seu desenvolvimento pois o isolamento impede a abrangência da intervenção social. Pode dizer-se que a interdisciplinaridade o desenvolve, flexibiliza e viabiliza a interacção com o diferente. Mais que ligado, talvez o serviço social seja mesmo um saber e uma prática tipo terceiro incluído como o define Nicolescu (2001).

O trabalho interdisciplinar possibilita o romper dos vícios e preconceitos existentes na profissão. Ensina também a pensar e a ver diferente a metodologia. Para Etges (1993), a interdisciplinaridade deixa o cientista livre da “rigidez e a fixação em mundos que julgava absolutos” (*apud* Rodrigues, 1998: 157), possibilita a diferenciação e criatividade e uma postura profissional que não é simplista. Exige um saber ético, técnico e profissional.

O Assistente Social, no seu trabalho quotidiano, não pode escapar a diversos condicionantes como sejam o económico, o cultural, o político, o geográfico, além da sociedade civil e do Estado, que exigem do profissional um conhecimento detalhado da realidade em está inserido. Esta mudança paradigmática exige dos assistentes sociais uma intervenção prática que exige como requisito toda esta caracterização contextual. E, nessa acção, os assistentes sociais deverão ser críticos e estar atentos a todas as possibilidades, estabelecer

parcerias em concordância com o projecto político e profissional mais abrangente da sociedade.

Ao pensarmos a formação profissional do Assistente Social precisamos compreender o cenário em que a profissão se concretiza, assim como a realidade social que a produz. Esta nova conjuntura da realidade reafirma a necessidade de superação de práticas, nos impulsionando a ter um olhar atento, crítico e pró-activo para o mundo contemporâneo, mais do que compreender o significado e papel da profissão na sociedade.

Tanto na sua natureza, quanto no seu conteúdo, a formação do Assistente Social diferencia-se quer pelas suas particularidades institucionais quer pela diversidade de paradigmas interligados com outras ciências. Neste sentido, urge integrar a heterogeneidade, o que constitui um desafio que requer preparação, disposição, vontade, disposição e a superação de caminhos já existentes. Diante da globalização, das divisões no campo social, cultural, financeiro, político, científico, etc., e, em particular, da fragmentação na maneira de perceber e compreender o ser humano e suas relações, a interdisciplinaridade emerge como prática de articulação das partes no todo. Pode-se afirmar que, mais que uma proposta simplista, a interdisciplinaridade pode apresentar-se como uma resposta de intercâmbio e integração, uma maneira de transpor fronteiras e diferenças existentes entre as profissões, a fim de alcançar uma comunicação mais efectiva.

Assumir o Serviço Social como um saber e uma prática de cariz interdisciplinar requer uma nova postura profissional, como apresenta Martinelli (1995), “um novo saber ético e social”. Torna-se, assim, necessário rever as próprias práticas e rumar a um amadurecimento profissional.

A perspectiva interdisciplinar requer a originalidade e a diversidade dos conhecimentos que produzem e sistematizam acerca de determinado objecto, de

determinada prática, permitindo a pluralidade de contribuições para compreensões mais consistentes deste mesmo objecto, desta mesma prática (Martinelli, 1995, p. 157).

Pombo (2006) vai ao encontro desta ideia ao apresentar a interdisciplinaridade como um processo de fecundação recíproca das disciplinas no qual cada disciplina envolvida se deixa cruzar e contaminar pelas outras. A interdisciplinaridade traz como consequência a modificação de conceitos, terminologias e posicionamentos, superando as endogenias e efectivando a pluralidade de saberes. Desta forma, o trabalho interdisciplinar desencadeia um crescimento profissional, bem como um crescimento institucional, porque exerce uma prática solidária (Oliveira, 2003).

Como forma de trabalho criativo e globalizante, a interdisciplinaridade reconhece de forma dialéctica a necessidade de olhares diferenciados para um mesmo objecto. Desenvolver um trabalho interdisciplinar leva, de alguma forma, a um esbarrar na intersubjectividade.

A transformação das práticas deve perpassar a mudança interior que nos conduz a uma mudança de atitude. O caminho é o do diálogo, das trocas e dos encontros.

Por intervir no campo social, o Serviço Social não pode caracterizar-se como uma prática solitária, uma vez que são diversas as áreas que incidem sobre este campo.

É próprio do ser humano a dificuldade em conviver com a diferença. Por isso, ir além de si mesmo é reconhecer no outro uma possibilidade de superação o que é tarefa nada fácil.

O trabalho em equipa, com profissionais de diferentes áreas, envolve pessoas com formações e perfis culturais diversos. O cruzamento dos seus saberes, interesses pessoais, profissionais e as posturas diante do trabalho cria novos cenários para a produção do conhecimento, para o surgimento de instituições, práticas sociais e paradigmas de actuação dos saberes profissionais.

Para realizar um trabalho interdisciplinar, por fim, não basta um conjunto de procedimentos ou receitas. Como diz Japiassu (1976), a interdisciplinaridade revela o diálogo fecundo onde as pessoas envolvidas são capazes de reconhecer aquilo que lhes falta assim como oferecer o seu próprio conhecimento.

## **II Parte**

### **CABELOS BRANCOS E RUGAS, CONHECIMENTO E SOFRIMENTO: UM ESTUDO ETNOBIOGRÁFICO SOBRE SUBJECTIVIDADES E PROJECTO DE VIDA DE IDOSOS**

## Introdução

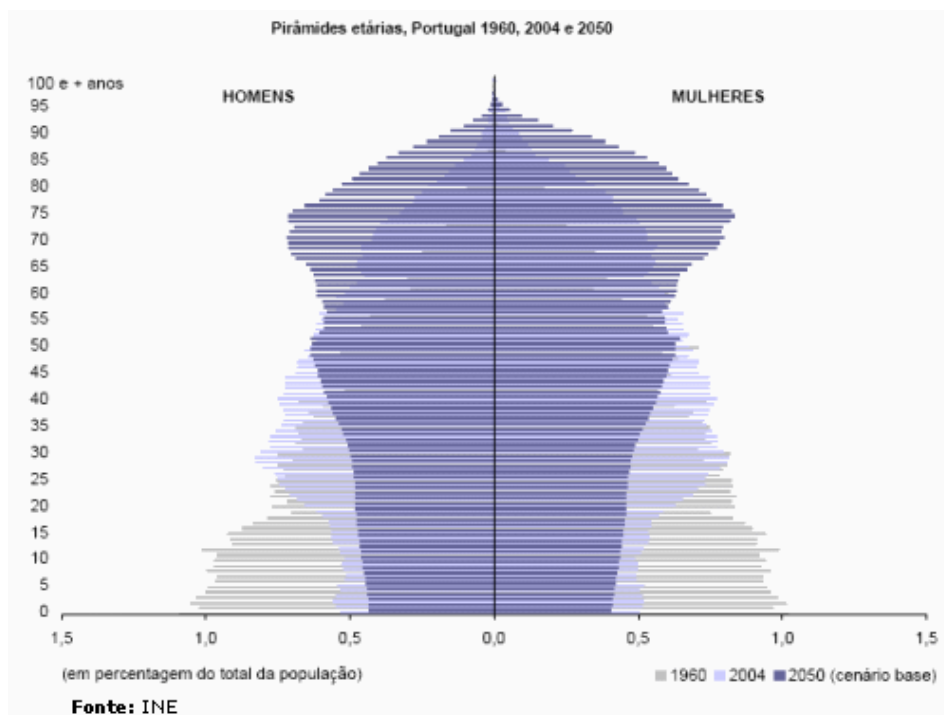
### *Envelhecimento Demográfico*

*“Um número cada vez maior de pessoas vive até uma idade mais avançada e uma percentagem mais elevada da população da maior parte dos países vive pelo menos sessenta anos, coisa que não acontecia no passado.”*  
(FNUAP, 1998: 7)

Hoje em dia, e na maior parte das sociedades mais desenvolvidas, observa-se o fenómeno do envelhecimento demográfico ou populacional, isto é, assiste-se ao *aumento da percentagem relativa de indivíduos com 65 e mais anos de idade no conjunto da população total.*

O fenómeno do envelhecimento populacional nos países mais industrializados começou a evidenciar-se na segunda metade do século XX tornando-se num problema social de grande importância.

O gráfico seguinte evidencia, claramente, este fenómeno, onde se verifica uma percentagem mais elevada de indivíduos com idades iguais ou superiores a 65 anos.



**Figura 1 - Envelhecimento demográfico em Portugal**  
([www.marktest.com/.../images/news2005/244/ine.gif](http://www.marktest.com/.../images/news2005/244/ine.gif); 24.05.2008; 17.30)

Como podemos observar, existe um estreitamento da base da pirâmide, conseqüente de uma baixa percentagem de população jovem e um alargamento da pirâmide relativamente a idades iguais ou superiores a 65 anos, que é reflexo da elevada percentagem de efectivos idosos.

### *Causas do envelhecimento demográfico*

O envelhecimento demográfico deriva de três principais factores:

O primeiro consiste no *envelhecimento natural de topo*. A baixa taxa de mortalidade e mortalidade infantil impulsiona o acréscimo de pessoas com 65 e mais anos, levando a um aumento da esperança média de vida, conseqüência do avanço da medicina e da melhoria das condições de vida.

O segundo factor diz respeito ao *envelhecimento artificial de topo*, que acrescenta à primeira, a concentração de idosos em regiões especialmente sedutoras, devido, entre outros motivos, às boas condições climáticas e existência de serviços especializados.

Finalmente, surge o *envelhecimento natural de base*, resultante da quebra da natalidade característica das sociedades urbanas e industriais, com a diminuição sucessiva da camada mais jovem no total da população. A baixa da taxa de natalidade resulta de muitos factores, como por exemplo o avanço da medicina, melhores condições de vida, baixa da taxa de mortalidade infantil, maiores habilitações literárias da mulher, maior participação da mulher na vida activa, uso de métodos contraceptivos, entre outros.

Nas sociedades pré – industriais, o idoso tinha um estatuto social valorizado, usufruía de todo o apoio que lhe era devido, mas hoje em dia o mesmo não acontece, este está exposto a todo o tipo de discriminações e pressões.

J. M. Nazareth (1988), fala num fenómeno denominado de duplo envelhecimento da população, este causa um desequilíbrio entre o relativo das diferentes gerações e poderá estar na origem de graves problemas sociais.

Em Portugal, para além do aumento da esperança média de vida e da diminuição da natalidade, outro facto relevante no envelhecimento da população portuguesa é o grande surto emigratório que se fez sentir nas décadas de sessenta e setenta, nomeadamente de jovens. São factores da duração média de vida: a melhoria das condições de vida, os progressos da medicina e melhoria das condições higiénico-sanitárias.

Hoje temos muitos mais idosos, quer em termos absolutos, quer como proporção total da população, o que vai implicar uma ponderação dos problemas que os afectam. Se continuarmos a alimentar a ideia de que a população idosa é inútil e improdutivo, que esta se torna numa sobrecarga para os mais jovens, estaremos a contribuir para o agravamento das incompatibilidades entre gerações.

*“Mas eu já sou velha estou sempre a pedir a Deus que me leve. A minha neta briga comigo quando eu digo este tipo de coisas mas é o que sinto. Eu sou um fardo muito grande na vida deles. Eu gosto tanto deles mas peço que Deus me leve.”*

O idoso hoje em dia tem um estatuto social desfavorável. Mas ser idoso, por si só, não deveria ser um facto negativo e preocupante.

#### *Consequências dos envelhecimento populacional ou demográfico*

O aumento da população envelhecida acarreta consequências tanto a nível económico, como político, social e também a nível individual.

### *Consequências Económicas e Sociais*

A nível económico o aumento da população idosa traz maiores custos com a segurança social (pensões e reformas), com a saúde (hospitais e medicamentos), com a criação de infra-estruturas (lares, centros de dia). Todos estes encargos inerentes ao estado são suportados por uma população activa, cada vez menor, o que diminui a sua qualidade de vida.

### *Consequências políticas*

Politicamente os idosos terão maior peso eleitoral, de forma indirecta, poderão alterar o funcionamento de uma sociedade e da sua economia. Uma sociedade com menor percentagem de indivíduos activos pode apresentar as seguintes características: Inflação baixa; taxa de desemprego baixa; criminalidade baixa; baixa tolerância da desordem e do comportamento anti-social, e com isto; maior aceitação da autoridade no controlo deste tipo de comportamentos;

### *Consequências individuais do envelhecimento*

Tanto a nível físico com individual e social, os idosos têm maior tendência para se isolarem e excluírem da sociedade.

Consequências Físicas - Com a idade o organismo fica mais debilitado, com menos resistência às doenças e com menor capacidade para realizar determinadas actividades.

Consequências económicas e sociais - Redução dos rendimentos, para alguns idosos, com a entrada para a reforma ou dependência de pensões ou subsídios. A perda de contacto com a vida activa e produtiva leva a que

muitos indivíduos se sintam excluídos da sociedade. Formação de estereótipos contra os idosos, por parte dos jovens, como por exemplo, os jovens podem considerar o idoso social inútil ou fisicamente incapazes, e ainda, intolerantes e conservadores.

### ***Problemática do envelhecimento***

Um dos fenómenos mais estudados hoje por cientistas sociais e por profissionais de serviço social é o aumento do número de idosos que recorre aos diferentes serviços de prestação de cuidados de saúde. Esta é uma situação preocupante se pensarmos que o nosso país é um dos menos dotados em estruturas de apoio social, e, sobretudo, em cuidados de saúde para o idoso.

Esta realidade está de acordo com os números que nos têm sido apresentados nos últimos tempos e que confirmam o aumento do número de idosos no nosso país e nos países desenvolvidos em geral.

O progresso tecnológico e a melhoria das condições de vida permitem que se viva mais tempo e no geral com mais condições que em anos passados. Assim, além de um aumento no n.º de idosos, verificamos, também, um aumento no n.º de idosos mais idosos, aqueles a que alguns autores têm vindo a chamar de 4ª idade.

O aumento de pessoas com idade avançada faz emergir também um maior n.º de pessoas dependentes pois sabe-se que o grau de dependência de um idoso aumenta com a idade. Correia (2003: 189) afirma que “*por cada dez anos de aumento de idade há um aumento da prevalência dos diversos tipos de incapacidade, a qual varia entre 50% e 100%*”. Assim, assiste-se a uma maior procura de cuidados de enfermagem e a lares por parte desta população crescente.

Além da idade, o género é também um factor de risco já que os homens em todas as idades têm uma mortalidade superior à das mulheres. Contudo, se o género beneficia a mulher em termos de redução da mortalidade, o mesmo não acontece quanto à morbilidade e incapacidade, já que as mulheres têm maior dificuldade na realização das actividades da vida diária do que os homens com a mesma idade (Correia, 2003).

Outra realidade conhecida e também muito descrita hoje em dia diz respeito à redução da natalidade e da morbilidade, característica que se verifica não só no nosso país mas também noutros países desenvolvidos. Esta realidade vem provocar a inversão da pirâmide etária, consequência da baixa de natalidade e do aumento do n.º de idosos.

Assistimos assim a um envelhecimento da população portuguesa na base (diminuição da população jovem) e no topo (aumento da população idosa). Correia (2003) refere a existência de fortes fluxos migratórios, de emigrantes portugueses que saíram jovens de Portugal e regressam após a reforma para o seu país natal como outro contributo para o envelhecimento da população portuguesa.

Esta conjuntura faz-nos pensar em duas situações distintas e preocupantes que são, por um lado, a existência de famílias cada vez mais reduzidas (agregados familiares mais pequenos) e, por outro, a diminuição da população activa. Esta última, directamente relacionada com a diminuição da produtividade numa sociedade que vê instituída a noção de estado providencia onde quem trabalha proporciona melhores condições de vida a quem já trabalhou, constitui uma situação socialmente preocupante. Fernandes (1997) refere que os custos com a população mais idosa num momento em que se assiste a um aumento destes pode significar “*a falência dos sistemas de reforma*”. Para esta autora “*O prognóstico para as sociedades*

*gerontocráticas é tão negativo quanto a imagem da velhice nas sociedades ocidentais industrializadas” (1997: 6).*

Dizer apenas que possuímos famílias cada vez mais pequenas em detrimento das famílias alargadas, em consequência da industrialização e de uma saída dos meios rurais para os meios urbanos, é menosprezar e aligeirar uma questão muito mais complexa e profunda que é a das mudanças familiares. Correia (2003: 39) refere que

“o modelo de família dominante, na primeira metade deste século, foi o da família nuclear. Esta caracteriza-se pelo seu carácter conjugal, baseada na separação física e económica da família de origem. Distinguem-se, assim, da família troncal e extensa, caracterizada pela permanência em comum de mais dum núcleo familiar. Estes modelos de família podem coexistir numa mesma sociedade mas a industrialização reforçou a importância do primeiro tipo”.

Parece que a família actual se preocupa essencialmente com o crescimento de cada elemento, com a sua realização pessoal e profissional, permitindo assim uma maior liberdade individual, permitindo que cada um cresça ao seu ritmo e à sua maneira. Contudo, estes processos de crescimento individual não se coadunam muitas vezes com a existência de elementos que não iniciaram ainda o seu processo de individualização ou, pelo contrário, já estão a chegar ao fim desse mesmo processo. Estamos a falar do exemplo das crianças e dos idosos ou seja daqueles que para poderem progredir no seu caminho precisam de uma mão que os guie ou os ampare. Esses são sem dúvida aqueles que nos dias de hoje são mais atingidos por estas mudanças no seio das famílias. Por isso o seu percurso é feito não apenas no núcleo familiar mas no núcleo creche e *ATL*, ou no núcleo lar e centro de dia, verificando-se deste modo a interacção entre a instituição família e outras instituições da nossa sociedade criadas precisamente para

apoiar esta primeira mais antiga e primordial. Estas instituições funcionam então como redes de apoio familiar. Correia (2003) destaca a alteração de papéis na mulher e a sua influência na dinâmica familiar. A entrada da mulher no mundo do trabalho permite-lhe dispor dos seus próprios meios para a sua subsistência, através do desempenho profissional remunerado. Verificou-se também, por parte desta, a possibilidade de controlar a fecundidade. *“Estas alterações repercutem-se não só na reprodução biológica como também na reprodução social, dado que a família delega as tarefas de socialização e educação das crianças em instituições especializadas”* (2003: 40). Fernandes (1997) associa a emergência dos sistemas de reforma com o processo de desresponsabilização dos filhos em relação ao cuidar dos seus pais já idosos. Para a autora *“vão-se modificando a natureza e a intensidade dos laços que unem tradicionalmente as gerações”* (1997: 14). Os problemas individuais e privados vividos na esfera da família passaram a ser problemas de todos, pelo que vão necessitar de uma resolução colectiva

O fenómeno da industrialização provocou também alterações não só no sistema familiar mas também na sociedade em geral. Consequência, provavelmente, deste fenómeno surge o aparecimento de uma sociedade cada vez mais consumista, egoísta e individualista, onde o que se valoriza é a produção e o “ser” produtivo, a beleza e o ser jovem, o conhecimento e o desenvolvimento tecnológico. Nesta óptica, desvaloriza-se o saber acumulado pela experiência. O idoso, com toda a sua experiência de vida, vê-se ultrapassado pela rápida evolução do conhecimento e das novas técnicas e dificilmente o seu saber é valorizado sendo, às vezes, também muito pouco respeitado. Afastado da produção pela idade que apresenta e que foi socialmente instituída vê-se e é visto como ser improdutivo (Gusmão, 2003).

Como refere Morais (2001: 48) *“há muita atenção, carinho e dispêndio com os idosos, mas deixou de haver uma relação natural com a velhice”* porque no nosso dia

a dia nos vamos confrontando com uma série de mitos e estereótipos sobre a velhice e o ser velho dos quais podemos destacar a associação à pobreza, à escassez de recursos, à solidão, à doença e à existência de um “corte com o mundo”.

Fernandes (1997:71) refere que

“nas sociedades industriais de economia de mercado, onde a revolução tecnológica é essencial ao sucesso e as transformações se sucedem a um ritmo muito acelerado, ser idoso é sinónimo de estar ultrapassado, obsoleto”.

Estes preconceitos fazem com que nunca, como nos dias de hoje, os idosos tivessem tão pouca influência na vida social. Menospreza-se toda a riqueza exponencial acumulada pelo seu longo percurso de vida, riqueza esta que poderia dar importantes contributos para o incremento (inter)cultural e (inter)geracional.

Contudo, nem sempre foi assim. Nas sociedades tradicionais a experiência acumulada e o saber dos mais velhos fazia destes os anciãos das diferentes comunidades, conferindo-lhes poder e capacidades de gestão por todos aceite. Almeida (1998), entre outros, revela que na antiguidade grega as pessoas idosas eram veneradas e respeitadas pela sua experiência e sabedoria, o velho *“está próximo dos deuses, pela acumulação de conhecimentos sobre a existência terrena e a natureza humana e, para além disso, detém poderes políticos sobre a cidade e os cidadãos”* (1998: 16).

Na Idade Média predominava a exaltação da juventude o que resultou na negativização do olhar sobre a velhice. Com o Renascimento verifica-se uma preocupação com a longevidade. No entanto, a beleza do corpo é exaltada, despreza-se a fealdade e a decrepitude. Assim, a velhice não está de acordo com o modelo estético renascentista e a sociedade ridiculariza-a através do riso e do escárnio. Nos séculos XVIII e XIX, verificamos que as concepções são contraditórias. Contudo, é nesta altura que aparecem um

pouco por toda a Europa hospitais e asilos, o que revela que a sociedade começava a manifestar alguma responsabilidade pela situação de alguns idosos. No nosso século, e nas sociedades ocidentais, predominam os preconceitos em relação à velhice. Por outro lado, a sociedade, e não apenas a família, tomou a seu cargo a população idosa inactiva economicamente. Verifica-se, desta forma, uma inversão nas atitudes para com os mais velhos que deixam de ser os sábios para passarem a constituir o fardo das sociedades actuais. No dizer de Costa (1999: 9) “*Ser-se velho era ser-se sábio; era ter-se a mais valia do tempo que fazia do velho o conselheiro, o amigo...a memória das gerações*”.

Estas e outras características são atribuídas ao idoso e ao processo de envelhecimento que de um processo natural e inevitável, que faz parte do ciclo de vida humano e do desenvolvimento deste, passa a um processo marginalizado do qual se tenta fugir evitando o seu debate e promovendo soluções de segregação social como seja a instituição da reforma obrigatória a partir de determinado limite de idade, fazendo com que a partir dessa mesma idade todos se considerem homogéneos pois fazem todos parte da nova categoria social, os reformados.

Se se cria a imagem da velhice como categoria carenciada e segregada, existe também a necessidade de se criarem instituições cuja função principal seja albergar esta nova categoria social. Segundo Pimentel (2001: 65)

“com o objectivo de melhorar as condições de vida das pessoas idosas, especialmente daquelas cujas redes de solidariedade primária são inexistentes ou ineficientes, surgiu um conjunto de serviços e equipamentos diversificados, de modo a abranger diferentes necessidades e diferentes níveis de carência”.

Contudo, e como refere Costa (1999: 17) existe

“um conjunto de equipamentos que umas vezes respondem a necessidades sociais e de saúde prementes, outras vezes escamoteiam um conjunto de problemas sociais e cedo determinam o afastamento social do idoso do seu mundo

quotidiano bem como o desenvolvimento em cascata de um sem número de instituições cuja finalidade é o lucro e para as quais o idoso raramente é o alvo e centro da sua existência”.

Nas instituições recentemente criadas e aqui referidas, na instituição hospital e na comunidade em casa própria ou em casa de familiares, encontramos então os nossos idosos, todos eles fruto de um percurso de vida, dum história própria com mais ou menos oportunidades, com mais ou menos momentos de felicidade e realização pessoal, mais ou menos acompanhados pelos seus familiares, amigos ou vizinhos, ou seja, com uma rede de apoio social mais ou menos eficaz. Contudo, todos eles chegaram a esta etapa da vida e todos eles têm de aprender a conviver com ela para que a possam ultrapassar da melhor forma possível.

Correia (2003) defende que a assistência ao idoso é orientada no sentido da prevenção, da recuperação e da preservação da independência, dando prioridade às acções que visem manter o idoso no seu domicílio pois esta é a única forma de manter o idoso no seu ambiente natural, preservando a sua auto-estima e auto-suficiência.

Nesta etapa é quase certo que se irão cruzar com um assistente social ou com um enfermeiro que os poderá apoiar no seu domicílio, no lar onde se encontra, ou no hospital aonde teve de recorrer por uma situação aguda de doença. Como refere ainda Costa (2002: 18) “*os idosos apresentam-se como um grupo populacional grande consumidor de cuidados de saúde, pelas vulnerabilidades inerentes ao processo de senescencia e aos inadequados mecanismos de suporte existencial e social, com raízes na matriz familiar actual [...]*”.

Não se trata, apenas, dum trabalho para profissionais de saúde. É, também, muito para assistentes sociais e para educadores sociais, entre outros. Mesmo a enfermagem que é considerada a arte de cuidar, está cada vez mais afastada do modelo biomédico que privilegia o tratar e a parte em detrimento do todo. Como o assistente social, também a enfermagem

valoriza o acompanhar, o caminhar lado a lado com aquele que por uma qualquer razão está debilitado, vulnerável ou simplesmente pouco informado. Collière (2001: 1) define o cuidar como “*a arte que precede todas as outras, sem a qual não seria possível existir, está na origem de todos os conhecimentos e na matriz de todas as culturas*”.

O trabalho social tem como objecto de acção o ser humano, acompanhando-o nas diferentes fases da vida que vão do nascimento até à morte. Em todas elas deve encarar-se a pessoa humana como um ser holístico ou seja um ser bio-psico-socio-cultural e espiritual, um ser com uma história de vida própria e individual que importa conhecer para se poder criar uma relação de empatia indispensável ao sucesso dos cuidados prestados. No entendimento de Pestana (1995: 212) “*Cuidar dos seres humanos é, em primeiro lugar, estabelecer uma relação humana, o que implica considerar o “outro” como diferente, com uma carga social, familiar e cultural que lhe é específica, reconhecendo-o na sua dimensão global*”.

A propósito desta necessidade de comunicação, Leininger defende que é impossível atingir a eficácia e o sucesso sem conhecer e compreender as pessoas de culturas diferentes:

“um enfermeiro não pode prestar cuidados de forma eficaz e competente se não compreender os valores culturais, crenças e modos de vida das pessoas a quem os cuidados são dirigidos. E um ser humano é mais do que um ser físico e mental. Os seres humanos nascem, vivem e casam-se, trabalham e morrem num contexto cultural. Isto inclui espiritualidade, a religião, as relações de parentesco, a política, a economia e o modo como os indivíduos são educados- isto é, todos os aspectos de cada cultura” (1998: 32).

Pestana (1995: 212) acrescenta ainda que “*Numa sociedade multicultural, os enfermeiros devem estar preparados para trabalhar com todos os utentes, qualquer que seja o seu meio, procurando prestar os cuidados culturalmente adaptados a cada um*”.

Vemos aqui, na área dos idosos e na área da saúde, uma proximidade grande entre a enfermagem e o serviço social, áreas que necessitam, como vimos na introdução, de uma forte colaboração interdisciplinar.

Numa sociedade que perpetua e desenvolve tantos preconceitos em relação à pessoa idosa e onde esta passou de sábia a desprovida de conhecimento, utilidade e acção, torna-se fundamental que quem trabalhe com esta população, de que são exemplo os enfermeiros e os técnicos de serviço social, a desconstrução desta realidade através da procura do significado da expressão junto dos próprios, ou seja, junto daqueles que naturalmente se encontram num processo de envelhecimento. É pois importante ir ao encontro do outro, questionando-o sobre o que ele pensa, de forma a libertarmo-nos do que pensamos e do que os que nos rodeiam, e por vezes connosco lado a lado trabalham, pensam. Costa defende que

“É no mundo dos cuidados ao e com o doente que nós temos que entrar, penetrando nele de forma a perceber os idosos como alvo principal dos cuidados de enfermagem, não na perspectiva que construímos na cabeça, aquela que provavelmente nos foi transmitida na escola ou aquela que interiorizamos ao longo da actividade profissional, mas antes a que diz respeito directamente ao idoso que esta na nossa frente, com características muito específicas, as suas, das quais decorrem o que designamos, por vezes abstractamente, cuidados personalizados” (1999: 15).

A autora continua defendendo que é indispensável dar a palavra aos idosos no planeamento dos cuidados que lhe são prestados. Deve-se acreditar que o idoso tem uma palavra a dizer sobre o que lhe diz respeito e como ser humano que é deve ter direito à capacidade de decisão que lhe assiste e que quem com ele convive muitas vezes esquece, menosprezando a sua opinião, retirando-lhe o direito de participar no que a ele também diz respeito, infantilizando-o e fazendo com que algumas capacidades já fisiologicamente

diminuídas deixem se ser exercitadas diminuindo ainda mais as mesmas. E defende que

“os cuidados aos idosos têm sido pensados sobretudo no sentido vertical. O profissional “dispensa” o pensamento do idoso nos cuidados de que necessita, baseado no princípio de que é o detentor de um saber que legitima as suas execuções. A participação dos idosos sempre que tenham as condições para participar, bem como a das suas famílias e da sua comunidade de pertença no planeamento, execução e avaliação dos cuidados, são a primeira garantia de sucesso desses mesmos cuidados e das políticas que os determinam” Costa (1999: 18).

A pessoa idosa não pode pois ser vista como uma pessoa envelhecida, denegrada e despersonalizada, mas sim como uma pessoa com características próprias e com um manancial de conhecimentos e de experiências que têm de ser conhecidas pelos profissionais do Serviço Social.

Contudo, é sabido que os próprios idosos possuem acerca de si ideias distorcidas de inutilidade e de desprestígio. Pimentel, no seu estudo sobre os idosos (2001) conclui que é frequente existir nos idosos um desejo contido de ser jovem de novo. Os idosos consideram ainda que existe uma tendência generalizada para desvalorizar os papéis e o estatuto social dos cidadãos mais velhos. Como refere a autora (Pimentel, 2001: 147) são os próprios idosos que “*alimentam as imagens estereotipadas acerca dos seus modos de vida e das atitudes que se espera que adoptem*”, assumindo, desta forma, uma atitude de auto-exclusão.

Assim, e porque é fundamental conhecer a epistemologia e o sentir da pessoa mais velha em relação à sua condição de ser idosa, premissa indispensável para a criação de uma relação de ajuda baseada na empatia que deve ser estabelecida entre profissional e o idoso, definiram-se como

questões centrais da pesquisa a realizar para o pós doutoramento em Serviço Social, as seguintes:

Como sente o idoso o seu próprio processo de envelhecimento?

Como se vê (representa) a si próprio?

Como pensa que os outros o vêem (representam)?

Como viveu o idoso o processo de envelhecimento dos que o rodeiam (por exemplo dos seus pais, dos seus amigos enquanto idosos)?

Ao longo do seu percurso de vida cuidou ele de idosos? Viu cuidar?

Viveu com pessoas idosas enquanto jovem? Como as definia?

Quais os seus medos ao envelhecer?

Como se adaptou/superou as mudanças que ocorreram na sua vida com a entrada na chamada terceira idade (alteração de papéis sociais, aumento do tempo livre, aumento da dependência em relação a outrem)?

Existem diferenças significativas no sentir dos idosos em relação à sua condição devido ao facto de estarem ou não inseridos numa instituição (idoso inserido na família, idoso inserido no lar, idoso no hospital)?

Para obter respostas contextualizadas a estas questões de partida pareceu-nos indispensável trilhar um caminho no âmbito do paradigma interpretativo e etnográfico, pois o que se busca com estas questões é a compreensão do mundo subjectivo de cada idoso, mundo este que envolve consciência, valores, intuição, emoções e acima de tudo histórias. Neste sentido privilegiou-se como instrumento de colheita de dados a entrevista etnobiográfica sendo esta a ferramenta indispensável para a construção ou reconstrução das histórias de vida dos idosos que farão parte dum estudo mais alargado a continuar futuramente, que não foi possível concluir neste

período, procurando o entendimento dos factos na perspectiva dos actores, fazendo-os pensar sobre eles mesmos e sobre o seu próprio pensamento, numa perspectiva hermenêutica e ética (Vieira, 1999, 2003).

### ***Velhice, fenómeno social e individual***

Segundo Thereza Gama (2004), entender o que é ser velho e o que é a velhice não é apenas uma questão de simples definição. Velhice não é apenas considerar a idade como uma realidade biológica, é também um conjunto de convenções socioculturais, aos quais correspondem papéis sociais, valores e expectativas específicos que interagem na construção da identidade dos sujeitos idosos (Santos, 1994).

O envelhecimento é um processo, por enquanto, inevitável. Segundo Novo (2003), as características deste processo dependem do contexto cultural e das expectativas sociais de cada pessoa, ou seja, a maneira como cada pessoa vive o envelhecimento deriva da inter-relação entre os factores psicológicos, culturais, sociais e biológicos – fenómeno bio-psico-social próprio do indivíduo. Este processo depende essencialmente de três componentes: da componente social porque o *“envelhecimento deve ser entendido como um conceito referido à forma como cada sociedade conceptualiza esta fase do ciclo de vida”* (Fonseca, 2004: 54); da componente biológica que está relacionada com os aspectos fisiológicos que ocorrem ao nível do corpo, dado que *“os seus efeitos são visíveis mas cujo mecanismo interno permanece [...] desconhecido, revestindo-se o seu estudo de uma complexidade do ponto de vista metodológico”* (idem: 57); e, por fim, da componente psicológica que está relacionada com a dimensão interior do indivíduo que se desenvolve a partir das experiências. Portanto, podemos afirmar que o envelhecimento ocorre de maneira diferente para cada indivíduo, sendo influenciado pela época da vida, o ritmo, a sociedade, as características biológicas, entre outros factores. Não

se caracteriza apenas por um período de perdas e de limitações, mas, também, por um estado de espírito decorrente da maneira como a sociedade e o próprio indivíduo encaram e geram esta etapa da vida.

É importante, pois, consciencializarmo-nos de que começamos a envelhecer desde que nascemos.

Relativamente a aspectos sociais, o idoso possui uma cultura que a sociedade define como referência para as suas acções (Gama, 2004). A velhice pode ser considerada como a idade de maior vulnerabilidade às relações sociais e o momento em que se acentuam os determinismos e as desigualdades sociais (Fernandes, 1997).

Enquanto ser biológico, o indivíduo vai envelhecendo a determinado ritmo, caracterizando-se a velhice por uma decadência física, atribuindo-se muitas vezes doença ou deficiência à idade que muitas vezes provêm dos problemas ambientais, das condições sociais, económicas e culturais, embora não sejam especificamente próprios da idade.

No que diz respeito aos aspectos psicológicos, cada indivíduo vai organizando a imagem que tem de si, sendo que essa imagem que tem de si vai afectar a relação que tem com os outros (Gama, 2004).

*“Velhice não é uma concepção absoluta, mas uma interpretação sobre o desenrolar da existência”*, diz-nos Veras (1994: 30).

São difíceis de estabelecer os limites temporais para classificar uma pessoa como idosa, tendo em conta que o envelhecimento é um fenómeno que varia de pessoa para pessoa e de contexto para contexto. Na biologia, o envelhecimento é visto como um fenómeno natural, universal e necessário.

Segundo Levet-Gautrat (1985), existem várias idades:

a idade cronológica, que é o tempo que ocorre entre o nascimento e presente;

a idade jurídica que corresponde à necessidade do estabelecimento de regras, de determinar qual a idade em que o sujeito assume direitos e deveres perante a sociedade;

a idade física ou biológica que se prende com o ritmo a que cada indivíduo envelhece;

a idade psico-afectiva que reflecte as emoções de uma pessoa, que não tem limites em função da idade cronológica;

a idade social que se prende com a sucessão de papéis que a sociedade atribui ao indivíduo relacionada com a situação socioeconómica. (cf. Pimentel, 2005: 41).

Segundo Philiber (1984), uma pessoa é idosa quando tem mais idade que a maioria dos que a rodeiam. Tudo isto irá depender da sua condição de vida, trabalho e de longevidade da população média de referência aos seus costumes, podendo ter 40, 30 ou 85 anos (cf. Pimentel, 2005: 42).

Mas *“Nunca nos podemos esquecer que cada cabelo branco, cada ruga tem uma história fantástica para contar”* (Godinho, 2006).

Perante a Sociedade, só se é idoso a partir do momento que termina as suas actividades profissionais e remuneradas, e passa-se a depender de terceiros para o cumprimento das suas necessidades básicas ou tarefas do seu dia-a-dia. A este propósito, SÁ (2002) defende que *“O idoso é um ser de seu espaço e de seu tempo”*, pois resulta do processo de desenvolvimento do seu ciclo de vida, bem como, das inter-relações que estabeleceu ao longo da vida, determinando assim, a sua maneira de pensar e de agir.

Neri e Freire (2000) consideram que *“velho”*, *“idoso”* e a *“terceira idade”* caracterizam as pessoas idosas cuja sua idade média é de sessenta anos.

Segundo Netto, quando nos referimos ao idoso, falamos de uma pessoa com muita idade mas que ainda tem sonhos; que vive cada dia como se

fosse o primeiro dia da sua vida; que tenta-se manter activo e actualizado com a inovação; que procura ouvir a juventude e conhecê-la; que também tem vontade de aprender e de amar, ou seja, tem projectos de vida e planos. Para o idoso o tempo passa rápido e a velhice nunca chega. Por outro lado, o velho será aquele que perdeu a alegria de viver; que se conforma com o passar dos anos; que a cada dia espera pela morte, não tendo qualquer vontade de viver e passa todos os seus dias a descansar; é aquele que só se lamenta, não tendo vontade de amar e transmite aos mais novos o pessimismo e as desilusões da vida; é aquele que só tem saudades do passado e deseja que a vida volte atrás;

Actualmente as pessoas aposentam-se mais cedo, nem sempre tendo a ver com a idade, o que leva a uma certa confusão em definir quem é o idoso. O papel do idoso na sociedade contemporânea tem assim de novamente repensado pois não é correcto que as pessoas olhem para um quarto da sua vida que têm pela frente como um vazio de projectos que impede a qualidade de vida.

Para se definir qualidade de vida deve-se ter em conta o contexto do idoso e os seus aspectos comuns e específicos, porque qualidade de vida pode ser os bens materiais, os bens espirituais, uma dimensão subjectiva (psicológica) ou uma dimensão objectiva (social, económica, política e ambiental). Segundo Faquhar (1995), para se analisar a vida de um idoso tem de se ter em conta o nível de bem-estar e de funcionalidade, o seu processo dinâmico, a idade e a área de residência. Desta forma, quando abordamos a qualidade de vida de um idoso temos de ter em conta as “*condições económicas, saúde física, redes sociais de pertença e de apoio, satisfação de necessidades psicológicas*”, (Fonseca, 2005), mas, também, e muito, a autonomia, os projectos de vida, a segurança e a habitação.

Actualmente, muitos autores quando abordam o tema do envelhecimento estabelecem a distinção entre a 3ª e a 4ª idades – as “idades da velhice”. O primeiro investigador a preocupar-se com esta questão foi Neugarten (1979), que estabelece duas categorias de velhice: “*jovens – idosos*” e os “*idosos - idosos*”. Esta divisão assenta na diminuição da importância da idade cronológica e no aumento da importância funcional pois a passagem de uma idade à outra depende do grau de funcionalidade do indivíduo.

DE acordo com Baltes & Smith (2003) a 3ª idade está associada às “*boas notícias*”. Estes idosos têm elevada potencialidade activa e são dotados de boa forma (física e mental), ou seja, possuem um bem-estar pessoal. Por sua vez, a 4ª idade vem associada “*as notícias não tão boas ou más notícias*”, dado ser constituída pelos idosos que sofrem perdas consideráveis no potencial cognitivo e diminuição das suas capacidades de aprendizagem, traduzindo-se numa fragilidade, disfuncionalidade e necessidade de cuidados especiais.

Tudo leva a crer que os idosos do século XXI irão ser mais velhos e em maior número, mas possivelmente terão maior rendimento, mais saúde, mais instrução, melhores condições habitacionais, serão mais activos, quer profissionalmente quer fisicamente, mais conscientes dos seus direitos e também mais disponíveis para usufruir da cultura e do lazer.

### ***Velhice e políticas sociais***

É essencialmente a partir da segunda metade do século XX que surge um novo fenómeno social: o envelhecimento demográfico. Este fenómeno tem vindo a agravar-se e as políticas sociais ainda pouco actuam face a este fenómeno novo.

Começa a emergir uma nova preocupação de responder as necessidades da sociedade, começando por compreender as necessidades dos idosos que começam a ser dominantes na nossa sociedade. Contudo, o Estado-

Providência não dá conta de todas as necessidades inerentes a estes novos problemas sociais (Mozzicafreddo, 2000; Carreira, 1996).

Este fenómeno tem vindo a agravar-se, sendo necessário, cada vez mais, actuar neste domínio, tendo fundamentalmente em consideração o princípio básico de *“possibilitar às pessoas idosas uma vida digna para que continuem a aproveitar as oportunidades para o desenvolvimento pessoal”* (Osório, 2004: 258).

Em 2050, Portugal será o quarto país da União Europeia, com maior percentagem de idosos. Estudos realizados pelo Instituto Nacional de Estatística referem que quase um milhão de pessoas terão mais de 80 anos. Portugal será pois um país bem mais envelhecido dentro de 40 anos.

Com a população idosa a aumentar a um ritmo acelerado, os idosos deparam-se com vários problemas, como, por exemplo, a perda de rendimentos, dada a existência de muitos idosos pensionistas que são vulneráveis à incidência de pobreza em consequência da ausência de políticas sociais que promovam a protecção social na velhice.

Outro dos problemas com que os idosos se deparam actualmente, é o facto de serem considerados como improdutivos e dispendiosos para a sociedade, principalmente os que têm maior dependência.

Em Outubro de 2003, num Congresso Nacional marcado por intensos debates acerca dos direitos do idoso, foi aprovado o Estatuto do Idoso disciplinado pela Lei nº 10/ 71/ 03.

O Estatuto do idoso passa a ser considerado como aquela pessoa com idade superior a 60 anos, sendo-lhe assegurado a protecção integral e a prioridade absoluta no atendimento perante os órgãos públicos e privados. Inclui também o respeito pela integridade física, psíquica e moral, abrangendo, assim, a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e de objectos pessoais.

Este estatuto tem a finalidade de originar uma protecção social mais abrangente ao nível do fornecimento de medicamentos, no desconto de 50% em ingressos para eventos artísticos, culturais e nos transportes, a preservação de valor real das aposentadorias e pensões, o direito à educação e ao trabalho, o dever dos filhos de alimentarem os seus pais, entre outros.

Nesta linha, todos os indivíduos que desrespeitem os idosos serão penalizados. Contudo, estes direitos do idoso só entrariam efectivamente em vigor se existisse uma fiscalização social frequente e rigorosa nos diversos sectores sociais.

A passagem para a situação de reforma processa-se, normalmente, de forma brusca e semelhante para todas as pessoas com 65 ou mais de idade, sem que haja etapas intermédias para uma retirada gradual da actividade profissional desempenhada. Esta exclusão profissional abrupta faz com que as pessoas idosas percam o estatuto que lhes era conferido pela actividade profissional e percam, simultaneamente, o reconhecimento social (Mozzicafreddo, 2000; Carreira, 1996).

As políticas tradicionais de gestão da velhice eram baseadas na segregação e na assistência aos idosos carenciados, estas foram substituídas por uma filosofia mais integradora, com o objectivo de prolongar a inserção social e a autonomia da população idosa. No entanto, o desenvolvimento das políticas sociais que asseguram o bem-estar nesta faixa etária, *“ao agregarem as pessoas acima de uma categoria de idades fixa em torno de práticas e consumos que lhes são restritas, contribuem para uma segregação que se propunham exactamente contrariar”* (Fernandes, 1997, p. 9).

As reformas constituem a primeira forma criada que vem dar uma definição de velhice, contribuindo para a transformação da realidade das gerações

mais velhas. Desta forma, atribuem-lhes perfis de inactividade, com a respectiva pensão que, ao mesmo tempo, lhes confere uma identidade. A velhice está indissociavelmente ligada à reforma marcada por uma ambivalência de uma marginalização social e desvalorização económica, em simultâneo com o benefício de um repouso remunerado. Deste modo, a velhice tornou-se objecto de atenção através das políticas sociais (Fernandes, 1997).

Como refere Ana Fernandes, em *Velhice e Sociedade*, tendo em conta o 63º artigo da Constituição, o Estado deverá promover uma política da terceira idade que garanta a segurança económica, que proporcione condições de habitação e convívio familiar e comunitário que evitem o isolamento e a marginalização social das pessoas idosas. Cabe-lhe, também, oferecer as oportunidades aos idosos para se desenvolverem e realizarem pessoalmente através de uma participação activa na vida da comunidade.

Ao tornar-se um problema social, a velhice passou a mobilizar gente, meios, esforços e atenções considerados suficientes. A preocupação em encontrar soluções evidencia-se no aumento de estudos e de investigadores que centram as suas atenções nas pessoas idosas.

A mudança das relações entre gerações, assim como a produção e institucionalização de medidas especificamente orientadas para a velhice, passou a designar-se por políticas de velhice (Fernandes, 1997).

Em 54aul54gal, é nas misericórdias e nas mais variadas organizações tradicionais, que se forma e desenvolve a gestão pública da velhice.

De acordo com Fernandes (1997) e Gomes (2000), é só a partir da década de 70 que as “instituições criadas são orientadas pelos princípios da prevenção da dependência e da integração das pessoas idosas na

comunidade”. Distinguem dois tipos de encargos de velhice: um referente à assistência médica e um outro de cariz mais social.

Nos estudos das condições sociais das pessoas idosas, o espaço residencial torna-se numa questão prioritária. A questão residencial dos idosos torna-se uma questão de grande importância, se se considerar que a casa é o espaço mais requisitado para as actividades que se desenvolvem no período da pós-reforma e nas quais se gasta a maior parte do tempo do resto da vida (55aul, 1994). Simultaneamente, existe nas pessoas idosas uma diminuição das capacidades de adaptação que as torna mais sensíveis ao meio ambiente que as rodeia.

Por isso é importante pensar, pesquisar e teorizar sobre o processo que liga os idosos ao seu lar, sobre os problemas da manutenção do idoso na comunidade, o processo de separação que se verifica quando o idoso é institucionalizado, assim como a adaptação a um novo ambiente a que, curiosamente, se chama “Lar”, mas que obriga a um processo de identificação relativamente longo e nem sempre fácil para uma grande maioria.

Os encargos com idosos que anteriormente eram da responsabilidade da família ou de particulares são, assim, transferidos para instâncias às vezes muito despersonalizadas e burocratizadas, em que as relações entre os pares são, muitas vezes, anónimas e dolorosas.

Com a nova forma de gestão de problemas sociais, resultantes da velhice e do envelhecimento demográfico, os conflitos de interesses reduzem-se a confrontações entre responsáveis político-administrativos e especialistas de instituições, num processo que se tem verificado muito lento. (Mozzicafreddo, 2000).

As estatísticas mostram que existem hoje cerca 1,5 milhões de idosos portugueses, 57 milhões na União Europeia e 409 milhões em todo o mundo. Trata-se de uma elevada percentagem da população com direitos muito próprios e aos quais a sociedade tem o dever de garantir que viverão bem durante os seus anos de vida.

Que direitos são esses? No mínimo, os estipulados nos princípios da ONU para as pessoas idosas são o respeito, a dignidade, a autonomia, o desenvolvimento pessoal, acesso aos cuidados e a participação social.

Que dignidade? A de lhes serem garantidas condições dignas de segurança e de justiça, independentemente da idade, sexo, raça, origem étnica, situação económica ou qualquer outra circunstância.

Que autonomia? A que é assegurada pelo direito que têm um rendimento adequado à satisfação das necessidades básicas, pelo acesso à formação, pela capacidade de decisão na passagem à situação de reforma, pelo acesso aos cuidados de saúde, ao apoio da família e da comunidade, pela melhoria do ambiente em que vivem e pela manutenção do seu quadro de vida.

Que desenvolvimento pessoal? São os que advém da garantia de que terão direito à educação, cultura e tempos livres, bem como, às condições que favoreçam o seu desenvolvimento espiritual.

Que cuidados? Aos cidadãos mais velhos devem ser garantidas condições de acesso aos cuidados de saúde que promovam um melhor bem-estar físico, mental e emocional, prevenindo a doença, curando e reabilitando.

Que participação? O direito a construírem para a definição e aplicação das políticas que, directa ou indirectamente, interferiram na sua qualidade de vida, o direito a partilharem os seus conhecimentos e saberes com as outras gerações, a desempenharem papéis socialmente úteis, de acordo com as suas capacidades e interesses.

O respeito por estes direitos conduzirá, certamente, a uma sociedade mais solidária, mais activa e também mais exigente. Uma sociedade para todas as idades.

## **Caso 1**

### **Aposentado com 60 anos**

Tentámos, num primeiro momento, realizar uma biografia sobre uma senhora com 60 anos que se aposentou para ter a oportunidade de realizar novas tarefas na sociedade que até então nunca teriam sido possíveis. O estudo está ainda em aberto, dado implicar mais algumas entrevistas espaçadas no tempo. Contudo, aqui ficam, para já, no relatório de doutoramento em Serviço Social, algumas das ideias fundamentais que foi já possível estruturar.

Pretendemos, essencialmente, saber o que a motiva a continuar a lutar por um sonho, o que a faz feliz, como ocupa o seu tempo, que projecto desenvolve, entre muitas outras abordagens.

Esta pesquisa teve como base o historial de uma idosa do Concelho de Leiria que foi reformada muito jovem devido a nova legislação. A senhora esta continua a lutar por uma vida mais realizada, frequentando o Programa do Instituto Politécnico de Leiria “60 Mais” e sendo presidente de uma Associação de Solidariedade Social.

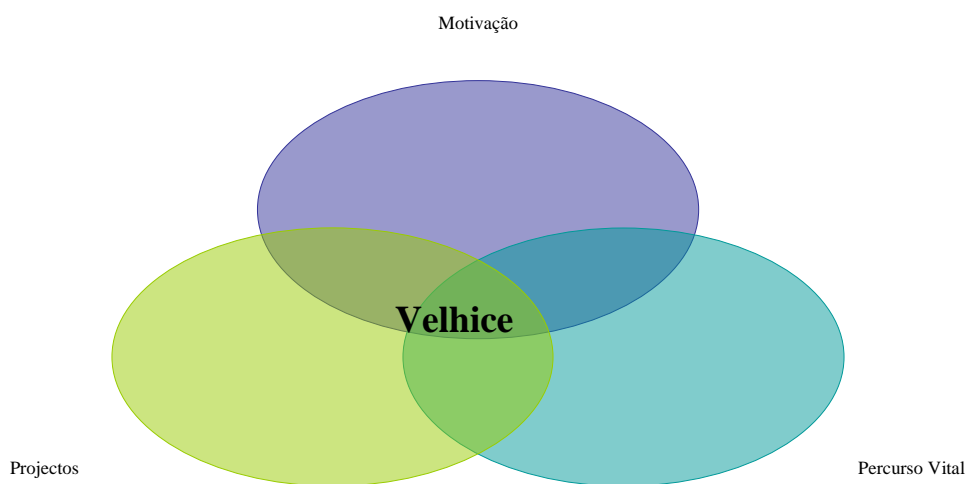
### ***Voltar à escola***

Foi na década de 70 em França que apareceram as primeiras universidades seniores que ainda hoje têm como principal objectivo proporcionar ao idoso a possibilidade de adquirir novos conhecimentos para que assim se sinta útil perante a sociedade. Actualmente existem em tudo o mundo cerca de 300.00, desenvolvidas em mais de 60 países. Em Portugal, o número de

universidades seniores ascende as 54 instituições, mas foi por volta de 2001 que este projecto se desenvolveu mais no nosso país (Ferreira,2006: 87). Todas elas se encontram ligadas a várias associações sem qualquer fim lucrativo onde o voluntariado se destaca.

Estes projectos abordam preocupações recentes, tendo com isso um desenvolvimento muito acelerado. Estas escolas são dirigidas a pessoas que se encontrem na reforma, tendo como objectivo contribuir para a felicidade de todos aqueles que integram estes tipos de projecto e que se mostram motivados a aprender mais pois “ escavar a terra em busca das coisas do passado é também um procura de gestos, de memórias, de gentes que prepararam, construíram aquilo que hoje e o nosso mundo”( Torres, 2006: 91).

### *Esquematização do modelo de análise*



### *Perguntas orientadoras da pesquisa*

- Quais os projectos que ainda guiam a sua vida?

- Quais os sonhos para o futuro?
- O que a faz feliz?
- O que faz para se sentir realizada?
- Como ocupa o seu tempo livre?
- O que marcou a sua vida?

Posteriormente iniciámos a recolha de dados junto desta senhora que frequenta algumas aulas de determinadas disciplinas da Escola Superior de Educação de Leiria, através do programa “60+”. A escolha resultou, fundamentalmente, do interesse em saber o que motiva alguém com 60 anos a voltar a estudar.

No que se refere à metodologia de análise, optou-se pela análise de conteúdo, caracterizada pelo confronto entre um quadro de referências do investigador e o material empírico recolhido (Guerra, 2006). Esta análise de conteúdo tem uma dimensão descritiva, que visa estabelecer bases comparativas, e uma dimensão interpretativa em que se analisará os dados recolhidos, questionando o objecto de estudo anteriormente definido.

Assim, a técnica considerada aqui mais adequada para a analisar os dados recolhidos é análise indutiva (Demazière e Dubar, 1997). Esta análise assenta na abordagem indutiva no que se refere à análise dos materiais, às suas interpretações e produção teórica. Assim, começa-se por elaborar um campo problemático (com base em leituras, referências, estudos, etc. de outros autores), estruturando um conjunto de questões abertas e centradas na problemática. Neste seguimento, a análise de material recolhido será realizado ao nível das funções, das acções e da narração.

Depois de elaborada uma abordagem indutiva passaremos para uma abordagem descritiva onde se especificará determinadas condições necessárias e suficientes de um fenómeno.

A análise de conteúdo tem como principal objectivo descrever não só as situações, mas, também, interpretar o sentido em que foi dito. Assim, depois de realizadas as entrevistas, passámos por transcrever as mesmas, realizar uma leitura sobre estas, deixando algumas anotações. De seguida construímos as sinopses para assim apresentar os dados recolhidos.

### ***Apresentação***

A D. Júlia nasceu a 10 de Setembro de 1948, numa Vila da Beira Baixa, em Penamacor, do distrito de Castelo Branco. Tem três irmãos, sendo a única rapariga. O seu pai era funcionário público e a mãe doméstica.

Viveu na terra onde nasceu até fazer o 4º ano de escolaridade. Depois, com o objectivo de aumentar o grau académico e melhorar a qualidade de vida, a família vai viver para Castelo Branco, cidade onde tirou o Curso Geral de Comércio.

Começou a trabalhar com 15 anos, num escritório de uma empresa, onde permaneceu neste local durante três anos. Passados oito anos, concorreu para os Serviços Públicos, onde veio a ser colocada nos CTT em Lisboa.

Em 1973 veio para Leiria com o marido pois este tinha recebido uma proposta de emprego irrecusável. Trabalhou durante vinte anos nos CTT e dez anos na Telecom.

Em 1975, nasce o seu primeiro filho e mais tarde a sua filha, tendo de deixar por algum tempo os estudos que até então tinha recomeçado na Escola Rodrigues Lobo para fazer o 6º e 7º ano. Novas necessidades começaram a emergir e teve de tirar a carta de condução para poder realizar mais tarefas de uma forma independente.

Aos 50 anos aposentou-se, aproveitando assim o Decreto-Lei que na altura possibilitava às pessoas com trinta anos de serviço aposentarem--se.

Com 50 anos, D. Júlia ainda considerava que tinha muito para aprender e fazer pela sociedade. Assim, em 1999 foi criada a Academia da Cultura e Cooperação, a primeira Universidade Sénior de Leiria, onde participa como professora de pintura, sendo responsável pelas artes decorativas.

Com um grupo de amigas criou um Grupo de Solidariedade Social. Foi com o objectivo de desenvolver actividades e projectos de melhor forma e por ter curiosidade de saber sempre mais e passar por novas experiencias que se inscreveu no programa “60+” (Universidade Sénior) da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria.

### **Motivação/ participação escolar**

*“Saber quais as matérias que estavam inseridas naquele programa dos 60+ que me podiam ser úteis para as tarefas que estou a desempenhar como voluntária na Associação. E, portanto, foi mais essa a motivação, adquirir mais conhecimentos para eu poder pôr em prática no trabalho que estou a executar”*

*“Sinto-me mais nova porque o estar ali, a trabalhar convosco é assim como que eu voltar aos meus tempos da escola”; “é curioso que eu gosto muito de vir ali à escola, nem pensava que me fosse lá sentir tão bem mas isso é mérito do grupo, do vosso grupo”*

*“Vou ficar por ali mais algum tempo se tudo correr bem”.*

### **Influência do meio para a concretização do seu objectivo**

*“Ser trabalhadora-estudante era complicado e com filhos então era impossível. Foi uma das razões porque deixei...foi porque tive os meus filhos não muito cedo mas, para a época era normal...”.*

*“A minha filha até foi uma das que me disse logo quando eu me aposentei que era altura de eu retomar os estudos; os filhos saíram de casa e eu fiquei mais livre”.*

*“Se tivesse na altura aqui oportunidade em Leiria, tinha começado há 10 anos atrás, agora é a altura...É sempre tempo!”*

### **Projectos que guião a vida**

*“Continuo a estudar e estou ligada a uma das coisas que neste momento me ocupa mais de 50% do tempo..., é a Associação do qual sou presidente”*

*“Academia de Cultura e Cooperação e eu ensino a pintar aquilo que sei, fazemos artes decorativas”*

*“E depois surgiu este projecto e eu fui ver o que era foi uma surpresa para mim e achei interessante”.*

### **Sonhos para o futuro**

*“[...] Isso agora eu já não tenho sonhos assim a longo prazo”.*

*“Eu se tivesse condições para fazer o curso de Serviço Social, se calhar ainda fazia”*

*“Para fazer um curso só para depois sei lá onde é que o vou aplicar”; “queimar a pestana sem ter a certeza que me vai ser útil, mas vou tentar e, de facto, se eu conseguir realizar isso, no próximo ano vou tentar inscrever-me nas áreas de Serviço Social”*

*“Isso um objectivo, mais do que um sonho”.*

### **Procurar ser feliz**

*“De uma maneira geral, posso considerar-me uma pessoa com sorte porque as coisas em que me meto consigo levá-las até ao fim e isso dá-me um certo prazer, certa felicidade”.*

*“Tenho saúde, por isso, dou graças a Deus está tudo mais ou menos equilibrado na minha vida, só tenho pena de não ter cá os meus filhos mas enfim...e, agora já lhes disse a eles “tenho muitos filhos, mais filhas do que filhos” [risos].*

### **Marcos históricos**

*“Comecei a ter consciência do que era a ditadura quando comecei a trabalhar”.*

*“Não tínhamos acesso a tantas tecnologias nem a nada que se pareça portanto, houve realmente estes 30 anos, se assim se pode dizer, ou 35 anos de democracia, uma grande revolução tecnológica a todos os níveis... E no tempo da ditadura as coisas eram muito difíceis, muito rigorosas e portanto nós começamos a sentir o peso da ditadura com as regras que nos eram impostas no trabalho, de não podermos sequer falar com o colega do lado. Em termos de trabalho era muito violento nessa questão, trabalhava-se muito, horários muito pesados, se havia necessidade de fazer horas extraordinárias não podíamos recusar de modo nenhuma...”*

*“A questão da emancipação da mulher não foi fácil porque mesmo depois mesmo com aquela mudança da santa ditadura para a democracia houve aqui uns anos em que isso era só no papel”.*

*“Nós trabalhávamos aos fins-de-semana, portanto, foi uma conquista termos o fim-de-semana livre, trabalhávamos nessa altura não sei se eram 45 se 48 horas semanais, depois passámos para as 40, depois para as 35 foram tudo lutas que se foram travando ao longo destes 30 e poucos anos de democracia”.*

### **Representações dos idosos**

*“Eu acho que as pessoas mais jovens andam um bocado distraídas... e não estão a olhar muito bem para o problema dos idosos, mas isso também não se passa só com as pessoas jovens...”*

*“O que me preocupa e em relação aos idosos é a distração das pessoas que têm o poder que não criam condições para que os idosos tenham melhores condições de vida”.*

*“Sou uma pessoa já com muita idade e eu não tenho nada o complexo de ser velha, a palavra velha até é muito mais gira do que idoso. Ser velho é normal e ainda bem que eu já cheguei a esta idade”.*

*“O idoso é mais idoso quando não tem apoio. Uma pessoa que não tenha apoio fecha-se no seu mundo e às vezes morre de tristeza não morre de velhice”;*

*“A minha filha faz agora 33 anos e eu já lhe dizia isso desde que ela foi para a Universidade, que fizesse o curso e que procurasse logo arranjar emprego porque aos 35 era velho, e é verdade... Aos 35 anos é muito difícil qualquer jovem arranjar emprego... e depois são velhos e não há estruturas para os velhos”.*

### **Análises**

Com o contacto directo e a observação à entrevistada pode-se referir que a D. Júlia, 60 anos, desde cedo se interessou por aumentar os seus conhecimentos, tanto ao nível de formação académica como de formação pessoal e social.

A entrevistada, no decorrer dos encontros, deu-se a conhecer, mostrando-nos assim o seu dinamismo e a sua grande força de vontade em nunca “cruzar os braços”, mas sim em agarrar com todas as suas forças tudo o que lhe foi surgindo ao longo da vida.

Também nos contou que uma das fases que marcou a sua vida, foi a sua aposentação. Já não se sentia realizada na execução das suas tarefas profissionais. Mas foi após a sua aposentação que sentiu que possuía então mais tempo para si, podendo então dedicar-se ao que mais gostava de fazer. Foi assim que decidiu participar na Academia da Cultura e Cooperação como professora de pintura. Mas como a D. Júlia possui um espírito

aventureiro não se deixou ficar por aqui e então decide fazer parte de um Grupo de Solidariedade Social exercendo a função de voluntária. Contudo sentia que lhe faltava aprender ainda muito e como pretendia adquirir mais conhecimentos ingressa no programa “60+” que decorre na Escola Superior de Educação de Leiria.

Com este programa pretende obter conhecimentos que possa pôr em prática no trabalho que desenvolve na associação em que exerce o cargo de directora. Afirma que se sente bem e que gosta de interagir com os jovens pois assim sente-se mais jovem e capaz de auxiliar os outros nos seus problemas. Diz-nos ainda que tinha gosto em tirar o Curso de Serviço Social para que assim consiga desenvolver projectos e aplicá-los na associação que coordena.

O facto de voltar a estudar faz com que se sinta ainda muito útil para a sociedade e talvez seja este o grande factor que a conduza a esta plena satisfação.

Foca também aspectos históricos bastante interessantes, tentando transmitir-nos a ideia de que as lutas políticas do passado foram uma grande conquista para que hoje em dia tenhamos melhores condições de trabalho e de vida. Uma das suas grandes preocupações é de como a sociedade mais jovem observa a população idosa. Outra prende-se com as fontes do poder que diz nada fazerem para melhorar as suas condições e situações de vida. Afirma que, para ela, a velhice é uma fase do ciclo vital e orgulha-se por fazer parte do mesmo. Chama a atenção para o facto da sociedade portuguesa estar a ficar cada vez mais velha e diz que os jovens têm de aprender a olhar e a lidar com os idosos.

*“Muitos idosos sentem-se inúteis e sentem que não estão empenhados em qualquer actividade social produtiva”* (Fontaine, 2000: 154). Tal como nos refere a entrevistada, este sentimento dá-se não só pelos jovens não se mostrarem

interessados por este novo fenómeno social de integração e acompanhamento dos idosos mas, principalmente, pelas fontes de poder nada fazer para melhorar a qualidade de vida destes.

Ao longo das entrevistas realizadas, tivemos a oportunidade de constatar que esta idosa é muito dinâmica e luta para alcançar os seus objectivos de forma a melhorar os seus conhecimentos para cada vez mais ser útil na sociedade.

Encara a velhice como uma fase muito positiva do ciclo vital, considerando que um idoso só se torna num velho quando se fecha no seu mundo.

O facto desta idosa se aposentar, permitiu-lhe criar novos projectos de vida e realizar um dos seus grandes objectivos de vida – qualificar-se cada vez mais.

A D. Júlia é o exemplo da participação social do idoso na qual se perspectivam duas dimensões: a manutenção das relações sociais e a prática de actividades produtivas. Realiza actividades para outros idosos numa Academia de Cultura e Cooperação, onde dá aulas de pintura; é voluntária/presidente numa Associação de Solidariedade Social, fundada com um grupo de amigas e este ano é aluna da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria do programa “60+”.

Como nos refere Kaufman “*o indivíduo não é considerado «velho» pelos amigos e pela família enquanto conservar actividades produtivas.*” (cit. in Fontaine, 2000: 154). Um idoso ao participar em actividades políticas, de auxilio escolar, acções humanitárias, ou outras tarefas, contribui tanto para o desenvolvimento económico e cultural do país como, também, ajuda a conservar a sua juventude e vontade de viver.

Este pensamento resume todo o espírito de vida desta idosa, que nos refere:  
*“É sempre tempo! Sempre tempo de fazer mais e melhor, não existindo uma idade para o fazer”.*

### **Guião da 2.<sup>a</sup> Entrevista.**

- O que a motivou a voltar a estudar?
- Ter sido mãe contribuiu para deixar de estudar?
- Até que ponto os seus filhos são uma forma de motivação para continuar a investir nos estudos?
- O que pensam os seus filhos pelo facto de ter voltado a estudar?
- Quais os projectos que guiam a sua vida?
- O que sente sempre que vai para a escola?
- Quais os sonhos para o futuro?
- O que a faz feliz?
- O que faz para se sentir realizada?
- Como ocupa o seu tempo livre?
- O que mais marcou a sua vida?

## **2.º caso**

### **Viver não custa... Custa é saber viver**

#### **Introdução**

Para tentar entrar um pouco nos diferentes mundos do que é envelhecer, apresentam-se agora três casos contrastantes: um idoso institucionalizado, um dependente da sua família e um idoso independente com o intuito de estabelecermos uma comparação e encontrar as semelhanças e as diferenças entre eles, tais como, o sentido que dão a esta nova fase: se o envelhecimento mudou bastante as suas vidas e o que fazem actualmente para se ocuparem no seu dia-a-dia, ....

Pretende-se, também, compreender como é vivido o isolamento social pelos idosos; conhecer as dificuldades que os casos estudados enfrentam no seu dia-a-dia; determinar o tipo de actividades que exerceram/exercem no quotidiano e que contribuem para a qualidade de vida e para o projecto que alimenta a esperança; saber os tipos de apoio que beneficiam por parte dos serviços sociais e das família;

A metodologia utilizada é composta por pesquisas de suporte informático e bibliográfico, pelo método biográfico e como técnica a entrevista (aberta e semi-estrutura) acompanhada com uma observação participante.

## O Idoso por ele mesmo

### *Idoso Independente*

---

#### *Envelhecer em casa!*

Antigamente, a velhice estava associada à dependência e à perda de autonomia para sobreviver. Com o aumento do número de idosos e com o passar do tempo, cresce também a perspectiva de melhoria na qualidade de vida dessas pessoas. Isto é, envelhecer mantendo a saúde, autonomia e independência constitui actualmente um desafio à responsabilidade individual e colectiva. Portanto, quando se envelhece levando uma vida mais saudável, estamos a promover a manutenção ou a restauração da autonomia e independência.

Segundo Evans (1984), a “*autonomia*” é a capacidade de decidir, ter liberdade moral ou intelectual, de estabelecer as suas próprias regras e de segui-las, ou seja, é a capacidade de se comandar a ele próprio e de determinar quais as metas que quer para si. Por outro lado, a “*independência*” é a capacidade de ser responsável pelos próprios actos e desejos, ou seja, é a “*capacidade de realizar algo com os seus próprios meios*”. (Netto, 2002: 316)

Nos idosos deve-se preservar a garantia do reconhecimento da sua autonomia e convicções, pois “*a sua participação activa no processo de tomada de decisões é restringida, muitas vezes, pela própria família ou pelas instituições*”. (Goldim, 2000)

O idoso independente entrevistado tem 70 anos, vive com sua esposa de 67 anos e são ambos portugueses. José vive numa aldeia no concelho de Ourém. Mas nem sempre residiu aí. Segundo ele, “*vivi nos Abades, abh em determinadas épocas. Porque fui emigrante [...] em França [...]*” e esteve em

*“[...]Lisboa alguns anos, em que fui empregado da Carris.”* Relativamente à sua casa, esta demonstra ter boas condições, com água e luz.

*José* tem só um filho de “46 anos”, que é seu vizinho. Entre o idoso, o filho e os familiares parece existir uma boa relação, pois segundo o idoso, “*os meus familiares ajudam, sempre me ajudaram. Sempre, sempre senti apoio por parte do meu filho.*” Contudo, sente-se injustiçado por parte do Estado ao nível da reforma, pois entende que a sua reforma deveria ser superior, sendo “*insuficiente*” para a sua sobrevivência.

Antes de se reformar *José* teve um extenso currículo. “*Com 14 anos fui moleiro. Aos 15 fui para Lisboa trabalhei na rua Mendes parque de Odivelas. A partir dos 17 anos fui para a electrificação dos caminhos-de-ferro. Em 1958 fui para a tropa, em que tive lá 24 meses. Posteriormente fui guarda prisional no presídio militar de Santarém. Saí da tropa e regresssei à electrificação novamente. E fui em 1961 para os carris de Lisboa. [...] Em 1964 fui para França tive lá doze anos em motorista. Regressei a Portugal e continuei a ser motorista, em que trabalhei 15 anos por conta do mesmo patrão. E terminei...*”. Apesar do seu extenso currículo, a profissão com a qual mais se identificou foi a de “*motorista de pesados*”, “*Tanto em Portugal como no estrangeiro*”, dado que, “*[...] era um trabalho que me dava prazer*”, talvez por isso permaneceu nesta área laboral bastantes anos.

*José* é uma pessoa activa, pois após a sua reforma ainda ocupa o seu dia-a-dia a trabalhar “*no campo na agricultura [...], também ajudo alguns familiares de forma a manter-me ocupado*”, tal como pudemos observar nas visitas que lhe efectuamos. Quando o encontrávamos estava no campo a trabalhar, a tomar conta de animais ou a rachar lenha. Para ele, “*Parar é morrer!*” Aliás, quando passou da vida profissional para a reforma, pareceu-lhe um grande pesadelo. “*Pesadelo porque é assim! [...] quando a gente entra para a reforma, automaticamente podemos considerar que estamos a tombar para a velhice. Aí foi uma altura em que, abbbb, pronto houve aquele embate em que deixamos o trabalho,*

*deixamos a vida profissional, deixamos os amigos, e deixamos essas coisas todas, para passar a encontrar-se na reforma, a encontrar os amigos. Portanto fora do local de trabalho”.*

Relativamente aos projectos de vida, afirma que “ [...] *gostaria de fazer muitos projectos de vida mas a idade já não o permite.*” Considera a idade um obstáculo à conquista dos seus sonhos. Demonstra uma conformidade com a idade associada à perda dos objectivos e aguarda por cada dia. “*Agora neste momento os sonhos passaram-se todos porque a idade já não dá, e a vida assim o permite que ...* [Pensativo] *Pronto, [...] já não tenho hipótese de nenhum projecto de vida. Agora é sobreviver, é sobreviver a vida mais nada, é viver a vida.*” Mas se a vida lhe desse uma nova oportunidade ou recuasse, desejava conquistar “*Uma evolução, com a qual hoje me sentisse melhor que aquilo que me encontro ... financeiramente. E outras coisas!*” Demonstrando que, apesar de se conformar com o que a vida lhe deu, sente-se um pouco triste por não estar bem financeiramente. Acredita, assim, que se o seu passado fosse diferente, actualmente poderia ter uma vida mais recheada, contribuindo para um melhoramento de bem-estar de si próprio e da sua mulher.

Para o entrevistado, a vida é um ciclo “ [...] *em que a gente nasceu, crescemos, fomos jovens, fomos adultos, somos ido... sou idoso e é claro*”, e segundo ele “ [...] *temos que enfrentar a vida tal e qual, como ela nos apresenta*”.

Contudo, para o idoso “*Envelhecer é o tempo que já passou. O tempo passou ... Abhh tempos foram, foram bons. Tempos que...* [silêncio] *E, hoje ainda continuam a ser bons*”, esta concepção vai de encontro à seguinte definição de Silva (2005), “*envelhecer não significa seguir um caminho já traçado mas, pelo contrário, constitui a construção dele permanentemente [...] envelhecer é facto da natureza e do tempo*”. Relativamente à concepção de velhice, o idoso demonstra conhecê-la pois para ele “ [...] *a velhice... não há nada a fazer. A velhice é que trás, trás uma cova para a gente ir lá para dentro ou para nos porem lá dentro*”. Esta

concepção aproxima-se do que refere António Netto que afirma: “*é velho quando todos os dias parecem o último da sua longa jornada [...] Para o velho as horas se arrastam, destituídas de sentido.*”

O envelhecimento para José é normal. Este processo de envelhecimento trouxe-lhe “*um novo saber*” e um sentimento de saudade “*da juventude, daquilo que fomos em tempos*” e melancolia pois com o passar dos anos perde-se a força e a criatividade, afirmando que “*[...] hoje já não podemos fazer porque a idade passou*”. O entrevistado refere que na sua zona geográfica a perda de criatividade na população idosa pode ser superior que noutras áreas devido à falta de espaços lúdicos, de actividades direccionados para os idosos, de espaços de convívio, ... “*Até uma parte da criatividade perde-se com o tempo e mais a nossa zona que tem pouca criatividade, poucos, tem poucas [...] A nossa zona, a nossa área não tem meios, não tem, não tem, meios ou não têm actividades que nós possamos relaxar um pouco.*” Efectivamente, os idosos que vivem nesta zona encontram-se um pouco isolados: “*Portanto, temos de viver o dia-a-dia um bocado isolados e assim. Viver o isolamento pois não há áreas para a gente se divertir, conviver ou outras coisas. Nós não temos na nossa zona nenhuma área para os idosos se juntarem e conviverem*”. Segundo o idoso este facto traz-lhe uma certa melancolia pois apesar de aceitar salienta no seu discurso uma vontade de comunicar com os outros, de interagir e participar em actividades, deixando-nos assim com o pensamento de que este gosta de desenvolver as suas competências de forma a ter um maior bem-estar e qualidade de vida.

Este idoso passa os seus dias de semana a trabalhar nas actividades da terra convivendo às vezes com os vizinhos no café à hora de almoço e jantar. À segunda-feira de manhã vai ao mercado onde revê os seus amigos. Durante os fins-de-semana convive com os seus amigos que se juntam no largo ou cafés, participa em reuniões da Junta de Freguesia e vai à missa aos Sábados à noite.

O Sr. José não teme a morte. *“quando ela vier eu terei de fechar os olhos e adeus”*. Para ele, a morte é normal. Quando chegar a hora, as últimas palavras que gostaria de pronunciar são *“Adeus mundo, para a eternidade!”*. Pensamos assim que tal entendimento se deve ao facto da morte estar bastante presente na vida dos idosos. Tal como Netto (2002) defende, a vida dos idosos é marcada por perdas tanto materiais como espirituais, pessoais e de pessoas.

Relativamente à sociedade, o nosso entrevistado afirma que esta *“Ultrapassou aquém das expectativas que eu tinha. [...] Portanto chegou a uma parte, que eu nunca calculei que a modernidade chegasse ao ponto em que nós encontramos-nos.”* Para ele, a juventude terá sérias dificuldades no seu futuro, mais do que os jovens possam imaginar. Acredita que esta fase *“dura”*, na qual nos encontramos, tenderá a piorar. E acredita que dificilmente haverá grandes mudanças nesta matéria: *“Só se houver um milagre.”*

Até aos dias de hoje o nosso entrevistado nunca pensou em ir para o Lar. Mas não repudia totalmente esse pensamento. *“Nunca pensei ir para o Lar mas posso vir a ter a ideia.”* Para ele a altura certa em ir para o lar é *“quando nós vemos que já estamos a dar trabalho às pessoas e então nessa altura... Na minha maneira de ver entendo que em vez de estar a dar trabalho às pessoas, vale mais ir para o Lar.”* Mas apesar desta hipótese, ele antes prefere ficar junto da sua família ou com uma auxiliar. *“Porque ao menos, pronto... ao menos não estava dependente de um lar mas estava dependente de pessoas próximas... Que [...] podiam-me auxiliar.”* Mas neste momento, *“José”* deseja continuar na sua casa porque *“eu sempre gostei da minha casinha e a nossa casa é a nossa brasa é o nosso concheço”*. E ele ainda declara que até quando conseguir efectuar aquilo que for da sua responsabilidade, ou seja, enquanto for um idoso independente permanecerá na sua casa.

Este entrevistado diz desconhecer o significado da palavra idoso, apesar de nomear durante o seu discurso essa palavra. Mas assume que sente que está

a envelhecer. “*Sinto que estou a caminhar para o lado da velhice*”. Relativamente à terminologia “*velho*”, este rejeita-a de imediato. “*Não me considero velho, nem considero ninguém. Velhos são os trapos.*”. Ele prefere que quando se referem à sua idade que a refiram como uma idade avançada.

Em suma, *José* é uma pessoa que, de acordo com a distinção de Netto, pode ser considerado “*idoso*” ou “*velho*”, apesar de recusar estas terminologias. Durante o seu discurso demonstra características de ambos. É uma pessoa bem lúcida, com saúde, e demonstra ter ainda muitas capacidades. Salienta que não irá cessar as suas actividades de trabalho não remuneradas enquanto a vida o permitir, dado que para ele “*Parar é morrer!*”.

### ***Idoso Dependente***

---

A dependência é definida como a necessidade de ajuda ou de assistência importante para as actividades da vida quotidiana ou, mais concretamente, como um estado em que se encontram as pessoas que, por razões como a falta ou perda de autonomia física, psíquica ou intelectual, tenham necessidade de assistência ou ajuda importante para realizar os actos correntes da vida diária e, de modo particular, os referentes ao cuidado pessoal. A dependência é um fenómeno presente em todas as faixas etárias, não sendo exclusiva dos idosos.

Existem muitos tipos de dependência. As mais significativas são: a dependência económica, a dependência física, a dependência social, a dependência moral ou cognitiva, a dependência emocional, real, imaginária, normal, de crises e neurótica.

Nas estratégias para a prevenção da dependência destacam-se: promover hábitos de vida saudáveis; melhorar a eficácia dos sistemas de saúde e o tratamento precoce das doenças crónicas (Pimentel, 2005).

Segundo a OMS, em Portugal, a proporção de 65 ou mais anos em situação de dependência é de 7,3% em relação à população idosa (1999). “Necessidades e estratégias na dependência: uma visão da família.”

Para conhecer um pouco a realidade dos idosos em situação de dependência e que continuam a morar em sua casa, escolhemos o Sr. Jesús e D. Carmen, casal pertencente ao povo espanhol do Porriño onde viveram toda a sua vida. Para conhecer melhor a situação, realizámos uma entrevista a D. Carmen e a Mari (filha, que cuida habitualmente do casal). Não foi possível realizar a entrevista ao Sr. Jesús por não se encontrar nas suas plenas capacidades mentais, uma vez que padece da doença de Alzheimer.

Jesús, nasceu a 14 de Setembro de 1910, tendo actualmente 98 anos. A senhora Carmen nasceu a 19 de Setembro de 1919 e, de momento, tem quase 89 anos. Ambos se encontram em situação dependente: Jesús por padecer da doença de Alzheimer em fase avançada (dependência mental ou cognitiva que também provoca dependência física) e Carmen por sofrer de múltiplos problemas físicos (dependência física).

Actualmente, no tratamento do casal participam duas senhoras contratadas a uma empresa de ajuda domiciliária, que trabalham de segunda a sexta, com horários alternados. Uma delas cumpre o turno da manhã, das 8 as 16 horas, e a outra das 16 horas até à meia-noite. Os seis filhos do casal organizam-se de forma a que cada um deles passe uma noite com os seus pais já que Jesús permanece, na maioria das vezes, as noites sem dormir, devido ao estado avançado da perturbação. A sua esposa, Cármen, tem os ossos debilitados, não sendo capaz fisicamente de fornecer os cuidados necessários, ao seu marido.

Trata-se de um casal dependente 24 horas, que pode contar com a ajuda e apoio dos filhos que se disponibilizam voluntariamente para cuidar dos seus pais, o que demonstra um enorme carinho e afecto por esses.

Mari descreve a situação da seguinte forma:

*“[...]os anos começaram a pesar, e desde há quatro anos a esta parte, as coisas começaram a mudar. O meu pai começou a esquecer-se de pequenas coisas, depois, quando falávamos com ele, respondia coerentemente, mas cantando (parecia que estávamos num musical), e foi nessa altura que lhe detectaram a doença Alzheimer. Esta foi evoluindo até aos dias de hoje. Presentemente usa fraldas, temos de dar-lhe banho, passar-lhe a comida...*

*A minha mãe, pelo contrário, de cabeça está perfeitamente bem, lembra-se até das datas de aniversário dos seus quinze netos. Diria até que de cabeça está melhor do que eu, mas tem muitos problemas físicos, está cega de um olho e com graves dificuldades de visão no outro, bem como muitas dificuldades a nível dos movimentos, devido aos ossos deteriorados.*

*Neste momento a situação está complicada [...].”*

Jesús e Carmen continuam a viver na sua casa pois é esse o seu desejo, tendo todo o apoio e auxílio por parte dos seus filhos. Estes sentem a necessidade de terem os pais por perto, para poderem cuidar deles, consoante, é claro, as suas possibilidades, pois todos eles têm uma família e um trabalho, que requer muito da sua atenção, mas o importante é saber gerir o tempo, de forma, a que todos se sintam satisfeitos e felizes em contexto familiar. Nas palavras de Cármen,

*“[...] Nunca quis pensar nisso porque realmente não gostaria... Prefiro ter a minha intimidade e ser cuidada por pessoas mais próximas, além disso acho que como a nossa casa, não vamos encontrar outra igual e prefiro pagar a pessoas que cuidem de nós aqui e estar no nosso meio.” e Mari, a sua filha, diz ao respeito “Realmente não, acho que em nenhum sítio, vão estar como em casa, com todos os cuidados que precisam. Para além de que, não era da sua vontade sair de casa. Espero que os meus filhos um dia façam o mesmo comigo [...].”*

A casa do casal foi adaptada funcionalmente às suas necessidades. Uma das casas de banho foi totalmente modificada, foi trocada a banheira tradicional por uma banheira totalmente aberta, com uma espécie de cadeira, para que possam estar sentados enquanto tomam banho. Foi também adquirida uma cama tipo hospitalar, para evitar que Jesús caísse durante a noite. A única barreira arquitectónica que ainda não foi possível solucionar é a ausência de elevador no prédio, e neste momento o casal já apresenta sérias dificuldades para subir e descer as escadas até ao primeiro andar, onde moram, o que muitas vezes impossibilita as visitas ao exterior.

A senhora Carmen acha que é uma pessoa feliz, apesar do seu deteriorado estado de saúde: “[...] *considero-me uma pessoa feliz porque estou rodeada de pessoas que gostam de mim e acho que na minha idade já não se pode pedir mais [...]*”. A sua maior preocupação, actualmente, é o bem-estar da sua família e, com base nos seus ideais religiosos, o seu último desejo é morrer em paz.

Pela sua experiência de vida, está consciente da mudança da Sociedade e tem medo dos novos problemas sociais, como o terrorismo, os maus tratos, as violações... E diz também que na sua juventude não era nada medrosa. Todo o medo que actualmente tem diz ter ganho à medida que os anos foram passando: “[...] *neste momento da vida há que ter medo de tudo... não podemos confiar em nada nem em ninguém*” [...]

Esta idosa refere ter muitas saudades do seu passado pois sente-se incapacitada para realizar aquelas actividades que antes não requeriam grande esforço, como é o caso da costura, das visitas ao estádio para ver o futebol, ir ao centro social ler o jornal, ir à missa, poder passear com o seu marido, cantar, cuidar dele, etc. Ela acredita que tudo isto tem sido provocado pela grande perda de visão e pelas dores de ossos que reduzem os seus movimentos. Diz que poderia continuar a ir à missa mas não

considera apropriada a presença do seu marido, pois “[...] *já não se sabe comportar* [...]”. Também, não gosta de ir sozinha, pois já sabe que todos lhe vão perguntar porque deixou o marido em casa se está muito doente.

Mari, filha do casal, afirma que quando um deles falecer o outro irá atrás, pois para além de serem dependentes físicos são também dependentes um do outro. Neste momento, ambos “[...] *são totalmente dependentes de terceiras pessoas para tudo, para além de serem dependentes um do outro quando um deles morra o outro vai detrás*[...]”

Cármen, na sua juventude, não pensava nos malefícios do tempo, não pensava em como envelhecer, como refere num momento da entrevista “[...] *vivi sempre o momento... não pensava no envelhecimento mas é a lei de vida, os caminhos a escolher são a morte ou o envelhecimento e a mim tocou-me envelhecer*[...]”

Os anos foram passando para este casal, a sua situação de saúde actual não é desejável para ninguém, mas tiveram ambos uma boa juventude juntos, têm neste momento seis filhos, dezasseis netos e sete bisnetos que os adoram, bons cuidados na sua própria casa, tal como eles desejavam, e estão satisfeitos com a vida “[...] *Deus já está a fazer por mim mais do que mereço, por isso sou feliz e não preciso mais nada*[...]”.

### ***Idoso Institucionalizado***

---

#### ***Aprender a viver fora de casa!***

Na sociedade actual é significativo o aumento da população idosa que por problemas económicos ou por falta de disponibilidade familiar não consegue permanecer em suas casas.

Face a esta situação, a sociedade desenvolveu infra-estruturas, nomeadamente lares para idosos, que procuram responder às suas necessidades, proporcionando-lhes uma maior qualidade de vida.

Num lar, o idoso pode residir com uma ajuda diária de profissionais que o irão ajudar nas tarefas do seu quotidiano como, por exemplo, na sua higiene pessoal, na alimentação e na elaboração de actividades que o ajudem a exercitar o pensamento, a criatividade, a motricidade fina e grossa dos seus movimentos, nomeadamente através da realização do exercício ou de trabalhos manuais. É o que acontece a idosa institucionalizada que entrevistámos, que reside há 9 anos na Santa casa da Misericórdia de Leiria.

A Instituição recebe pessoas idosas, de ambos os sexos, que tenham dificuldades na inserção social e familiar e que demonstrem vontade em ir viver para o lar. Uma vez admitidas, dá-se o momento do acolhimento e presta-se o devido auxílio, tendo em conta o respeito pela pessoa. Esta resposta social é uma estratégia de combate ao isolamento, que conta com a colaboração de profissionais para proporcionar aos idosos um equilíbrio bio-psico-social, assegurando os cuidados de saúde e do tratamento integral. Actualmente, o lar da Santa Casa da Misericórdia integra quatro valências: o Lar de terceira idade, Clínica Médica e Reabilitação, Apoio Domiciliário e Academia de Cultura e Cooperação.

Segundo a entrevista que efectuámos à D. Maria, obtivemos alguns dados sobre a sua história de vida, com o intuito de estabelecermos uma comparação entre os três casos estudados e também conhecermos a relação entre a idosa e o seu contexto.

A D. Maria organizou a sua vida com base no seu saber, considerando-se uma pessoa feliz por tudo aquilo que construiu, “[...] *Tou contente por tar desta idade, fizo tudo* [...]”. Sempre residiu no distrito de Leiria, casou aos 20 anos e trabalhou desde os seus 12 anos. Era costureira numa fábrica de bonecos.

Teve 4 filhos, 3 raparigas e um rapaz. Para este último a vida reservou-lhe um precoce destino fatal pois, devido a uma queda, este fracturou o seu crânio, falecendo aos 4 anos.

Quando engravidou do primeiro filho teve que deixar o trabalho porque não tinha ninguém que ficasse a tomar conta dos filhos (uma problemática social bastante frequente na actualidade). Apesar de se tornar doméstica, alojou três hóspedes em sua casa e continuou com a costura.

Relativamente à opção de ir para o lar, essa foi exclusivamente da sua autoria. Planeou esta última fase da sua vida com consciência e aceitação. É importante referir que esta tinha a opção de ir para casa das suas filhas mas não foi pois não desejava ser mais um “peso”, uma preocupação na vida destas “[...], *porque se eu fosse para casa delas, elas não tinham a vida que têm, porque sabiam que eu não gosto de tar sozinha. Tavam sempre preocupadas e eu vim para aqui porque, face esta vida, enquanto não estive assim tão mal, podia andar bem, eu saía muito. [...]*”.

A idosa institucionalizada soube do lar ainda este estava em fase de construção, tendo suscitado a vontade de viver ali os seus últimos dias, ao contrário do seu marido que nem gostava de falar sobre o assunto. Quando o seu marido faleceu, ficou sozinha em casa, o que lhe causava algum medo e constrangimento, o que foi decisivo para preferir ir viver para o lar, ainda como independente, com 72 anos. “[...] *E, e não queria tar cá sozinha tenho fobia de medos... Ficar-me-ia... a minha casa é uma casa sempre cheia e depois ver-me sem ninguém. [...]*”

D. Maria também refere que adaptação à sua nova casa foi fácil porque teve uma tia que lhe apresentou toda a instituição e o seu funcionamento. Mas contradiz-se ao referir que nos primeiros momentos que ali residiu teve uma depressão que, na opinião dos profissionais do lar, resultou do facto de ainda ser muito nova para ali estar. Mas a vontade de ir para o lar era firme

e o medo de estar sozinha e não querer ir para casa das suas filhas levou-a a continuar em frente com a sua decisão.

*“[...]Tive uma depressão quando entrei para cá. Disseram que eu era melhor vir à experiência, que eu ainda era muito nova. [...] Eu disse experiência não, se quiserem-me cá é definitivamente. Mas disseram-me há mas pode-se arrepender e eu disse arrepender-me não [...]*

Assim, era do seu interesse ir viver para uma instituição. Mas a adaptação ao local que não é a casa própria nem sempre é fácil. Se os próprios adultos em idade activa têm dificuldades com estas migrações espaciais e culturais, se as crianças têm dificuldade, quanto mais um idoso que viveu a maior parte da sua vida em determinado sítio!

É importante realçar que a inadaptação, na maioria das situações, vai diminuindo quando o idoso começa a socializar-se com os profissionais e com os outros idosos, reconhecendo depois o lar como sua a casa. Muitas vezes encontram no lar antigos colegas e amigos de infância e isso também ajuda a esta adaptação.

Neste caso, a D. Maria refere que têm alguma dificuldade em estabelecer relacionamento, não com os profissionais, mas sim com os idosos, que na sua maioria são dependentes. Apesar de muitas vezes os ajudar quando estes têm alguma necessidade.

*“[...] Não gosto de televisão, os programas arrepiam-me muito e o sistema nervoso alterasse-me muito, por isso, prefiro ir para o meu quarto ou ir lá para cima. Assim, não ouço barulho. De noite chego a ouvir os idosos que estão ao lado do meu quarto. E vou ajudar. [...]*”

A D. Maria teme pelo dia em que ficar idosa dependente. Questiona-se sobre como será a sua vida quando estiver naquela situação. *“[...] Tenho muito medo de tornar-me dependente porque estou a ver o que os dependentes daqui estão a passar. Pois, eu hei-de passar por onde os outros passam e isso assusta-me. E também não podia estar sozinha na casa... Então tem que ser [...]*”

Actualmente, D. Maria costuma sair da instituição para ir ao café ou conversar com pessoas amigas, que estão por ali perto. Mas confessa que não gosta de permanecer muito tempo fora de sua casa (a instituição). Tem medo de ser assaltada e considera-se uma pessoa pessimista por isso. Assume que vê problemas por todo o lado. Sente-se frágil face a determinados actos sociais mas também salienta que não quer perder a sua liberdade, daí o horror à dependência.

A idosa, quando fala no seu passado, recorda-o com carinho e refere que foram os melhores anos da sua vida, época em que podia passear por Leiria, conversar com suas amigas... Mas a fobia de estar sozinha “falou mais alto” na sua vida o que originou a ida para o Lar.

Aceita a vida como tendo coisas boas e coisas más, a perda do seu marido é comparada a acontecimentos menos bons, aspectos que encara como sendo normais da vida, pelo qual todo o mundo terá que passar, uns mais tarde, outros mais cedo. “ [...] *Os tempos que passei anteriormente com o meu marido, esses sim eram bons tempos mas não podem durar toda a vida. Eu nunca andei a chorar a morte do meu marido aceitei, pois algum tinha de ir primeiro. [...]*”. É importante referir que ela sente muito a falta do marido, apesar de se referir à morte como algo decorrente e natural do dia-a-dia. Criticando outras viúvas, no seu discurso ela evoca-o muitas vezes.

Actualmente não tem projectos. Refere que os seus dias são aborrecidos porque as limitações cresceram, impedindo-a de realizar algumas das actividades que costumava fazer para se entreter.

*“[...] Os meus dias são muito aborrecidos, não há nada para se fazer. Antes entretia-me a dobrar roupa, cozer agora a minha doença não me o permite. A animadora é muito boa e eu colaborava muito com ela para fazer exposições, mas agora devido à minha doença já não posso [...]*”

Dona Maria caracteriza a sociedade actual como consumista, pois refere que os preços estão sempre a aumentar, o que causa sacrifícios familiares.

Critica os jovens por quererem tudo, não tendo a noção da despesa e o trabalho que os seus pais têm para lhes poder garantir uma maior qualidade de vida e a satisfação dos seus pedidos.

*[...] Ai, isto é horrível, as pessoas que vive só dos ordenados têm filhos a estudar e as meninas sabem. Não sei se os vossos pais fazem sacrifícios mas devem de fazer e, as coisas sempre a aumentar, tudo a aumentar, tudo a aumentar, onde, onde isto vai parar [...]*

Finalizando esta primeira análise sobre a vida de Dona Maria, é de referir ainda que é consciente do que quer e como quer viver. Não tem medo da morte mas tem medo de ficar dependente, de perder a sua liberdade. Este sentimento certamente servirá de espelho a muitos dos idosos. O não poder fazer como e quando quer é o estar impotente para agir.

A Dona Maria aceita a sua vida actual, mesmo com as suas limitações, e na sua opinião é uma mulher realizada, fez na vida tudo o que planeara, sentindo-se feliz por isso. “[...] nós temos que tentar ultrapassar os males para depois ser-mos compensados com os melhores. Assim, é viver enquanto agente aqui cá estiver.”

É de salientar que há por parte desta idosa uma integração com sucesso na instituição pois ela adoptou-a como sua casa! Esta situação é muito importante para o êxito das respostas sociais. Além disso, é de referir o interesse por parte da idosa em ir para um Lar sem pedir a opinião da família, dado que, normalmente, quem opta pela institucionalização do idoso são na maioria as famílias dos idosos.

### 3.º caso

#### **O Apoio Domiciliário na perspectiva do Idoso, breve análise**

O crescimento percentual de idosos, sobretudo nos países desenvolvidos levou a questão a ganhar relevância entre as preocupações dos governos, da sociedade e dos meios científicos.

O progressivo envelhecimento da população tem-se acentuado nas últimas décadas, tornando-se necessário responder de forma adequada aos novos desafios que se colocam, de forma solidária e Humana, salvaguardando os interesses e ausências das pessoas desta faixa etária.

Para tal, um Serviço de Apoio Domiciliário (S.A.D) de qualidade visa assegurar a prestação de cuidados individuais e personalizados a idosos no domicílio quando por motivo de doença, deficiência ou outros impedimentos, estes não conseguem assegurar temporária ou permanentemente a satisfação das suas necessidades básicas e/ou actividades de vida diária.

O S.A.D tem como objectivo evitar ou retardar a institucionalização de pessoas, contribuindo para melhoria da qualidade de vida dos idosos e, conseqüentemente, das suas famílias. Neste âmbito, o S.A.D pode proporcionar os seguintes serviços: Confeção e distribuição de refeições (almoço e lanche); cuidados de Higiene e conforto pessoal; higiene da habitação (arrumações e pequenas limpezas no domicílio); tratamento de roupa (lavagem);

Incidimos nesta problemática pelo facto de termos como objectivo tomar conhecimento das razões que levam um idoso a optar pelo apoio domiciliário em vez do lar de terceira idade. Este estudo parece-nos pertinente, visto que muitos idosos, quando não se sentem já capazes de

desempenhar funções básicas e ser autónomos, recorrem a empresas de apoio domiciliário, ao invés de um lar ou centro de dia.

Desta forma, elaboramos a seguinte pergunta de partida, com o intuito de nos orientar durante toda a nossa investigação: que motivações levam o Idoso a optar pelo Apoio Domiciliário em vez do lar de 3ª Idade?

Fizemos, neste sentido, realizámos entrevistas a dois idosos que recebam apoio domiciliário no concelho da Marinha Grande de que aqui, agora, necessariamente, damos apenas alguns apontamentos breves.

Ouvimos dois idosos, o Sr. Zé, de 87 anos, e a Dona Maria Teresa, com 78 anos, ambos reformados.

Através do testemunho da Dona Maria apercebemo-nos que a sua qualidade de vida continua elevada devido ao tipo de serviços que lhe são prestados por parte do Apoio Domiciliário.

Ambos manifestam uma opinião positiva relativamente ao trabalho que as equipas de Apoio Domiciliário lhes prestam, traduzido nas seguintes afirmações: *“Só tenho a dizer bem (...)”* (Sr. Zé); *“acho que o trabalho que é bom”* (Dona Maria).

De uma forma unânime, os serviços prestados por estas equipas são aqueles que permitem aos idosos a satisfação das suas necessidades básicas, como a alimentação e a higiene, por exemplo.

Quando questionados acerca de uma possível ida para um Lar de Terceira Idade, averiguamos duas perspectivas diferentes. O Sr. Zé concorda com a ideia; contudo não possui recursos financeiros que o permitam. Por outro lado, a Dona Maria mostrou algum desagrado pois recusa-se a sair de sua casa (*“Se fosse obrigada, pois ia”*).

Em relação aos esforços por parte da família em proporcionar aos seus idosos uma boa qualidade de vida, esta encontra-se um pouco ausente do seu quotidiano: “...elas não querem saber dos pais delas, só quando têm dinheiro” (Sr. Zé).

Na opinião dos nossos entrevistados, os Lares de Terceira Idade, para além de se tornarem dispendiosos, também têm os seus aspectos positivos. Assim, o Sr. Zé salienta a importância de existir um apoio mais personalizado e próximo dentro do ambiente de um Lar. Por sua vez, a Dona Maria chama a atenção ao factor convívio que se gera dentro do mesmo, como ilustra a frase: “elas dançam, elas tocam, elas fazem tudo”.

Em relação aos motivos que levaram os nossos idosos a optar pelo Apoio Domiciliário, estas foram convergentes na medida em que os nossos entrevistados já não se mostravam capazes de realizar as suas actividades diárias. Para a Dona Maria existiu uma agravante pois ficou doente e teve que ser hospitalizada.

Por fim, o Sr. Zé afirmou que a decisão de receber ou não Apoio Domiciliário foi totalmente autónoma, enquanto que para a Dona Maria esta decisão foi-lhe incutida por parte do hospital onde esta recebeu tratamento.

*“Cada velhice é consequência de uma história de vida”* (Gusmão, 2003).

Ao falar de velhice é importante falar de identidade. Nesta fase da vida, esta mostra-se um processo intersubjectivo onde a imagem de si próprio se projecta constantemente nos outros. Assim, o indivíduo só existe quando é reconhecido pelos outros.

Através da realização deste trabalho foi possível tomar conta de algumas das principais razões que levam um idoso a optar pelo apoio domiciliário em vez de um lar de terceira idade. Aqui, torna-se também pertinente

afirmar que, no âmbito desta temática, ficámos muito aquém, pois há ainda muito a investigar e a dizer.

Efectivamente, o apoio domiciliário permite uma melhor integração do idoso que necessita de cuidados especiais, retardando assim a sua institucionalização. Assim, podemos dizer que este assegura os cuidados básicos dos idosos mais desfavorecidos, e não só. Por sua vez, a procura de lares de terceira idade tem aumentado cada vez mais, contudo estes ainda não conseguem fazer face a tanta procura. Para o idoso, o lar é encarado como uma ruptura com o meio social com o qual se identificam, pois promove um maior abandono, exclusão, sofrimento e morte.

O mais positivo neste caso (como, de resto, em todos os outros, também) foi o contacto/interacção com os idosos. Através das entrevistas realizadas foi-nos possível conhecer outras “histórias” de vida que não as nossas e as dos nossos próximos. O estudo deste tipo de problemáticas mostra-se cada vez mais pertinente, dando “voz” a muitos dos nossos idosos. Estes não podem ser pensados como folhas apagadas pelo tempo, pois é a pensar no presente que podemos alterar o nosso futuro!

#### 4.º caso

##### A dependência do Idoso

Opta-se aqui por analisar um contexto familiar onde o idoso é dependente. A reflexão sobre esta realidade permitiu-nos formular a seguinte questão de partida para a orientação desta pesquisa – “Quais as alterações que ocorrem no seio de uma família cuidadora?”. Para conseguirmos desenvolver a nossa questão de partida traçamos os seguintes objectivos: analisar os tipos de cuidados que o cuidador presta ao idoso dependente, assim como, identificar e analisar as necessidades dos cuidadores, e, por fim, o que leva o cuidador a não institucionalizar o idoso. Para a realização deste estudo seleccionámos um agregado familiar do qual fazia parte um idoso dependente.

##### **A Família**

A nossa família é o lugar de aconchego, segurança, identidade e lembranças e como tal é o contexto desejado para envelhecer. Apesar dos conflitos que possam emergir sentimos que *“lá é o nosso lugar”*.

*“A minha nora Idalberta é como uma filha para mim... sim, trata-me, cuida de mim como se eu fosse mãe dela. Não sei o que seria de mim sem a minha nora.”*

A família é composta por pessoas de várias idades que se relacionam e que, de vez em quando, pensam na sua futura ou actual velhice. Esta reflexão dá-nos vários pontos de vista sobre o que é a velhice.

Sendo assim, a velhice:

Aos 48 anos “... um período em que se vive de recordações!”

Aos 78 anos “ ... uma ironia! Quando após ter passado por vários estádios da vida se atinge a plenitude, deveria ter-se direito a desfrutar do tempo sem preocupação, o que raramente é possível devido aos problemas de saúde!”

Podemos então concluir que a velhice na família é o entrecruzar de todas estas imagens: o confronto com o próprio envelhecimento e com a vivência da velhice dos parentes idosos. Toda esta vivência e interação confronta-se com problemas muito concretos, como ver o idoso a perder capacidades físicas e mentais; ter de cuidar de um idoso outrora cheio de vigor, pensar no recurso a uma institucionalização, etc.

### **A família enquanto espaço de trocas e interações**

É vulgar ouvirmos dizer que a instituição família está em crise, que é decadente e que esta foi substituída no desempenho das suas funções mais importantes por outro tipo de grupos sociais ou instituições. Mas a família continua a ser uma instituição significativa para o suporte e realização efectiva do indivíduo. É um modelo de valores, um universo de afeição e partilha de normas morais onde o idoso deposita a sua inteira confiança. Esta permanecerá sempre como uma referência de valores.

A família é tida como o grupo de parentes com os quais o idoso mantém um conjunto de trocas mais ou menos intensas. No fundo são todos aqueles que estão relacionados com o idoso, por laços de sangue ou de aliança, mas que este reconheça como tal.

Em Portugal, nas sociedades rurais, assiste-se a uma tendência para procurar soluções para os idosos dependentes, apesar de os jovens casais quererem constituir novos núcleos, com habitação própria, estes não rompem com os seus deveres de solidariedade, sentem-se obrigados a

cuidar do idoso. Os jovens querem ser autónomos mas não são só estes que manifestam este desejo. O idoso não quer deixar de preservar e respeitar a privacidade dos filhos e a sua também. É uma maneira de não se sentirem dependentes.

### **Cuidados familiares: cuidar e ser cuidado no contexto familiar**

O procedimento de cuidar de um idoso dependente raramente é feito de forma livre e consciente. Quando o cuidador começa a prestar cuidados não dá conta que o membro da família dependente pode arrastar esta situação durante anos, o que traduz a um aumento significativo da sua dedicação.

A mistura de sentimentos “amor, ternura e afecto, ou então, a comiseração ou piedade” acabam por interpor-se no transporte do papel de cuidador. No entanto são uma das motivações para não recorrerem à institucionalização do idoso. Muitas das vezes, o principal e verdadeiro motivo centra-se na imagem de “ (...) abandono e incapacidade familiar (...)” (Stone, 2001; cit in Liliana Sousa *et al*, 2004), como também, “é extremamente raro que o internamento seja encarado como um projecto de vida (...)” (Liliana Sousa, *et al*) “. O senso comum relata que as famílias deixam à deriva os seus familiares dependentes a instituições. Crê-se que os filhos de hoje dediquem menos atenção aos seus familiares do que as gerações provenientes.

### **Perfil e tarefas desempenhadas pelo cuidador**

Quando se fala em cuidador, por norma, é alguém da família do idoso dependente, nomeadamente, o seu cônjuge seja homem ou mulher. Normalmente, na ausência do cônjuge, é a filha que assume o papel de cuidador. No caso de inexistência de filha, será o filho, que tende a

transferir a responsabilidade para a esposa (NCEA, 2002, *cit in* Liliana Sousa et al, 2004).

Relativamente à idade, varia, consideravelmente, entre os quarenta e cinco anos e os sessenta anos. O cuidador também está associado àquele que viva mais próximo do idoso em contexto de dependência.

No relatório da NAC (1997) revela que a acumulação de uma carreira com a tarefa de prestação informal de cuidados não constitui o modelo predominante revelando que apenas 64 % dos cuidadores têm uma ocupação remunerada. Os restantes dedicam-se apenas aos cuidados do idoso dependente uma vez que é extremamente difícil conciliar a profissão com os cuidados a ter com o idoso pois estes precisam da assistência do cuidador para desempenhar actividades. Actividades que tem um carácter instrumental, ou seja, dizem respeito tarefas domésticas, administração de medicamentos, administração e gestão de dinheiro, entre outras, e de carácter de cuidados pessoais, nomeadamente, vestir, alimentar, fazer a higiene pessoal, etc.

Amaral e Vicente, (2000, *cit in* Cristina Imaginário, 2004) mencionam o conceito de dependência como “ *a pessoa que por razões ligadas à perda de autonomia psíquica ou intelectual tem necessidade de uma ajuda importante a fim de realizar necessidades específicas resultantes da realização das actividades da vida diária*”.

Paúl (*cit in* Liliana et al, 2004), “definiu cinco categorias de cuidados: antecipatórios, que incluem comportamentos ou decisões baseados na antevisão das necessidades dos receptores de cuidados; preventivos, no sentido de evitar a doença e as deteriorações física e mental; de supervisão, que se referem a um envolvimento directo e activo e que é habitualmente reconhecido como o olhar pelo idoso; instrumentais, que tem a haver com o fazer por ou assistir de modo a manter a integridade física e o estado de saúde; protectores, que se prendem com a protecção relativa ao que não

pode ser evitado e tem a ver com as ameaças à auto-imagem, identidade e bem-estar emocional.”

Liliana Sousa (Sousa *et al*, 2004) diferencia vários tipos de cuidadores. Afirma que existe o cuidador primário, que “é aquele que assume total ou maior parte da responsabilidade pelos cuidados e a quem estão reservados os trabalhos de rotina”, e o cuidador secundário de que, por norma, fazem parte os “vizinhos, amigos, voluntários, profissionais, que prestam cuidados complementares.” Existe ainda o cuidador formal e o informal. No que diz respeito ao formal, estas englobam os cuidadores primários ou secundários que são contratados com um carácter remunerado, para prestarem cuidados. E o cuidador informal é aquele que presta cuidados de forma não remunerada.

### **A vida da Dona Maria**

D. Maria Correia Picanço é proveniente dos Açores, da ilha da Graciosa. Tem 81 anos. Casou-se quando tinha vinte anos. Casada 54 anos e viúva há 7 anos lembra *“ele era a minha companhia, tivemos dois filhos”*, durante toda a sua vida foi agricultora *“não sei ler nem escrever, mas não me impediu de dar uma boa vida aos meus filhos”*.

Acamada devido a ter sofrido um acidente vascular cerebral a Sra. Maria ainda mostra muita vontade de viver, principalmente porque aprecia a companhia da família *“eu gosto de viver, gosto muito de estar com os meus netos, com o meu filho e de receber visitas. Ai...há dias que penso que vou voltar a andar nem que seja só para ir ao jardim e voltar para casa. Eu gosto tanto de passear... Andava muito, mesmo muito (recorda). A minha neta dizia: avó andas mais num dia do que eu numa semana (ri). Por isso é que me sinto tão triste e desadorada porque estou presa, amarrada a esta cama. Ainda hoje não percebo como é que isto me aconteceu. Eu sempre pedi a*

*Deus para se um dia ficasse a incomodar o meu filho, que ele me levasse. (suspira) Ele não me ouviu.*

Apesar de ser Valdemar o filho da Sra. Maria, e quem se responsabilizou por cuidar da mãe, “dispensando” o irmão mais velho desse dever, esta incide o seu discurso na nora Idalberta.

*“A minha nora Idalberta é como uma filha para mim... (suspira) sim, trata-me, cuida de mim como se eu fosse mãe dela. Não sei o que seria de mim sem a minha nora.*

Contudo, ao longo da nossa entrevista Maria entra num universo de contradição que é incitado pela consciência da mudança que provocou na vida do seu filho e nora “[...] eu já sou velha estou sempre a pedir a Deus que me leve. A minha neta briga comigo quando eu digo estas coisas mas é o que sinto. Eu sou um fardo muito grande na vida deles. Eu gosto tanto deles mas peço que Deus me leve...”

*Fico tão agoniada quando a minha nora quer virar-me, ou pôr-me na cadeira e quase não tem força, dói-me muito. Porque eu sei que ela tem muito trabalho e eu ainda lhe dou mais, ainda por cima ela é muito doente.*

*Por isso peço a Deus que me acabe com este sofrimento [olhar triste].”*

### **Idalberta e Valdemar**

Idalberta é nora da Sra. Maria. Com 48 anos é casada e tem dois filhos (uma com 20 e outro com 30). O marido da Sra. Idalberta é Sr. Valdemar filho da Sra. Maria. Casaram há 31 anos e desde então que têm ultrapassado muitas vicissitudes juntos, como a morte da segunda filha, que faleceu com apenas oito anos.

Ao longo do discurso de Idalberta pudemos perceber que é uma mulher sofrida e magoada pela vida, pois a perda da filha e de seus pais é algo que

Idalberta não consegue ultrapassar. Agora com a sogra a seu cuidado Idalberta desabafa, pois parece que o caminho de dor que percorre jamais findará “ *a minha vida mudou muito desde que a minha sogra está em minha casa. Eu por si só tenho uma profissão que exige muito de mim, pois para uma mulher ser produtora agrícola não é fácil, é um trabalho árduo [sorri].*”

A Sra. Idalberta entende que a sua sogra se poderia esforçar para “aceitar” o que lhe aconteceu, porque segundo ela a Sra. Maria possui sanidade mental para compreender e lidar de uma forma menos sofredora com o sucedido.

*“ Eu sei que ela tem muitas dores mas também ela é muito impaciente pois com a sua idade já deveria ter alguma tolerância. Ela desespera e eu desespero com ela porque não sei o que fazer para acalmá-la. Ela começa a gritar e é uma angústia muito grande para mim, um desespero ouvi-la e não conseguir apaziguar a sua dor e ao mesmo tempo isso provoca em mim uma angústia e um sentimento de incapacidade muito grande.”*

Apesar de todas as dificuldades que se impõem a Valdemar e a Idalberta, que é quem cuida de uma forma mais directa com a Sra. Maria, estes não põem a hipótese de institucionalizar a respectiva mãe/sogra, pois vai contra os princípios em que acreditam, que são os de cuidar e amar (de perto) até ao fim.

*“O meu marido nunca quis que os seus pais fossem institucionalizados porque ele próprio rejeita a hipótese de um dia viver num Lar, é uma ideia que o aterroriza. Eu também teria cuidado dos meus pais ... (suspira).”*

Contudo, Idalberta não deixa de reforçar que cuidar da sogra no estado dependente em que ela se encontra “ *é muito desgastante, muito, muito desgastante [suspira]. Não é apenas o desgaste psicológico é também o físico. Como ela esta acamada é muito complicado. Mas eu quero fazer aquilo que eu puder por ela.*”

Quando caminhava-mos para o fim da nossa conversa Idalberta rematou “  
[...] *Mas sou sincera e digo que se for para continuar assim, Deus me perdoe mas não sei o que será melhor...*

*Sinto que são duas vidas que se acabam ao mesmo tempo: a minha e a dela. É muito desgastante. É um conjunto de factores e situações que levam a um cansaço, a um desespero tal... [suspira].*

*Todos os dias travo uma batalha para no fim ver se consigo ganhar a guerra.”*

### **Notas conclusivas**

Esse tipo de estudo, para além da abordagem teórica, assenta em narrativas feitas na primeira pessoa. Os depoimentos sociológicos, antropológicos ou psicológicos, feitos na primeira pessoa, e que resultam de entrevistas em estudos de caso, destinam-se à compreensão de situações do comportamento humano ou de situações do quotidiano que podem ajudar à preparação de assistentes sociais e de outros profissionais que trabalham com idosos.

À medida que a conversa vai fluindo, o entrevistador vai sondando de forma mais íntima o sujeito e consegue fazer uma análise mais profunda do conteúdo pretendido.

O olhar epistemológico que procurámos sugerir neste trabalho teve como objectivo pintar um quadro sobre a realidade dos idosos no mundo contemporâneo. Múltiplas foram as cores que utilizámos para que este quadro ilustrasse essa realidade.

Uma das imagens mais comuns nos dias que correm é a do idoso só, triste, abandonado e, na maioria dos casos, sem recursos de subsistência. É vulgar também pensar-se que em tempos, quando a família era uma instituição

forte e estável, o idoso não era discriminado, nem abandonado. São muitos os condicionalismos que estão na base da situação gravosa que muitos idosos enfrentam nos nossos dias.

Embora seja um processo que abre novas possibilidades, o envelhecimento é também acompanhado por um conjunto de novos desafios. À medida que as pessoas envelhecem, enfrentam uma combinação de problemas físicos, emocionais e materiais com que poderá ser difícil lidar. Uma das principais preocupações dos idosos é manter a independência, liberdade de movimentos e a possibilidade de participar de forma plena no mundo social. Quando isto não acontece, assistimos, como pudemos verificar em alguns casos, a um cenário de “muito desespero” e dor. Mas, como seria de esperar, o envelhecimento não é um fenómeno que seja sentido de forma uniforme pelas pessoas. Verificam-se grandes disparidades entre os idosos no que diz respeito aos recursos materiais e ao acesso ao apoio emocional e aos cuidados de saúde.

Numa sociedade que valoriza a juventude, a vitalidade e a aparência física, os idosos tendem a ficar invisíveis. No entanto, é cada vez mais frequente encontrarmos idosos que vêem a velhice como um tempo de grande importância e de comemoração. É um tempo de reflexão acerca dos efeitos de uma vida mas que permite também que os indivíduos continuem a crescer, a aprender e a explorar. Assim, para muitos, a velhice não é *terminus* da vida mas, antes, o início de uma nova etapa.

Após a realização desta tarefa árdua de ouvir idosos em diferentes contextos, ficamos mais enriquecidas, a nível profissional e pessoal.

Este trabalho alertou-nos para a importância do carinho, atenção e a necessidade de programarmos actividades dirigidas às pessoas desta faixa etária.

Temos de ajudar, como profissionais da área, a romper com os estereótipos ligados à velhice. Cada etapa da vida tem uma motivação e os idosos devem procurar conhecer as suas vidas.

É de salientar, ainda, a auto-crítica que efectuamos ao nosso trabalho pelo facto de não ter existido tempo suficiente para o aprofundamento das problemáticas por que enveredámos.

Esperamos, num futuro próximo, dar continuidade a todo este trabalho, de forma a conhecer mais sobre os idosos que têm tanto para nos contar e ensinar e para produzirmos mais conhecimento científico para agir profissionalmente ao nível do Serviço Social.

## Bibliografia

- ALCÂNTARA, Adriana (2004). *Velhos Institucionalizados e Família: entre abafos e desabafos*, Campinas: Editora Alínea.
- ALMEIDA, Maria (1998). *Crenças e Estereótipos no Envelhecimento Humano, Implicações na Prática de Cuidados de Enfermagem*, Porto: Tese de Mestrado em Ciências de Enfermagem da Universidade do Porto, Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar.
- BALDESSIN, Anísio (2002). “O Idoso: viver e morrer com dignidade”, in NETTO, Matheus – *Gerontologia: A Velhice e o Envelhecimento em Visão Globalizada*, São Paulo: Editora Atheneu.
- BELL, Judith (1997). *Como realizar um projecto de investigação: um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação*. Lisboa: Gradiva.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*, Porto Editora.
- BOSI, Ecléa (1994). *Memória e Sociedade*, São Paulo: Editora Schwarcz, Lda.
- BOURDIEU, Pierre, (2003), “*A miséria do mundo*”, Petrópolis: Editora Vozes.
- BROMLEY, D.B, (1966). “*Psicologia do envelhecimento humano*”, Lisboa: Editora Ulisseia.
- CANÁRIO, Rui (1999). *Educação de Adultos – Um Campo e uma Problemática*, Lisboa: Educa.
- CANÁRIO, Rui (2004). “Formação Profissional: Problemas e Perspectivas de Futuro”, in LIMA, Licínio (org.) – *Educação de Adultos: Fórum III*. Braga: Universidade do Minho, pg. 110 – 125.
- CARAPINHEIRO, Graça (1993). *Saberes e Poderes no Hospital: uma sociologia dos serviços hospitalares*, Porto: Edições Afrontamento.
- CARREIRA, Henrique Medina (1996). *As Políticas Sociais em Portugal*, Lisboa: Gradiva.

- COLLIÉRE, Marie Françoise (2001). *Cuidar, A Primeira Arte da Vida*, Loures: Lusociência.
- CORREIA, J. Martins (2003). *Introdução à Gerontologia*, Lisboa: Universidade Aberta.
- COSTA, M. Arminda, (1999), “O idoso: Problemas e realidades”, Coimbra, Formasau.
- COSTA, M. Arminda (1999). “Questões Demográficas: Repercussões nos Cuidados de Saúde e na Formação dos Enfermeiros”, in *Manual Sinais Vitais: O Idoso, Problemas e Realidades*, Coimbra: Formasau, pg. 9-22.
- COSTA, M. Arminda (2002). *Cuidar Idosos – Formação, Práticas e Competências dos Enfermeiros*, Coimbra e Lisboa: Formasau e Educa.
- COSTA, M. Arminda (2005). “Cuidados de enfermagem aos idosos. Percursos de formação e de investigação”, in PAÚL, M. Constança; FONSECA, António M. (coord.) - *Envelhecer em Portugal*, Lisboa: Climpsi Editores, pg. 255-278.
- COSTA, Bruto da (2005). *Exclusões Sociais*, Lisboa: Gradiva.
- COSTA, Ruthe Corrêa (2007). *A terceira idade hoje sob a ótica do serviço social*, Canoas: Ed. Ulbra.
- COUVREUR, Chantal (1999). *A Qualidade de Vida: Arte para viver no século XXI*, Loures: Lusociência.
- D. PH. Roberta Satow (2007). “*Cuidar dos nossos pais*”, Lisboa: Estrela Polar.
- DIANA, Roberto (2003). *Para envelhecer feliz - propostas da medicina e da psicologia*, S. Paulo: Edições Loyola.
- DIOGO, Maria José, NERI, Anita Liberalesso, CACHIONI Meire (org.) (2004). *Saúde e qualidade de vida na velhice*, São Paulo: Alínea Editora.
- DURKHEIM, Emile (1987). “*O Suicídio*”. 4ª Edição, Lisboa: Editora Presença.
- ETGES, N. J. (1993). “Produção do conhecimento e interdisciplinaridade” in *Educação Realidade*. Porto Alegre: UFRGS.

- FALEIROS, Vicente de Paula (2008). *Estratégias em Serviço Social*, S. Paulo: Cortez.
- FAZENDA, Ivani (org.) (2008). *O que é a interdisciplinaridade?*, São Paulo: Ed. Cortez.
- FERNANDES, Ana Alexandre (1997). *Velhice e Sociedade: Demografia, Família e Políticas Sociais em Portugal*, Oeiras: Celta Editora.
- FERRARI, Maria (2002). “Lazer e Ocupação de Tempo Livre na Terceira Idade”, in NETTO, Matheus – *Gerontologia: A Velhice e o Envelhecimento em Visão Globalizada*, São Paulo: Editora Atheneu, pg. 98- 105.
- FONSECA, António M. (2005). “O Envelhecimento Bem-Sucedido”, in PAÚL, M. Constança; FONSECA, António M. (coord.) - *Envelhecer em Portugal*. Lisboa: Climepsi Editores, pg. 279- 311.
- FONSECA, António, (2005), “*Desenvolvimento humano e envelhecimento*”, Lisboa: Climepsi.
- FONTAINE, Roger. (2000). “*Psicologia do envelhecimento*”. 1ª Edição. Lisboa: Climepsi Editores.
- FRIAS, Cidália (2003). *A Aprendizagem do Cuidar e a Morte: um desígnio do enfermeiro em formação*, Loures: Lusociência.
- GAMEIRO, Aires (1988). *Novos Horizontes da Viuvez*, Lisboa: Edições Paulistas.
- GIDDENS, Anthony (2001), *Sociologia*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkain;
- GOFFMAN, Erving (1982). *Estigma*, Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- GOFFMAN, Erving (1987). *Manicômios, Prisões e Conventos*, São Paulo: Editora Perspectiva S.A.
- GÓMEZ, José António Caride; FREIRAS, Orlando Manuel Pereira de; CALLEJAS, Germán Vargas (2007). *Educação e Desenvolvimento Comunitário Local: Perspectivas pedagógicas e sociais da sustentabilidade*, Porto: Profedições.
- GONÇALVES, C. A. HIGUCHI, P. (1998). *Interdisciplinaridade: discurso ou realidade? Um estudo do cotidiano no Centro Jurídico Social*, França: UNESP/FHDSS.

- GUSMÃO, Neusa. (2003). *“Infância e velhice”*. 1ª Edição. Brasil: Alínea Editora.
- GUSMÃO, Neusa (2004). *Os filhos da África em Portugal*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- HALL, Stuart (2003). *A identidade cultural na pós modernidade*, Rio de Janeiro: DP&A editora.
- HENNEZEL, Marie (2000). *Diálogo com a morte*, Lisboa: Editorial Notícias.
- IAMAMOTO, Marilda V. (1998). *O serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional*, São Paulo: Editora Cortez.
- IMAGINÁRIO, Cristina (2004). *O Idoso dependente em contexto família*, Coimbra: Edições Sinais Vitais.
- IRIBARRY, I. N. (2003). “Aproximações sobre a transdisciplinaridade: algumas linhas históricas, fundamentos e princípios aplicados ao trabalho de equipe” in *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(3).
- JAPIASSU, H. (1976). *Interdisciplinaridade e patologia do saber*, Rio de Janeiro: Imago.
- KUBER– ROSS, Elisabeth (2002). *Sobre a Morte e o Morrer*. São Paulo: Martins Fontes.
- LAENG, Mauro. (1973). *“Dicionário de Pedagogia”*. Publicações Dom Quixote.
- LANE, S. T. M.; SAWAIA, B. B. (orgs.) (1995). *Novas veredas da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, EDUC.
- LEININGER, Madeleine (1998). “Enfermagem Transcultural: Imperativo da Enfermagem Mundial”, *Revista Enfermagem*, Lisboa, Abr/Junh, n.º 10 (2ª série), pp. 32-36.
- LEME, LUIS; SILVA, Paulo (2002). “O Idoso e a Família”, in: NETTO, Matheus – *Gerontologia: A Velhice e o Envelhecimento em Visão Globalizada*, São Paulo: Editora Atheneu, pg. 92- 97.
- LOPES, A . Rodrigues (1997). “A Família como entidade pedagógica entre a natureza social do Homem e os desafios da sociedade actual”, in: LOPES, A . Rodrigues (coord.) – *Problemática da família: Contributo para uma reflexão sobre a família na sociedade actual*, Viseu: Instituto Politécnico de Viseu.

- LOPES, Manuel José (2000). “A Multiculturalidade - Sinuosidades no comunicar”, *Revista Enfermagem*, Lisboa, Julh/Set., n.º 19 (2ª série), pp. 14-18.
- MAGRO, Viviane (2003). “Espelho em Negativo: a idade do outro e a identidade etária”, in: GUSMÃO, Neusa (org.) – *Infância e Velhice, Pesquisa de ideias*. São Paulo: Editora Alínea, pg.33-46.
- MAILLOUX-POIRIER, D., BERGER, L. (1995), *Pessoas Idosas*. Lisboa: Lusodidacta.
- MARTINELLI, M. L. (1989). *Serviço social: identidade e alienação*, São Paulo: Cortez.
- MARTINELLI, M. L. (coord.) (1994). *O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em serviço Social: um instigante desafio*, PUC.
- MARTINELLI, M. L.; RODRIGUES, M. L.; MUCHAIL, S. T. (1995). *O uno e o múltiplo nas relações entre as áreas do saber*, São Paulo: Cortez.
- MCGOLDRICK, Monica; WALSH, Froma (1998). “Um Tempo para Chorar: A Morte e o Ciclo de Vida Familiar”, in: MCGOLDRICK, Monica; WALSH, Froma – *Morte na Família: Sobrevivendo às perdas*, Porto Alegre: Artmed.
- MENDES, Fernando R. (2005). *Conspiração Grisalha*, Oeiras: Celta Editora.
- MONIZ, José (2003). *A Enfermagem e a pessoa idosa: a prática de cuidados como experiência formativa*, Loures: Lusociência.
- MORAIS, Alice da Assunção (2001). *Cuidar o idoso no domicílio. A realidade da prática dos cuidados de enfermagem*, Porto: Tese de Mestrado em Ciência de Enfermagem da Universidade do Porto, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar.
- MOREIRA, Isabel (2001). *O doente terminal em contexto familiar: uma análise da experiência de cuidar vivenciada pela família*, Coimbra: Formasau.
- MOZZICAFREDDO, Juan (1982). “o estado da política” in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 9.
- MOZZICAFREDDO, Juan et al (1991). *Gestão e Legitimidade do Sistema Político Local*, Lisboa: Escher.

- MOZZICAFREDDO, Juan (1992). “O Estado-Providência em Portugal: estratégias contraditórias” in *Sociologia- Problemas e Práticas*, 12, pp. 57-89.
- MOZZICAFREDDO, Juan (2000). *Estado-Providência e Cidadania em Portugal*, Oeiras: Celta.
- MOZZICAFREDDO, Juan et all (2001). *Administração e Política*, Oeiras: Celta.
- NERI, Anita Liberalesso (org.) (2001). *Maturidade e Velhice: Trajectórias individuais e socioculturais*, São Paulo: Papirus.
- NETTO, Matheus Papaléo et all (2002). *Gerontologia- A velhice e o envelhecimento em visão globalizada*, S. Paulo: Ed. Atheneu.
- OLIVEIRA, C. A. H. S. (2003). *A centralidade do estágio supervisionado na formação profissional em Serviço Social*, Franca: UNESP/FHDSS.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso (2006). *Caminhos da Identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo*, S. Paulo: Editora UNESP.
- ORAZZO, Myriam (2006). *Como viver uma reforma feliz*, Lisboa: Edições ASA.
- OSORIO, Agustín Requejo. (2004). “Animação Sociocultural na terceira idade” IN Trilla, Jaume (coord). *Animação Sociocultural Teorias, Programas e Âmbitos*, (trad.), Lisboa: Editora Ariel, Coleção Horizontes Pedagógicos, Instituto Piaget.
- PACHECO, Jaime (2003). “As Universidades Abertas à Terceira Idade como Espaço de Convivência entre Gerações”, in SIMSON, Olga; NERI, Anita; CACHIONI, Meire (org.) – *As Múltiplas Faces da Velhice no Brasil*, Campinas: Editora Alínea, pg. 223 – 250.
- PASCHOAL, Sérgio (2002). “Epidemiologia do Envelhecimento”, in NETTO, Matheus – *Gerontologia: A Velhice e o Envelhecimento em Visão Globalizada*, São Paulo: Editora Atheneu, pg. 26- 43.
- PAIS, José Machado (2006). *Nos rastros da solidão*, Porto: Ambar.
- PAÚL, M. Constança, (1996), *Psicologia dos idosos: o envelhecimento em meios urbanos*, Braga: S.H.O.
- PAÚL, M. Constança (1997). *Lá Para o Fim da Vida: Idosos, Família e Meio Ambiente*, Coimbra: Livraria Almedina.

- PAÚL, M. Constança; FONSECA, António M. (coord.) (2005). *Envelhecer em Portugal*, Lisboa: Climpesi Editores.
- PESTANA, M. Teresa (1996). “A formação dos enfermeiros e a educação para a saúde num contexto multicultural”. *Revista Portuguesa de Enfermagem*. Cacém, Julho/Agosto/Setembro, Ano I, Número 1, pg.183-297.
- PIMENTAL, Luísa. (2001). “*O lugar do Idoso na família: contextos e trajetórias*”. 1ª Edição. Coimbra: Quarteto Editora.
- PIRES, André (2003). “A Batalha Contra o Tempo: relações com o corpo tendo em vista o processo de envelhecimento em Claudia e Playboy (anos 80 e 90)”, in GUSMÃO, Neusa (org.) – *Infância e Velhice, Pesquisa de ideias*, São Paulo: Editora Alínea, pg.59-75.
- PONTE, José (2002). “Aspectos Psicanalíticos do Envelhecimento Normal”. in NETTO, Matheus – *Gerontologia, A Velhice e o Envelhecimento em Visão Globalizada*, São Paulo: Editora Atheneu.
- QUARESMA, Maria, et al. (2006). “*A pessoa idosa momentos de reflexão*”. 1ª Edição. Tondela: Município de Tondela – Gabinete de Acção Social.
- RELVAS, Ana (2000). *O Ciclo Vital da Família: perspectiva sistémica*, Porto: Edições Afrontamento.
- RIBEIRO, Agostinho (2003). *O corpo que somos: aparência, sensualidade, comunicação*, Lisboa: Editorial Notícias.
- SÁ Jeanete L. Martins (1995). *Conhecimento e Currículo em Serviço Social*, S. Paulo: Editora Cortez.
- SÁ Jeanete L. Martins (org.) (2002). *Serviço Social e Interdisciplinaridade*, S. Paulo: Editora Cortez.
- SANTOMÉ, J. T. (1996). *Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado*, Porto Alegre: Artes Médicas.
- SANTOS, Boaventura S. (1992). *Introdução a Uma Ciência Pós-moderna*, Porto: Ed. Afrontamento.
- SANTOS, Boaventura S. (1995). *Pela Mão de Alice - O Social e o Político na Pós-modernidade*, Lisboa: Ed. Afrontamento.

- SANTOS, Silvia (2003). “Infância e Velhice: o convívio que nos abre caminhos”, in: GUSMÃO, Neusa (org.) – *Infância e Velhice, Pesquisa de ideias*, São Paulo: Editora Alínea, pg.47- 56.
- SARACENO, Chiara (1997). *Sociologia da família*, Lisboa: Editorial Estampa.
- SERRES, Miguel (2005). *Aprender a Ser Doente*, Loures: Lusociência.
- SETUBAL Aglair Alencar (2002). *Pesquisa em Serviço Social: utopia e realidade*, S. Paulo: Editora Cortez.
- SILVA, João Fonseca, (2006). “Quando a vida chegar ao fim: Expectativas do idoso hospitalizado e família”, Loures: Luso ciência.
- SILVA, M. Eugénia (2005). “Saúde Mental e Idade Avançada: Uma perspectiva abrangente” in PAÚL, M. Constança; FONSECA, António M. (coord.) *Envelhecer em Portugal*, Lisboa: Climpsi Editores, pg. 279- 311.
- SILVA, M. O. S. (1984). *Formação profissional do assistente social: inserção na realidade social e na dinâmica da profissão*, São Paulo: Cortez.
- SIMÕES, António (2006). *A Nova Velhice, Um novo público a educar*, Porto: Ambar.
- SOUSA, Liliana; FIGUEIREDO, Daniela; CERQUEIRA, Margarida (2004). *Envelhecer em Família: Os cuidados familiares na velhice*, Porto: Âmbar.
- TOURRAINE, Alain (1998). *Iguais e Diferentes: Podemos Viver Juntos?*, Lisboa: Piaget.
- VALLIER, C., BIZE, P.R. (1985), *Uma vida nova: A terceira idade*, Edições Verbo: Lisboa.
- VALLIER, C., BIZE, P.R. (1985), *Uma vida nova: A terceira idade*, Lisboa: Edições Verbo.
- VAZ, Ester, (2008). *A Velhice na Primeira Pessoa*, Penafiel: Editorial Novembro.
- VIEGAS, Susana & GOMES, Catarina (2007), *A identidade da velhice*, Edições Âmbar.
- VIEGAS, Susana Matos et al. (2007). “*A Identidade na Velhice*”. 1ª Edição: Porto. Âmbar.
- VIEIRA, Evaldo (2007). *Os Direitos e a Política Social*, S. Paulo: Cortez.

- VIEIRA, Ricardo (1999). *Histórias de Vida e Identidades, Professores e Interculturalidade*, Porto: Afrontamento.
- VIEIRA, Ricardo (2003). “Vidas Revividas: a etnografia e a descoberta de novos sentidos” in CARIA, Telmo (Org.). *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais*, Porto: Afrontamento.
- VIEIRA, Ricardo (1998). “Etnografia e histórias de vida na compreensão do pensamento dos professores” in ESTEVES, A e AZEVEDO, José (Eds.) (1998). *Metodologias Qualitativas para as Ciências Sociais*, Porto: Instituto de Sociologia.
- VIEIRA, Ricardo (2008). “As histórias de vida como instrumento de investigação e (auto)formação de professores, imigrantes e idosos”, in PASSEGGI, M.C. e SOUZA, E. (Org.) (2008). *(Auto)Biografia: Formação, Territórios e Saberes*, Natal /RN: EDUFRN e Paulus.
- VIEIRA, Ricardo (2008). “Identidades, histórias de vida e culturas escolares: contribuições e desafios para a formação de professores” in BRAGENÇA, Inês et all. (Orgs.). *Vozes da Educação: memórias, histórias e formação de professores*, Rio de Janeiro: DP et Alii Editora Lda. e UERJ.
- VIEIRA, Ricardo e TRINDADE, J. (2008). “Migration, Culture and Identity in Portugal”, com José Trindade, in *Language and Intercultural Communication* Vol. 8, No. 1.
- ZIMMERMAN, Guite (2000). *Velhice: Aspectos Biopsicossociais*, Porto Alegre: Artmed Editora.

## WEBGRAFIA

- [Http://www.coladaweb.com/diversos/velhice.htm](http://www.coladaweb.com/diversos/velhice.htm); (18 Maio 2008)
- [Http://www.comciencia.br/reportagem/envelhecimento/texto/env01.htm](http://www.comciencia.br/reportagem/envelhecimento/texto/env01.htm); (10 Maio 2008)
- [Http://pt.Wikipedia.org/wiki/Idoso](http://pt.Wikipedia.org/wiki/Idoso); (15 Maio 2008)
- [http://images.google.pt/imgres?imgurl=http://www2.kumc.edu/coa/images/COA\\_PhotoPic/2002\\_Pics/Old-YoungHands\\_big.jpg&imgrefurl=](http://images.google.pt/imgres?imgurl=http://www2.kumc.edu/coa/images/COA_PhotoPic/2002_Pics/Old-YoungHands_big.jpg&imgrefurl=) (29 de Abril)

<http://vagalume.uol.com.br/adoniran-barbosa/envelhecer-e-uma-arte.html> (7 de Maio)

[http://www.revistamaioridade.com.br/materias/artigos/desk\\_artigo\\_velhoouidoso.htm](http://www.revistamaioridade.com.br/materias/artigos/desk_artigo_velhoouidoso.htm) (7 de Maio)

<http://istoeumpagode.blogspot.com/2005/12/h-1087-idosos-por-cada-100-jovens-at.html&h=402&w=490&sz=18&hl=ptPT&start=13&um=1&tbnid=kEGREBWGoim3M:&tbnh=107&tbnw=130&prev=/images%3Fq%3Didosos%26um%3D1%26hl%3Dpt-PT> (29 de Abril)

<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=7723> (7 de Maio)

<http://www.socialgest.pt/dlds/seridosonaosignificaincapacidade.pdf> (22 de Maio)

[http://www.revistamaioridade.com.br/materias/artigos/desk\\_artigo\\_velhoouidoso.htm](http://www.revistamaioridade.com.br/materias/artigos/desk_artigo_velhoouidoso.htm) (7 de Maio)

<http://www.ufrgs.br/bioetica/gerauto.htm> (7 de Maio)

<http://www2.uol.com.br/pagina20/17012004/opiniaio.htm> (22 de Maio)

<http://diariodigital.sapo.pt>

<http://www.setor3.com.br>

<http://www.asbeatonuno.com/seridoso>

<http://sol.sapo.pt>

<http://www.diariodominho.pt>

<http://www.pensamentopositivo.com.br>

## **Webloggrafia**

GAMA, Thereza (2004). *Idoso e cidadania: O Trabalho de Reinvenção da Vida*, em: [www.bdtd.ufpe.br/tedeSimplificado/tde\\_arquivos/20/TDE-2007-08-14T142308Z-2385/Publico/tcclg.pdf](http://www.bdtd.ufpe.br/tedeSimplificado/tde_arquivos/20/TDE-2007-08-14T142308Z-2385/Publico/tcclg.pdf) [consultado em 10/06/2008]

**III PARTE**

**ANEXOS**

**ANEXOS**

## Índice de Anexos

- I – Pedido para realizar Pós Doutoramento em Serviço Social no ISCTE
- II – Carta de Aceitação do Professor Doutor Juan Mozzicafreddo
- III – Formalização do Pós Doutoramento em Serviço Social
- IV – Nomeação como membro do grupo de Promotores de Bolonha
- V - Nomeação em DR como elemento cooptado da Comissão de Reconhecimento de graus académicos de acordo com o Decreto Lei n.º 341/2007 de 12 de Outubro
- VI - Reuniões Científicas que organizou na área do Serviço Social

Leiria, 23 de Fevereiro de 2006

**Assunto: Pós-Doutoramento em Serviço Social**

Exm.º Senhor Professor Juan Mozzicafredo,

Solicito a V. Ex.ª a possibilidade de ser meu orientador no Pós-Doutoramento em Serviço Social, sendo o ISCTE a minha instituição de acolhimento.

Junto envio currículo detalhado e síntese curricular em inglês.

Informo V. Ex.ª que já existe protocolo assinado entre o IPL e o ISCTE, que junto em anexo.

Disponibilizo-me para colaborar no ciclo de conferências preparado pelo ISCTE para o programa de doutoramento em serviço social, apresentando uma ou duas sessões, conforme achar mais pertinente, subordinadas aos temas:

"Envelhecimento e autonomia: a importância do projecto de vida" e "Imigrantes brasileiros em Portugal: metamorfoses da identidade". No seguimento da investigação que tenho vindo a desenvolver, após o meu doutoramento, na área da multiculturalidade e interculturalidade e trajectórias sociais de imigrantes e idosos;

E a desenvolver investigação nas áreas citadas.

Embora a minha licença sabática só comece em Setembro 2006, disponibilizo-me, desde já, para colaborar também noutras acções, orientações de teses ou outras actividades em que entenda vir a ser útil a minha colaboração.

Pede deferimento.

Com os melhores cumprimentos,

Ricardo Vieira

Doutor em Antropologia Social pelo ISCTE





DEH.

413 ao Dr. Ricardo de Almeida

1.1.13

008292

Exmo. Senhor  
Presidente do Instituto Politécnico de Leiria  
Prof. Doutor Luciano Rodrigues de Almeida  
Edifício Sede - Rua General Norton de Matos  
Apartado 4133  
2411-901 Leiria

Assunto: Formalização de Pós-Doutoramento em Serviço Social

Em resposta ao V/ofício 005741 de 11/10/07, vimos por este meio informar que temos muito gosto em colaborar com o Instituto Politécnico de Leiria através da participação do Doutor Juan Mozzicafreddo como orientador de Pós-Doutoramento. Informamos também que o ISCTE aceita a realização de Pós-Doutoramento em Serviço Social por parte do Dr. Ricardo Vieira.

Com os melhores cumprimentos,

O Presidente do ISCTE

Luís Antero Reto

Of. 302-2007/GP  
GP/ar

JNA/JC

2007.11.13

# DGES Direcção Geral do Ensino Superior

Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior

31 05 07 09:13 004728 CLASSIFICATION

*Na RH  
cópia à BSB  
no arquivo  
2007.04.30*

Exmo. Senhor  
Presidente do Instituto Politécnico de Leiria  
Prof. Doutor Luciano Rodrigues de Almeida

Rua General Norton de Matos  
2411-901 LEIRIA

Sua referência:	Sua comunicação de:	Nossa referência:	Data:
		85/DG/07	30-05-07

**ASSUNTO: NOMEAÇÃO DO PROFESSOR RICARDO MANUEL DAS NEVES VIEIRA, COMO MEMBRO DO GRUPO DE PROMOTORES DE BOLONHA**

Exmo. Senhor Presidente do IP de Leiria,

Na sequência de contactos anteriores, venho informar V. Ex.<sup>a</sup> que Ricardo Manuel das Neves Vieira, Professor Coordenador com Agregação desse Instituto, foi nomeado membro do grupo de Promotores de Bolonha.

Com os melhores cumprimentos. *personal*

O Director Geral

(Prof. Doutor António Morão Dias)

*Para o Office JG:  
LCSM COMARTE/CSM, via e-mail  
SCMUR (PROFESSOR RICARDO VIEIRA)  
31-05-2007*

2 — Candidatos aprovados para afectação aos lugares a concurso:  
Afectação dos candidatos aprovados aos lugares a concurso

Nome	Classificação final	Código de referência
Maria Paula Guerreiro Teixeira Carrusca	18,5	05
Alexandra Maria Ferreira Garcia Monteiro	16,9	03
Maria de Fátima Coelho Loução Cid Galveias	15,6	07
Isabel Maria Borges Furtado Dias Barata	15,6	11
Rosa Celeste de Almeida Micaelo Fernandes	15,5	08
Rui Manuel Alves Castanheira	14,9	08
João Manuel Monteiro Serrão Henriques	14,8	04
Deolinda Maria Pinto Bernardino Seno Luis	14,7	22
Isabel da Conceição Gonçalves	14,7	23
Júlia Maria Alves Rodrigues Fernandes	14,6	01
Ana Cristina Costa Pinto	14,5	20
Maria de Fátima Pereira Marinho	14,4	27
João Paulo Resende Gomes	14,4	19
Ilda Maria Ferreira do Couto Lopes	14,3	19
Florabela Maria da Cruz Mendes Valente	14,1	21
Francisco Manuel Teixeira Bernardo	14,1	11
Silvina Maria Marques Rosa Nunes Pimentel	14,0	21
Maria José da Silva Bugia Fonseca	14,0	20
Pedro Miguel Rosa e Ramos Valadares	14,0	10
Margarida Isabel da Cruz Flores Sales Gomes	13,9	13
Carla Adriana de Jesus Bernardes Vieira Teixeira	13,9	07
Ilda Maria Pinto Monteiro	13,7	02
Luis Paulo Mamede de Carvalheira Almeida	13,6	24
Ana Márcia Martins Pires	13,6	09
José Eduardo de Almeida Moreira	13,5	25
Maria da Graça Gonçalves da Costa	13,4	06
Luis Carlos Ferreira Campos Lobo	13,4	26
Maria da Conceição dos Santos Prata Aires Simões	13,3	03
José Alexandre Seno Luis	13,2	14
Esmeralda Maria Mendes F. Viegas Paulos de Jesus	13,1	05
Manuel Alfredo Rodrigues Garrinhas	12,2	12
José Carlos Pinheiro de Sousa Frango	12,2	12
Maria de Lurdes Ramos dos Santos	11,8	01
José da Silva Santos	10,7	26
Guilhermino Coimbra Veloso	10,4	16
Joaquim José da Silva Pinto Proença	10,3	17

3 — Nos termos do n.º 2 do artigo 43.º e artigo 44.º do citado Decreto-Lei n.º 204/98, da homologação da lista de classificação final cabe recurso hierárquico, a interpor no prazo de 10 dias úteis contado da publicação do presente aviso no *Diário da República*, para o membro do Governo competente.

10 de Setembro de 2008. — O Presidente do Júri, *Joaquim Gago Pacheco*.

## MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Secretaria-Geral

Despacho (extracto) n.º 23447/2008

Por meu despacho de 21 de Julho de 2008, Maria de Lurdes Fradique Valente Francela, assessora principal da carreira técnica superior, do quadro de pessoal do Instituto de Investigação Científica e Tropical, ao abrigo dos n.ºs 1, 2 e 9 do artigo 4.º e 6.º, bem como dos artigos 34.º e 41.º da Lei n.º 53/2006, de 7 de Dezembro, foi transferida, com efeitos a 1 de Junho de 2008, para o quadro de pessoal da ex-Secretaria-Geral do Ministério da Ciência e da Tecnologia, em lugar da mesma categoria e carreira, criado automaticamente, a extinguir quando vagar e a aditar ao identificado quadro de pessoal, aprovado pela Portaria n.º 311/2000, de 29 de Fevereiro de 2000.

23 de Julho de 2008. — O Secretário-Geral, *António Raúl Capaz Coelho*

## Direcção-Geral do Ensino Superior

Despacho n.º 23448/2008

Composição da Comissão de Reconhecimento de Graus Estrangeiros — Membro cooptado

Em cumprimento do disposto no n.º 2 do artigo 8.º do Decreto-Lei n.º 341/2007, de 12 de Outubro, e nos termos do n.º 1 do mesmo artigo, comunico, na sequência do Despacho n.º 16288/2008, publicado na 2.ª série do *Diário da República*, de 13 de Junho de 2008, que o elemento cooptado pelos membros da Comissão de Reconhecimento de Graus Estrangeiros é:

Ricardo Manuel das Neves Vieira, Professor Coordenador com Agregação do Instituto Politécnico de Leiria.

1 de Julho de 2008. — O Director-Geral, *António Morão Dias*.

## Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I. P.

Despacho (extracto) n.º 23449/2008

Por despacho do Presidente do Conselho Directivo da Fundação para a Ciência e a Tecnologia de 24 de Junho de 2008, foi aberto procedimento de selecção de pessoal colocado em situação de mobilidade especial, tendo em vista o recrutamento de um Assistente Administrativo Especialista, para reinício de funções em serviço por tempo indeterminado na Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I. P.

Nos termos dos artigos 34.º e 41.º da Lei n.º 53/2006, de 7 de Dezembro, o referido procedimento foi publicitado na Bolsa de Emprego Público (BEP) com o código de oferta n.º P20083568.

Recepcionadas as candidaturas e concluídas as operações de selecção, o júri deliberou seleccionar, para reinício de funções por tempo indeterminado, a candidata Maria Antónia Grane Durán Gomes.

Cumpridas as formalidades legais, foi determinado o reinício de funções por tempo indeterminado, na carreira e categoria, escalão e índice que detinha no serviço de origem, à data de colocação em situação de mobilidade especial, da Assistente Administrativo Especialista, da carreira de Assistente Administrativo, Maria Antónia Grane Durán Gomes, para desempenhar funções na Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I. P., com início no dia 2 de Setembro de 2008.

(Isento de fiscalização prévia do Tribunal de Contas.)

2 de Setembro de 2008. — O Presidente, *João Sentieiro*.

## MINISTÉRIO DA CULTURA

Secretaria-Geral

Despacho n.º 23450/2008

No decurso do Programa de Reestruturação da Administração Central do Estado (PRACE), a nova orgânica do Ministério da Cultura, aprovada pelo Decreto-Lei n.º 215/2006, de 27 de Outubro, determinou no seu artigo 26.º, n.º 5, a reestruturação da Secretaria-Geral do Ministério da Cultura.

Com a publicação do Decreto-Lei n.º 87/2007, de 29 de Março, que aprovou a Lei Orgânica da Secretaria-Geral, iniciou-se o processo de reestruturação.

Considerando que o n.º 4 do artigo 11.º da Lei n.º 53/2006, de 7 de Dezembro, permite que, no decurso do processo de reestruturação de serviços, os funcionários optem voluntariamente pela sua colocação em situação de mobilidade especial;

Considerando que um funcionário do quadro de pessoal deste Organismo, optou por aquela situação, a qual mereceu a concordância da Secretaria-Geral, por despacho proferido em 8 de Agosto de 2008.

Nos termos do disposto no n.º 4 do artigo 11.º e do artigo 19.º, todos da Lei n.º 53/2006, de 7 de Dezembro, faz-se pública a lista nominativa do pessoal da Secretaria-Geral, que optou voluntariamente pela colocação em situação de mobilidade especial, anexa ao presente despacho, dela fazendo parte integrante, e que produz efeitos no dia seguinte ao da sua publicação.

Nome do funcionário: Susana Isabel Fernandes Vazquez Quintela dos Santos.

Natureza do vínculo jurídico: nomeação definitiva

Carreira: assistente administrativo.

Categoria: assistente administrativo especialista.

Escalão 1, índice 269, desde 1 de Março de 2004.

20 de Agosto de 2008. — O Secretário-Geral-Adjunto, *Luis Oliveira Machado*.

## **Anexo VI**

### **Reuniões Científicas que organizou na área do Serviço Social**



# Outras Velhices

Doutora Neusa Gusmão - UNICAMP - Brasil

Maio 2008

30 - Auditório 2 da ESE-IPL

Gratuito  
Entrada Livre  
51 345 050  
@ipleiria.pt

Ciclo de Conferências Olhares de Outros Lugares



**IPL**

ciid - centro de investigação  
identidades(s)  
e diversidade(s)  
Instituto politécnico  
de leiria

# Homens de África em Portugal: Metodologias de Estudo de Migrantes

Doutora Neusa Gusmão - UNICAMP - Brasil

Maio 2008

Auditório 2 da ESE-IPL

Entrada Livre

845 050

[neusa@ipleiria.pt](mailto:neusa@ipleiria.pt)

Ciclo de Conferências Olhares de Outros Lugares



**IPL**

ciid - centro de investigação  
identidade(s)  
e diversidade(s)  
Instituto politécnico  
de leiria





# Olhares sobre a Intervenção Social

Cristina Sá - CMA - Câmara Municipal de Alvaiázere  
Roque Martins - IAC - Instituto de Apoio à Criança  
Paula Avelar - CPCJ - Com. Protecção Crianças e Jovens

## 09 Janeiro 2008

14H - Auditório 2 da ESE  
Instituto Politécnico de Leiria

Entrada Livre  
244 845 050  
ciid@ipleiria.pt

Ciclo de Conferências Olhares de Outros Lugares



Comissão Científica do Curso de Serviço Social



# a Crítica à Tradição Moderna as Vias da Hermenêutica sófica

io Schuck - Univates - Brasil

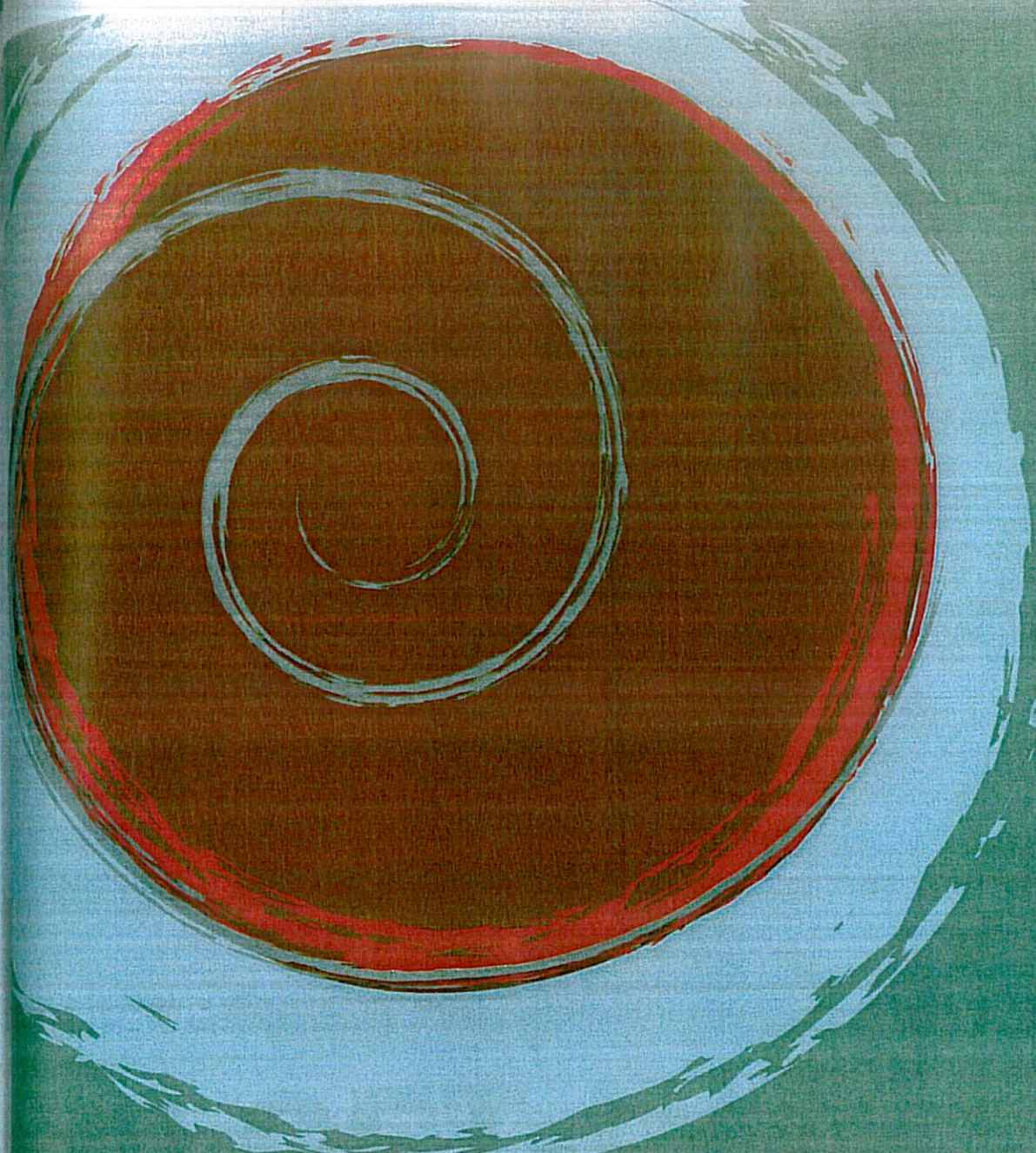
## Dezembro 2007

- Auditório 2 da ESE  
tuto Politécnico de Leiria

ada Livre  
45 050  
pleiria.pt

de Conferências Olhares de Outros Lugares





contro Internacional sobre

# Escolas, Famílias e Lares

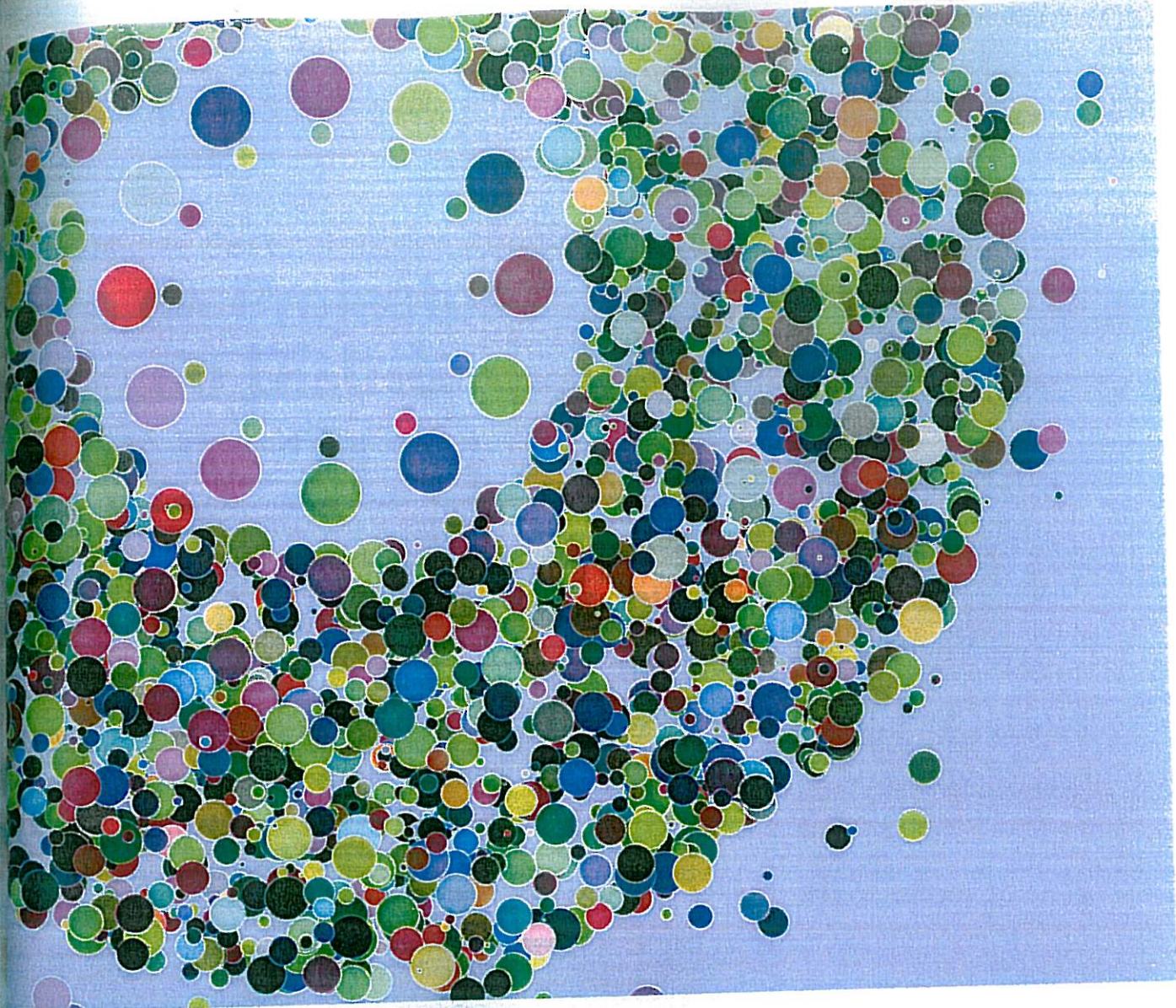
21 Novembro 2007

Auditério do Instituto Politécnico de Leiria  
[www.efLesel.ipleiria.pt](http://www.efLesel.ipleiria.pt)

 **IPL**  
Instituto Politécnico de Leiria

 **cid**  
centro de investigação  
Identidade(s) e diversidade(s)

**FCT**  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior



# RD GET-IN INTERNATIONAL CONFERENCE

TECHNIC INSTITUTE OF LEIRIA, PORTUGAL  
SCHOOL OF EDUCATION

0-22  
TEMBER.2007



esel@esel.ipleiria.pt  
+(351) 244 829 400  
www.esel.ipleiria.pt

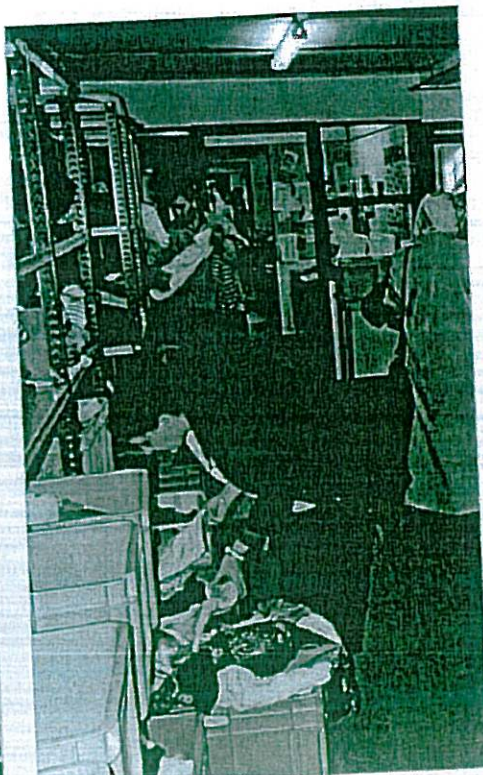
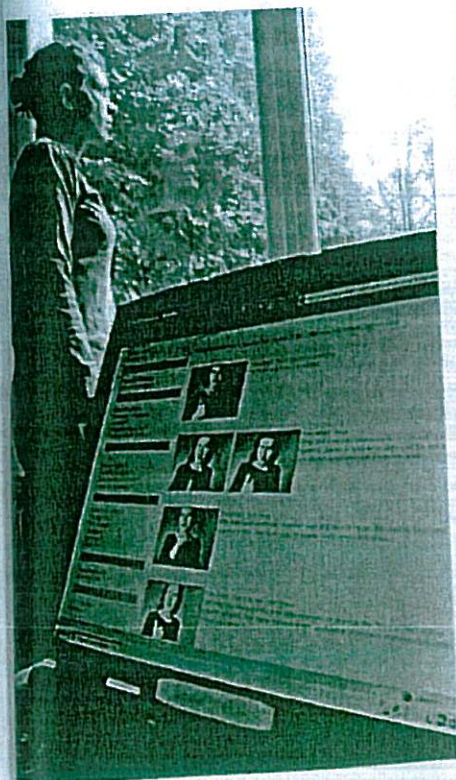
# 2a

## Mostra de Projectos Sociais do Distrito de Leiria 19-05-2007

Busca de Caminhos Integrados para o  
Envolvimento Social - Experiências do Distrito

Organizado pelo Instituto de Investigação, Desenvolvimento e Estudos Avançados do Instituto  
Politécnico de Leiria

reapn.org  
37 228



# Trabalho Social nas Escolas

**Prós & Contras**

**23/05/2007**

**16H - Auditório 2 da ESE**

**Instituto Politécnico de Leiria**

**244 845 050**

**[ciid@esel.ipleiria.pt](mailto:ciid@esel.ipleiria.pt)**

**Entrada Livre**

**Organização:  
Curso de Serviço Social &**



SEMINARIO

# JUVENTUDE EM DEBATE

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO - IPLEIRIA  
AUDITÓRIO 2

**06.03.2007**

15:00

ENTRADA LIVRE



**JOAQUIM PEQUICHO**  
IPJ - LEIRIA

**ANTÓNIO OLIVEIRA**  
PRISÃO ESCOLA DE LEIRIA



Escola Superior de Educação  
Leiria - 2007



Curso de Serviço Social

MINÁRIO

# DEPENDÊNCIAS

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO  
CAMPUS DE COIMBRA  
AUDITÓRIO 2

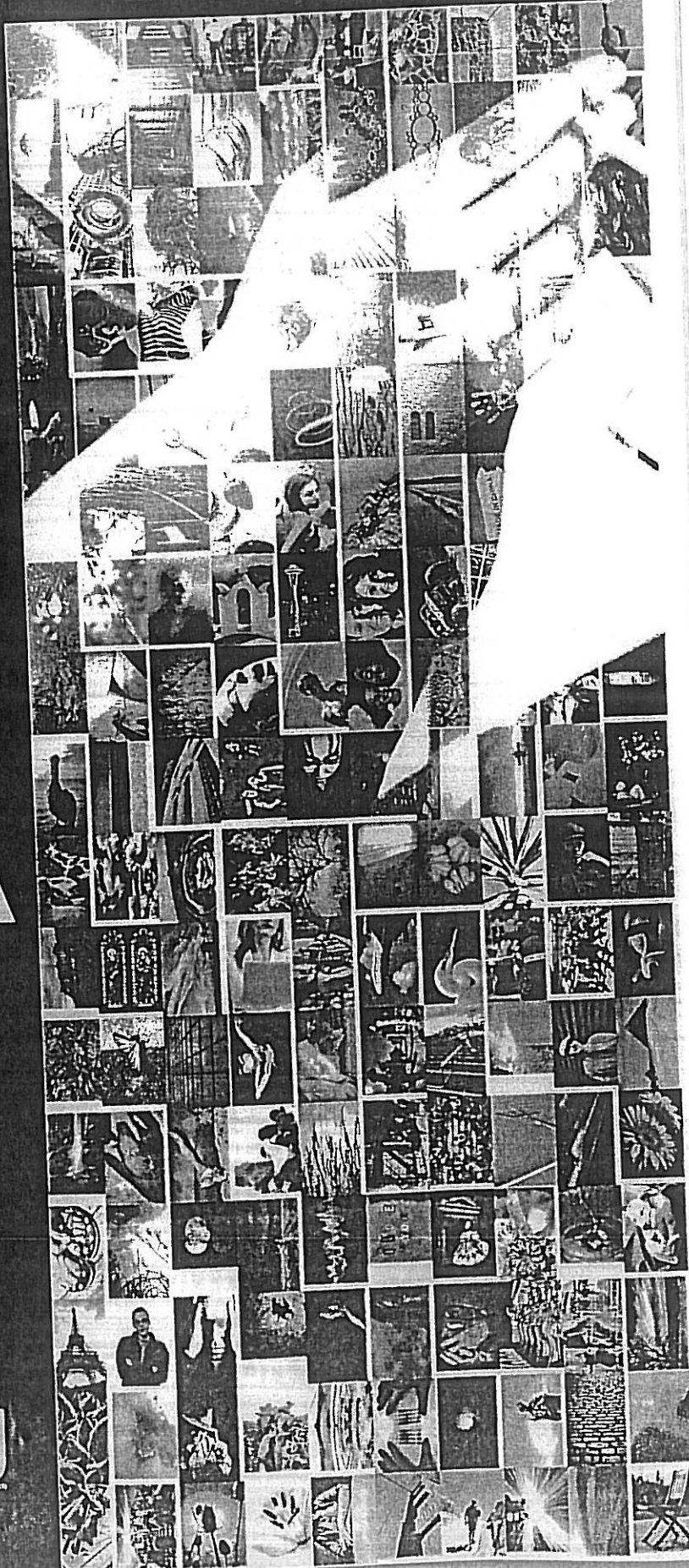
4.12.2006

ENTRADA LIVRE

ORGANIZADORES  
JULGUSTO  
MANTO

CENTRO REGIONAL DE ALCOOLOGIA  
COIMBRA

ÁGUA PEREIRA  
INSTITUTO DA DROGA E DA  
VICIODEPENDÊNCIA DE LEIRIA



Organização

**IPL**

escola superior de educação  
instituto politécnico de leiria

**ciid**  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E INTERVENÇÃO  
EM DROGAS

# SEMINÁRIO MEDIACÃO ESCOLAR

ORADOR

**ROQUE MARTINS**

TÉCNICO NO SOS - CRIANÇA

IAC - INSTITUTO DE APOIO À CRIANÇA

  
INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE LEIRIA



Escola Superior de  
Educação de Leiria

Curso de  
Serviço Social

identidade(s) e  
diversidade(s)  
INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

**06/03/2006**

**14H30**

ESCOLA SUPERIOR  
DE EDUCAÇÃO  
DO INSTITUTO  
POLITÉCNICO DE LEIRIA  
AUDITÓRIO 2

**ENTRADA LIVRE**

Os museus de sítio, locais, regionais, bem como os monumentos que se inscrevem na história de uma nação ou de uma região (religiosos, civis e outros), os objectos produzidos pelo artesanato (cerâmica, vidro, têxteis, vime e outros), pela indústria, pela agricultura, pelas artes, etc., constituem-se como meios privilegiados através dos quais se faz a identificação de um povo a um espaço e a um tempo e, portanto, se fabrica a identidade.

Da mesma forma, o património imaterial, sejam as canções, as danças, os provérbios, os mitos, as romarias ou as feiras, é um símbolo aglutinador de uma comunidade na medida em que as pessoas o usam como reforço e coesão do "nós" social.

Assim se constrói a memória de um povo, de uma aldeia, de uma freguesia, de um concelho, de um distrito, de uma região, de um país. São as imagens do passado, a ritualização da memória e a vivência do presente, ainda que sujeitas sempre à (re)invenção da tradição, que reforçam a ordem social.

# Património e Identidade

Ricardo Vieira  
Fernando Magalhães  
(Orgs.)



Centro de Investigação  
em Identidade(s) e Diversidade(s)  
Laboratório para a História da Língua

# FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MUSEUM DA CIÊNCIA, TRADIÇÃO E ESSAÇÃO SURFANA

atrimónio e Identidade

Ricardo Vieira, Fernando Magalhães



## AMÉRICO CORREIA DE OLIVEIRA



Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Ut dictum pulvinar dolor. Nam sodales. Curabitur id purus sed risus vestibulum suscipit. Maecenas auctor lacus vel neque. Integer ornare turpis vel mauris. Maecenas sit amet odio. Morbi ante eros, pretium nec, elementum in, ornare eget, quam. Suspendisse aliquam. Quisque vitae dui. Vivamus est. Fusce pellentesque tincidunt lectus. Praesent viverra mauris in sem. Sed vitae augue. Integer eget metus. Donec sodales. Suspendisse potenti. Vivamus diam ligula, bibendum nec, posuere nec, mollis at, dui.

Nulla convallis malesuada tellus. Nunc nec nunc. Fusce turpis lorem, tempor pharetra, luctus nec, volutpat nec, orci. Donec lacinia. Pellentesque sem. Suspendisse venenatis. Curabitur posuere bibendum diam. Mauris consequat est consectetur enim. Integer eget nulla. Pellentesque habitant morbi tristique senectus et netus et malesuada fames ac turpis egestas. Donec tellus odio, tristique ut, malesuada faucibus, venenatis nec, metus. Aliquam erat volutpat. Donec elementum molestie lorem. Suspendisse feugiat interdum lectus. Nam risus lectus, iaculis nec, interdum quis, ullamcorper at, dui. Quisque turpis tellus, aliquam non, dignissim vitae, sodales nec, ipsum. Integer nec turpis. Mauris congue metus ut eros.

Suspendisse auctor elit id nibh. Curabitur vel mauris. Sed nisi urna, mattis sed, ultricies eget, euismod sed, massa. Phasellus tortor. Vivamus sed nunc. Fusce sapien pede, aliquet eget, elementum non, elementum eget, justo. Aliquam erat volutpat. Nam iaculis, leo non consectetur ultrices, dolor felis sodales odio, nec vehicula sapien dolor quis diam. Mauris eros nisi, gravida vitae, imperdiet id, faucibus accumsan, felis. Integer porta mattis arcu. Aenean fermentum est sit amet pede. Aenean fermentum rioncus magna. Ut sodales, ante ut tempus consectetur, tortor turpis dictum quam, id blandit

INSTITUTO  
**CAMÕES**  
FONDAÇÃO  
INSTITUTO CAMÕES



# O MUNDO MARAVILHOSO DAS ADIVINHAS MOÇAMBICANA



Instituto Politécnico da Leiria

AMÉRICO CORREIA DE OLIVEIRA O MUNDO MARAVILHOSO DAS ADIVINHAS MOÇAMBICANA

